



**Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**

“Práticas Sociais em espaços públicos: o Bairro dos Arneiros e o Bairro Social N^a Sra do Monte nas Caldas da Rainha”

Sara Huguete Teixeira Camacho

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau
de Doutor em Sociologia

Orientação Científica: Prof. Doutor Luís Vicente Baptista

Lisboa, Janeiro de 2017

Dedicatória pessoal

Dedico este trabalho a meus pais, Mauricio Camacho e Gabriela Camacho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por toda a ajuda, e paciência, um agradecimento muito especial.

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Luís Vicente Baptista, pelo apoio e orientação ao longo de todo o processo. Principalmente pela paciência que teve comigo, pelos ensinamentos e orientações para tornar a pesquisa mais completa, pelas horas de leitura gastas com o meu trabalho e, acima de tudo, pela motivação oferecida que foi fundamental para a realização desta dissertação.

Aos meus amigos pela paciência prestada nos dias de stress e angústia, pelas as leituras que fizeram deste trabalho. Agradeço à Margarida Rézio os longos anos de aprendizagem e, acima de tudo, a paciência para as minhas incertezas. Sem a sua amizade, solidariedade, incentivo e confiança talvez esta tese não existisse.

Á minha amiga Maria de Jesus Chora por contribuir na tradução do inglês.

Por fim, uma palavra especial às pessoas dos bairros, Juntas de Freguesia da cidade que aceitaram receber-me e que tive oportunidade de ouvir. Por se terem mostrado disponíveis para a realização das entrevistas informais que foram fundamentais para o aprofundamento do tema em estudo.

A todos aqueles que me ajudam directa ou indirectamente.

Muito Obrigado.

Resumo

O presente trabalho aborda e evidencia as relações entre morfologia do espaço e os usos quotidianos dos habitantes de bairro. Apresento as práticas sociais nos bairros dos Arneiros e no Bairro Social N^a Sra do Monte, na cidade das Caldas da Rainha, tomando como ponto principal as observações efectuadas sobre as relações que se estabelecem entre os seus moradores e as formas como se apropriam dos espaços públicos dos bairros, as ruas.

As ruas são os locais de eleição para o desenrolar de práticas sociais quotidianas e a interação social. Estes espaços públicos são vistos como lugares onde os habitantes dos bairros vivem a sua vida e interagem, constituindo-se como o palco para a expressão das identidades de pertença a um grupo.

A metodologia adoptada de observação directa das práticas quotidianas e a interação social é utilizada como forma de perceber como se desenrolam os usos nestes espaços. Foi realizada através de um conjunto de contactos descontínuos e centrados nos habitantes dos bairros, informantes, com os quais foi possível aprender a ler a realidade quotidiana que se depara diante dos olhos do investigador.

A partir do estudo dos dois bairros, procurou-se identificar elementos que contribuíssem para a existência de diferentes práticas sociais e formas de apropriação do espaço público.

Os resultados alcançados apontam para a importância que a morfologia do território assume enquanto espaço de complexas interações, pela forma como ele influencia as práticas dos actores.

PALAVRAS CHAVES: Espaço, Morfologia do Espaço, Bairro, Práticas sociais.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to discuss and demonstrate the relationship between urban morphology and everyday practices of neighbourhood inhabitants.

Here, I introduce the social practices of two neighbourhoods in Caldas da Rainha - Bairro dos Arneiros and Bairro Social N^a Sra do Monte. The methodology was based on the observation of the relations between the inhabitants of these neighbourhoods and also on the observation of how the same individuals take profit of the streets as public areas of their neighbourhoods.

The streets are the chosen places to develop the everyday social practices and interactions. These urban spaces are the stage where the individuals express their identity as part of a group - the streets are seen as the places to live and interact.

By adopting this observation methodology, the idea was to understand how these places develop themselves. It was put in practice through several discontinuous contacts, focused on the neighbourhoods inhabitants, informers, through whom it was possible to read and learn the everyday life of these places.

By studying the two neighbourhoods, the idea was to identify elements that contributed to the existence of different social practices and uses of these urban areas.

The results show the importance of the urban morphology as a local space of complex interactions that affect the individual actions.

KEY WORDS: Space, Urban morphology, Neighbourhood, Social practices.

Índice

Introdução	Pág. 1
1ª Parte	Pág.7
Capítulo I – Espaços e Formas de Apropriação	Pág. 9
1.1 - Os Espaços: espaço físico, espaço público e espaço social.....	Pág. 11
1.2 – Espaços urbanos, Formas de apropriação e Identidade	Pág. 16
1.3 – Espaços Urbanos: diversos contextos residenciais urbanos.....	Pág. 22
1.4 – A morfologia do Bairro e a sua influência nos usos e vivências quotidianas	Pág. 25
Capítulo II - Metodologia	Pág. 32
2.1 – Objectivos do trabalho.....	Pág. 32
2.2 – Estratégia Metodológica: Razões da Escolha do Método	Pág. 33
2.3 – Método Adoptado: Estudo de Caso	Pág. 36
2.4 – Instrumentos de Recolha de Informação	Pág. 38
2.5 – Procedimentos na Recolha de Informação	Pág. 43
2.6 – Análise dos resultados	Pág. 45
2ª Parte	Pág.47
Capítulo III – A cidade das Caldas da Rainha	Pág. 50
3.1 – Caracterização geral do Concelho	Pág. 52
3.2 – Caldas da Rainha – Origem e evolução espacial e social .	Pág. 56
3.3 - Caminho de ferro – a importância na organização espacial e social	Pág. 65
3.4 –As freguesias urbanas e alguns dos seus bairros	Pág. 69

Capítulo IV – O Bairro dos Arneiros	pág. 76
4.1 – Localização do território do Bairro dos Arneiros	Pág. 76
4.2 –Principais vias de acesso ao Bairro dos Arneiros	Pág. 79
4.3 –Equipamentos e serviços existentes no Bairro dos Arneiros	Pág. 83
4.4 –Descrição do Edificado do Bairro dos Arneiros	Pág. 87
4.5 –As práticas, os usos do espaço público n bairro dos Arneiros	Pág. 97
Capítulo V – O Bairro Social N^a Sra do Monte	pág. 113
5.1 – Localização do território do Bairro Social N ^a Sra do Monte	Pág. 114
5.2 –Principais vias de acesso ao Bairro Social N ^a Sra do Monte	Pág. 115
5.3 –Equipamentos e serviços existentes no Bairro Social N ^a Sra do Monte.....	Pág. 118
5.4 –Descrição do Edificado do Bairro Social N ^a Sra do Monte.....	Pág. 120
5.5 –As práticas, os usos do espaço público no bairro Social N ^a Sra do Monte.....	Pág. 127
Capítulo VI – As práticas sociais nos dois contextos residenciais.....	Pág. 132
Conclusão	Pág. 144

Bibliografia

Índice de Tabelas, Mapas e Fotografias

Capítulo III

Mapa 1 – Principais vias de acesso, cedido pela CMCR :Caldas da Rainha

Tabela 1 - Densidade Populacional (2001/2011) - por freguesias das Caldas da Rainha

Fonte: INE (Censos 2001/2011)

Mapa 2 – Carta Militar de Caldas da Rainha - Detalhe da Linha de comboio

Mapa 3 - Localização dos 3 principais bairros da freguesia nde Sto Onofre

Fotografia 1 - Casas do bairro: térreas e unifamiliares ao abandono

Fotografia 2 - Casas do bairro: térreas e unifamiliares ao abandono

Fotografia 3 - Casas do bairro

Fotografia 4 - Casas do bairro

Fotografia 5 – Escola Secundária Raul Proença

Fotografia 6 - Fábrica “A Sagilda”

Fotografia 7 – Alguns dos produtos produzidos pela fábrica “A Sagilda”

Fotografia 8 – Alguns dos produtos produzidos pela fábrica “A Sagilda”

Fotografia 9 – Alguns dos produtos produzidos pela fábrica “A Sagilda”

Fotografia10 – Alguns dos produtos produzidos pela fábrica “A Sagilda”

Capítulo IV

Fotografia 11 - Entrada no bairro pela Rua D.JoãoII, perspectiva de quem está no bairro

Fotografia 12- Saida do bairro pela Rua Cardeal Alpedrinha

Fotografia 13 – Entrada no bairro pela estrada da Zona Industrial.

Fotografia 14 - Entrada no bairro pela estrada da Foz

Fotografia 15 - Saida do bairro pela estrada da Zona Industrial

Mapa 4: Bairro dos Arneiros

Fotografia 16 - Rua Manuel de Matos e Sousa

Fotografia 17 - Rua Manuel de Matos e Sousa

Fotografias 18 – Rua Manuel de Matos e Sousa - zona dos campo agrícolas

Fotografias 19 – Rua Manuel de Matos e Sousa - zona dos campo agrícolas protegidas por arame farpado
Fotografias 20 – Rua Manuel de Matos e Sousa - zona dos campo agrícolas protegidas por arame farpado
Fotografias 21- Estrada da zona industrial para a Foz do Arelho
Fotografias 22- Estrada da zona industrial para a Foz do Arelho
Fotografias 23 - Estrada da zona industrial para a Foz do Arelho
Fotografia 24 – Sede do clube de futebol da cidade
Fotografia 25 – Associação “O Arneirense”
Fotografia 26 – Piscinas Municipais
Fotografia 27 – Edifício da Expoeste
Fotografia 28 - Campo de jogos
Fotografia 29 - Jardim
Fotografia 30 - Vista do conjunto – Parque infantil e Campo de Jogos
Fotografia 31 - Transporte público – O Toma
Fotografia 32 – Outra perspectiva do Toma

Mapa 5 - Bairro dos Arneiros – vista aérea

Fotografia 33 - Início do Bairro dos Arneiros
Fotografia 34- Casas do Bairro
Fotografia 35 - Casas do Bairro
Fotografia 36 - Casas do Bairro dos Arneiros
Fotografia 37 - Casas do Bairro dos Arneiros
Fotografia 38- Casas mais antigas/térreas misturadas com casas mais recentes
Fotografia 39 - Casas mais antigas/térreas misturadas com casas mais recentes
Fotografia 40- Bairro do IGAPHE
Fotografia 41 - Bairro do Elias
Fotografia 42 - Bairro do Elias - pormenor do portão de acesso ao bairro e do muro de delimitação
Fotografia 43 - Bairro do Elias - pormenor do portão de acesso ao bairro e do muro de delimitação
Fotografia 44 - Bairro do IGAPHE – vista geral
Fotografia 45 - Bairro do IGAPHE – vista geral
Fotografia 46 - Pormenor da delimitação do bairro do IGAPHE
Fotografia 47 - O bairro do IGAPHE visto a partir da pela Rua Eng. Luís de Paiva e Sousa
Fotografia 48 - Entrada no bairro pela Rua Eng. Luís de Paiva e Sousa
Fotografia 49 - Rua José Tanganho -pormenor do caminho de terra batida
Fotografia 50– separação dos dois bairros Arneiros e IGAPHE - pormenor das escadas de acesso
Fotografia 51 - Bairro do IGAPHE – pormenor da delimitação do Bairro do IGAPHE e o Bairro dos Arneiros
Fotografia 52 - Bairro do IGAPHE – pormenor da delimitação do Bairro do IGAPHE e o Bairro dos Arneiros
Fotografia 53 - Homem de etnia cigana, morador do bairro do IGAPHE

Fotografia 54 - Bairro do IGAPHE – espaço comum
Fotografia 55 - Bairro do IGAPHE – espaço comum
Fotografia 56 - Convívio à sombra, em cadeiras no centro do Bairro do IGAPHE
Fotografia 57 - Vigilância efectuada pelos residentes
Fotografia 58 - Vigilância efectuada pelos residentes,
Fotografia 59 - Senhora moradora no bairro
Fotografias 60 - Produtos diferentes em formato e marcas num pequeno minirmercado do Bairro dos Arneiros
Fotografias 61 - Produtos diferentes em formato e marcas num pequeno minirmercado do Bairro dos Arneiros
Fotografia 62 - Disposição das casas no Bairro dos Arneiros
Fotografia 63 – Roupas a secar na via pública
Fotografia 64 - Objectos particulares na rua
Fotografia 65- Senhora a despejar na via pública o balde após fazer as limpezas
Fotografias 66 - Casal de idosos do bairro
Fotografias 67 - Casais de idosos com sacos das compras das mercearias do bairro
Fotografia 68 - Senhora que vem do supermercado com o saco só com uma fatia de queijo
Fotografias 69 - Pessoas nos cafés e esplanadas do bairro

Capítulo V

Mapa 6: Bairro Social N^a Sra do Monte

Fotografias 70 - Estrada de Tornada - entrada principal no bairro
Fotografias 71 - Estrada de Tornada - entrada principal no bairro
Fotografia 72 – Entrada no Bairro Social N^a Sra do Monte
Fotografia 73 – Estrada de Tornada - entrada no bairro, onde se vê as moradias e os prédios
Fotografias 74 - Entrada lateral pelo Maxmat de acesso aos prédios
Fotografias 75 - Jardim na entrada do bairro
Fotografias 76 - Jardim na entrada do bairro
Fotografias 77 - Parque infantil na zona dos prédios do bairro
Fotografias 78 - Parque infantil na zona dos prédios do bairro
Fotografias 79 - Parque infantil na zona dos prédios do bairro
Fotografias 80 - Zona verde que envolve o bairro
Fotografia 81 - Zona verde que envolve o bairro
Fotografia 82 - Armazém Xia
Fotografia 83 - Maxmat
Fotografia 84 - Vivendas do bairro
Fotografias 85 – Vivendas e prédios do bairro

Fotografias 86 - Os prédios do bairro

Fotografia 87– Os prédios do bairro

Fotografia 88 - As vivendas com o jardim frontal

Fotografia 89 - Pormenores das vivendas com os jardins

Fotografia 90 – Pormenores das vivendas com os jardins

Fotografia 91 – Espaço envolvente que separa as vivendas dos prédios

Fotografias 92 - Espaço envolvente que separa as vivendas dos prédios

Fotografias 93 - Mesa construída pelos moradores

Fotografias 94 – Vista do espaço público de convívio

Capítulo VI

Mapa N.º 7 - Planta do enquadramento dos Bairros no Concelho das Caldas da Rainha

Mapa 8 - Rede Viária Municipal com a localização dos bairros seleccionados

Fotografia 95 - O bairro Social visto a partir do Bairro dos Arneiros

Fotografia 96 - O Bairro dos Arneiros visto a partir do Bairro Social

Introdução

A presente dissertação resulta de uma investigação intitulada “Práticas Sociais em Espaços públicos: o Bairro dos Arneiros e o Bairro Social N^a Sra do Monte nas Caldas da Rainha”, e pretende reflectir sobre o modo como as pessoas se apropriam dos espaços públicos e o tipo de práticas que neles se observa, tendo em conta as diferentes morfologias dos espaços residenciais.

A organização espacial de uma cidade pode ser explicada por múltiplos factores, que ao longo da sua História se foram combinando, nomeadamente, a relação entre a escolha do local e a acção do Homem. De entre os motivos que levam à escolha do local encontram-se questões de vária ordem tais como o relevo do território, questões de defesa, clima, recursos naturais existentes, e as acessibilidades.

O espaço é o local físico onde se desenrolam as práticas sociais, formas de relacionamento social. Simultaneamente, este espaço também é um produto social, ao resultar de diferentes acções do Homem desde a sua concepção, transformação do meio natural, dando-lhe uma morfologia, uma função, e em especial uma significação social. Cada indivíduo atribui um significado, interpreta o espaço de acordo com o seu modelo de pensamento, associando-se com aqueles que possuem os mesmos interesses e gostos que ele, formando aglomerados habitacionais, contextos residenciais, homogéneos socialmente.

O espaço físico da cidade, com os seus usos e significados sociais atribuídos, torna-se espaço público quando utilizado livremente por todos os habitantes desse espaço. O espaço público urbano permite a interacção social, o encontro de pessoas diferentes no mesmo local, contribuindo para a coesão social da comunidade. Este espaço é importante na medida em que permite verificar e analisar os usos e as vivências quotidianas de um grupo de indivíduos.

Na cidade surgem diversos contextos residenciais com características diferentes, quer ao nível social, quer ao nível da qualidade e morfologia das habitações e organização dos

espaços circundantes. Assim, a localização das habitações nos diversos contextos residenciais funciona como um meio de referenciar e hierarquizar grupos sociais, organizar as relações entre os grupos, e a forma como se estrutura a sociedade urbana.

A necessidade da habitação como meio de protecção transforma-se para cada pessoa num bem que engloba também necessidades afectivas e simbólicas com diversas características, como conforto e como meio referenciador do grupo social de pertença.

Apesar de se reconhecer a importância da habitação na organização da vida individual, familiar e social, verifica-se a incapacidade de muitos agregados familiares em lhe aceder, nomeadamente, a população com fracos recursos económicos.

Com a industrialização houve um movimento migratório da população proveniente de zonas rurais para as zonas urbanas em expansão à procura de um emprego na indústria, na construção civil ou nos serviços. Esta população migra para a cidade com o objectivo de obter melhores condições de vida. Com o crescimento da cidade surgem novas avenidas, praças, parques, assim como novos bairros nas periferias (bairros populares, bairros sociais). Os novos bairros que aparecem e que acompanham este movimento de pessoas em migração tornam-se aos poucos em bairros populares, devido à fraca acessibilidade, existência de terrenos livres e por serem terrenos de baixo valor pois ficam longe do centro da cidade. Estes novos bairros são formados por moradores na sua maioria de baixos rendimentos.

Estes novos bairros periféricos, surgem com o crescimento urbano mas de forma desregrada, tendo como consequência o aparecimento de diversos problemas. Entre os problemas de ordem física temos a fraca qualidade do edificado, as deficientes acessibilidades, poucos ou inexistentes serviços e equipamentos de fraca qualidade. A nível social, estes bairros associam indivíduos com as mesmas características, levando ao isolamento e não ao convívio entre os moradores destes bairros com os habitantes da cidade, sendo encarados pelos moradores da cidade com desconfiança.

O enquadramento teórico do presente trabalho recorre a diferentes abordagens sobre o espaço e as práticas sociais e as formas de relacionamento. O espaço enquanto produto social no qual toda a sua organização interna, concepção e edificação não se fazem ao

acaso, sendo a acção do homem, através do conjunto das suas relações sociais, que possibilita transformar colectivamente o meio natural, dando-lhe uma forma, uma função, um sentido e uma significação social. Para refletir sobre o espaço implica observar as práticas sociais quotidianas que nele decorrem e o constituem.

O objectivo central deste trabalho consiste em verificar a relação entre a morfologia do espaço e as práticas sociais, através da observação dos usos dos espaços públicos de alguns contextos residenciais. No desenrolar do trabalho será realizada uma análise da morfologia do espaço residencial, os usos dos espaços públicos e a influência que estes têm no quotidiano das populações e nas relações sociais que se estabelecem nesses contextos residenciais, através das narrativas dos habitantes dos bairros.

Abordarei os usos e práticas sociais vividas nos bairros, sendo os objectivos direccionados para três vertentes específicas: Constatar a relação entre os actores sociais e o uso do espaço público, ou seja, os processos de construção social do espaço. Conhecer as práticas sociais associadas a cada contexto residencial, as suas particularidades e os seus sistemas de relações, e por último, identificar os mecanismos sociais e os conteúdos que produzem as identidades locais, as diversas apropriações do espaço e as respectivas lógicas simbólico-comportamentais que ocorrem no bairro. Verificar os diversos usos emergentes em tempos diferentes do dia e do ano.

O trabalho parte da análise do espaço e a influência que este tem no quotidiano das populações. Irei centrar a reflexão sobre algumas formulações teóricas sobre o espaço social e sobre o espaço público. Para tal, referencio algumas teorias como as de Raymond Ledrut, Lefebvre, Yves Grafmeyer, Manuel Castells e de Jean Rémy.

O presente estudo segue o método qualitativo com recurso a observação directa, à fotografia e à entrevista informal. Este método impôs-se como o mais adequado para alcançar os objetivos delineados. A metodologia seleccionada busca descrever uma situação social ou um grupo e procura adquirir uma compreensão mais profunda de um dado fenómeno social, destacando-se a importância do olhar do investigador. Anteriormente à saída de campo procedeu-se à consulta de bibliografia e análise de documentos respeitantes aos temas abordados.

Para conseguir constatar os usos do espaço público dos habitantes dos bairros foi imprescindível observar e contactar com a população-alvo do estudo, para analisar como estas pessoas constroem o seu quotidiano, a realidade social.

A metodologia passou por um trabalho de campo feito através de diversas visitas ao local durante vários meses em diferentes dias da semana e em horários diferentes, assente na observação e no contacto directo com a população residente. A morfologia espacial foi alvo de levantamento fotográfico.

A técnica fotográfica foi um instrumento muito útil na primeira aproximação ao campo de estudo, assim como ao longo da pesquisa possibilitou uma constante reflexão sobre o nosso objecto de pesquisa, e a construção de imagens sobre o bairro, visto que por detrás da camara fotográfica há a acção do pesquisador que selecciona elementos para a sua anotação. Vários autores utilizaram a fotografia como: Koury (1998), Barthes (1984), entre outros. Diria que a partir das fotos tiradas construí um diário de fotografias e imagens de campo, em paralelo com o diário de campo onde foram anotadas as descrições, possibilitando a posterior reflexão teórica.

Este estudo centrou-se na caracterização geral dos bairros, no sentido de se compreender a vida quotidiana. No que toca à caracterização dos bairros foi primeiramente realizada uma descrição dos aspectos físicos, históricos, e habitacionais. Depois foram trabalhadas as informações recolhidas junto dos espaços públicos de confraternização através de contacto directo no local.

A presente dissertação encontra-se estruturada em duas partes com o total de seis capítulos: na primeira parte procede-se à exploração teórica dos conceitos referentes ao tema. Esta primeira parte está dividida em dois capítulos.

No primeiro capítulo é apresentado o enquadramento teórico, onde são apresentados e debatidas as principais contribuições teóricas sobre o tema, ou seja, realizar-se-á o desenvolvimento da temática do espaço, o espaço físico, o espaço público e o espaço social. A relação entre o espaço e as práticas sociais, ou seja, a organização do espaço e as diferentes práticas que essa morfologia permite.

No segundo capítulo apresento a explicitação da metodologia de pesquisa utilizada, a definição dos objectivos e as técnicas utilizadas para a recolha de dados.

Nesta segunda parte da dissertação concretiza-se o estudo de caso, através da aplicação do conhecimento teórico adquirido anteriormente, com a apresentação dos dados recolhidos com a observação directa e as entrevistas informais. A segunda parte está dividida em quatro capítulos.

No terceiro capítulo realizo uma apresentação e descrição da Cidade das Caldas da Rainha e particularmente dos dois bairros seleccionados para este estudo. Tecerei considerações de ordem histórica relacionada com a sua localização, origem, organização espacial e funcional, bem como os principais momentos em que ocorrem alterações significativas na sua forma urbana relevantes para o seu desenvolvimento urbano, processo social de sua expansão e modificação das suas áreas e bairros.

O quarto capítulo é destinado a uma apresentação e caracterização geral do Bairro dos Arneiros. A caracterização será em primeiro lugar de ordem física e, posteriormente, uma descrição das práticas sociais aí vividas.

O quinto capítulo é destinado a uma apresentação e caracterização geral do Bairro Social N^o Sra do Monte, quer física quer socialmente, através das práticas sociais aí vividas.

No sexto capítulo, é analisado e interpretado alguns aspectos relativos ao quotidiano e práticas dos bairros em estudo, a partir dos seus moradores, e as inter-relações e usos, configuradas no quotidiano dos moradores. Segue-se a apresentação e discussão dos resultados obtidos. Compararei e interpretarei as práticas sociais dos bairros em estudo, tendo em conta os dados recolhidos e a análise teórica realizada. Serão ainda identificados e caracterizados os principais elementos morfológicos que estruturam cada bairro e as principais relações que estes elementos estabelecem entre si e as interacções sociais.

Por fim, a conclusão tem como objectivo recapitular algumas das premissas conceptuais centrais que orientaram a pesquisa. São recapituladas as principais conclusões

empíricas, através de uma reflexão sobre os aspectos importantes do presente estudo. Retomo os objetivos e a discussão sobre os resultados obtidos com o trabalho. Estabeleço as reflexões finais relativamente a cada aglomerado habitacional estudado. Realizo algumas comparações e interpretações, e apresento sugestões para futuras investigações.

1ª Parte

O presente trabalho aborda a temática das práticas sociais em contextos residenciais urbanos, ou seja, pretendo reflectir sobre as relações entre morfologia espacial e os usos do espaço público. Pretende-se conhecer o tipo de práticas que se observa, e o modo como as pessoas se apropriam dos espaços públicos tendo em conta as diferentes morfologias dos espaços residenciais. Privilegiou-se a análise e a observação do espaço público da rua, uma vez que este pode ser considerado como o cenário das manifestações dos usos quotidianos dos vários grupos sociais.

No primeiro capítulo, faço o enquadramento teórico, onde são apresentadas e debatidas as principais contribuições teóricas sobre o tema, ou seja, realizar-se-á o desenvolvimento da temática do espaço, o espaço físico, o espaço social e o espaço público, abordando-se o espaço público, nomeadamente a rua como espaço de usos colectivos, de apropriação. Estabelece-se a relação entre a organização do espaço e as práticas sociais, ou seja, a organização do espaço e as diferentes práticas que essa morfologia permite.

Nas últimas décadas do século XX ocorreram várias mudanças nas cidades, pela sobrelotação da população, pelo aumento do uso do automóvel, pelas desigualdades salariais, e o aparecimento de bairros nas periferias que cresceram nas cidades. Este crescimento ocorre, por vezes, de forma desorganizada, não havendo interligação das pessoas que vivem em certos bairros com as pessoas que vivem nas cidade. Estes problemas de organização do espaço urbano e socioeconómico dos habitantes, afastam a população da cidade destes locais.

E um dos meios de atrair e misturar pessoas, influenciando o aparecimento de uma vida em comunidade, passa pela criação de espaços públicos atrativos que cativem a população para novos usos e a promoção de contactos sociais, construindo uma rede de conhecimento e de “vizinhança”.

No segundo capítulo apresento a caracterização do estudo, com a definição dos objectivos e a explicitação da metodologia e das técnicas de pesquisa utilizadas.

A metodologia seleccionada para o presente trabalho foi a metodologia qualitativa, tendo em conta o tema abordado e os objectivos propostos de análise das práticas e dos usos quotidianos no espaços públicos dos bairros. A metodologia de investigação seguiu alguns passos. Consistiu primeiramente na consulta de bibliografia associada aos temas do espaço, usos e apropriação, sendo seguida pela incursão no terreno utilizando determinadas técnicas para recolha de dados.

O trabalho tem por base um estudo de caso realizada em dois bairros da cidade das Caldas da Rainha, que foi desenvolvido com base numa recolha de dados a partir de várias técnicas: análise documental, fotografias e entrevistas informais para conhecer a história dos bairros, as vivências e usos quotidianos, um mapeamento do edificado e dos lugares que se constituem como espaços de uso público. Esta recolha de dados teve como objectivo o de conhecer os bairros e de identificar os lugares pertencentes ao espaço público assim como o de identificar os usos e práticas específicas de cada espaço.

A escolha dos casos de referência para o trabalho teve por base a escolha de dois contextos residenciais com uma história de origem diferenciada, por se localizarem em freguesias urbanas distintas e pela sua morfologia física diferente.

Capítulo I

Espaços e Formas de Apropriação

Este capítulo inicia com a discussão de algumas perspectivas do espaço e dos seus diferentes usos. Para uma melhor compreensão do fenómeno da morfologia e organização espacial e da forma como se processa a interacção social nos bairros em estudo, irei realizar uma abordagem à temática do espaço e à forma de construção, apropriação, e atribuição de significado do espaço pelos diversos grupos sociais.

A organização e a estruturação espacial do meio tem efeito sobre o comportamento humano. A expressão física do lugar tem repercussões psíquicas e afectivas que podem contribuir para o equilíbrio biológico e do relacionamento social que o indivíduo mantém com o outro.

Através do estudo da importância que o espaço físico detém na acção do homem, é possível analisar a influência do espaço físico sobre o comportamento do indivíduo. Os espaços constroem-se na interrelação das práticas sociais, espaço social, com o meio, espaço físico. O espaço é uma sobreposição de espaços. No entanto, e segundo Machado Pais (2009), *“o que tem importância social não é o espaço, mas as vivências sociais que nele decorrem e que o convertem de um vazio em algo com significado sociológico.”* (pp. 91-92).

O espaço social é o resultado de no espaço físico se verificarem as várias práticas quotidianas de grupos sociais diferentes. Ou seja, o espaço, utilizado pelos actores sociais, é o resultado da existência simultânea de vários usos quotidianos de diferentes grupos sociais, no espaço público. A forma como o Homem se identifica, usa e apropria desse espaço difere de indivíduo para indivíduo e de grupo social para grupo social, de acordo com a dimensão afectiva e significações simbólicas atribuídas pelos actores sociais que se movimentam nesse espaço.

O espaço é organizado, ordenado conforme as necessidades e interesses do Homem ou grupo social, ao mesmo que é construído um significado desse espaço atribuindo-lhe uma dimensão afectiva, o indivíduo está a apropriar-se desse espaço. A apropriação é entendida como o ato de tomar posse de algo que em princípio não possui um dono, visto tratar-se do espaço público, e que, portanto, é de uso comum a todos.

O espaço é a projecção, no terreno, de toda uma sociedade, com os seus hábitos e costumes, as suas instituições, os seus valores e as relações sociais que constituem a sua estrutura social propriamente dita. O território urbano é um espaço de interacção e comunicação constituindo-se desta forma como propiciador do encontro dos diversos grupos sociais. Os indivíduos perante o espaço têm percepções diferenciadas do mesmo espaço. Pode-se verificar a atribuição de significado de cada indivíduo ou grupo, através da análise e observação das práticas da vida quotidiana dos actores sociais, a que chamamos de apropriação do espaço por parte do indivíduo.

A apropriação do espaço, tal como a define a autora Paula Almeida (1994), significa a forma como o homem interioriza a imagem desse espaço e como age, reage, e o interpreta.

Lamas (2010) menciona que “(...) *As formas não têm apenas a ver com concepções estéticas, culturais ou arquitectónicas, mas encontram-se indissociavelmente ligadas a comportamentos, à apropriação e utilização do espaço, e à vida comunitária dos cidadãos.*” (pp.28)

A problematização sobre o espaço remete-nos para as teorizações sobre o impacto do espaço físico e espaço público no espaço social, o estudo e análise da morfologia e organização espacial, as condicionantes para a transformação espacial e a forma como se processa ao longo do tempo. No desenvolvimento do trabalho irei tratar alguns conceitos tais como: o espaço, espaço físico, espaço público, espaço social e formas de apropriação desse espaço. Assim, procurarei ir ao encontro de elementos da organização espacial, que ajudem a compreender as interacções quotidianas no local de residência.

Possuo como alvo da investigação a análise de dois bairros urbanos e dos seus moradores, o Bairro dos Arneiros e o Bairro Social N^a Sra. Do Monte. Durante a

observação andei por entre os espaços e ruas e contactei os moradores dos bairros da cidade e mantive uma relação cordial com os públicos que percorrem os diversos espaços urbanos nas suas diferentes temporalidades.

1.1 – Os Espaços: espaço físico, espaço público e espaço social

A concepção do espaço não pode ser considerada simplesmente como, de acordo com as palavras de Grafmeyer (1995) uma *“superfície de registo neutra, uma espécie de desdobragem material da vida social. Na própria medida em que ele é o produto, o espaço faz parte integrante desta vida social.”* (pp.32). Pois o espaço ao ser influenciado pelas acções do Homem simultaneamente influencia as interacções quotidianas, tendo em conta a forma como o edificado é construído.

Ledrut (1977) afirma a existência de uma organização subjacente ao espaço das cidades. Essa organização, segundo ele, está assente na “função do espaço”, nos papéis diversos que as cidades e os seus bairros desempenham relativamente à totalidade onde se inserem. O seu objectivo é reconstituir o conjunto a partir da análise da diferenciação e da composição do espaço. Ledrut vai analisar o espaço urbano como um sistema de trocas entre diversos sectores que ocupam um lugar e desempenham uma determinada função.

Deste modo, todo o espaço habitado e percorrido é resultado da marca das actividades humanas que nele se desenrolam. Grafmeyer (1995) conceptualiza o espaço como algo que é simultaneamente produto da actividade humana e fonte de efeitos sobre as maneiras de agir e de pensar.

Neste contexto, constatamos que o espaço é parte integrante da vida social, não sendo apenas, como refere Grafmeyer (1995), uma superfície neutra, sendo um registo particular da vida social com uma relação de interdependência com outros registos.

Na interacção entre espaço e grupo social, Grafmeyer (1995) refere -se ao espaço como um objecto de mediação da vida urbana: na competição entre os diferentes agentes

(produtivos, sociais, empresariais...) pela apropriação do solo; o controlo da vizinhança e do acesso aos espaços públicos; mediação, também, das dominações políticas baseadas em competências territoriais.

Grafmeyer (1995) e também Manuel Castells (2000) salientam que o espaço é um produto, ao qual o homem dá uma forma, uma função, uma significação social, sendo, desse modo, a expressão concreta de cada conjunto histórico, no qual uma sociedade se especifica. O espaço urbano surge, assim, de forma estruturada, isto é, não está organizado ao acaso, e os processos sociais que se ligam a ele exprimem, ao especificá-los, os determinismos de cada tipo e de cada período da organização social (Castells, 2000).

Lefebvre defende uma noção de espaço urbano mais multifacetada, ou seja, neste caso, o corpo da cidade é constituído pelas suas linhas, espaços vazios e volumes construídos, os quais não se constituem como um simples palco das acções humanas ou consequência de uma dada estrutura social, mas como um dos elementos que “instigam” as interações da sociedade.

Rémy, por seu lado, demonstra uma perspectiva mais global e pragmática que as teorias referenciadas anteriormente. O seu principal objectivo é o de definir um determinado estatuto teórico para o espaço e o seu impacto nas relações sociais (Rémy e Voyé, 1981, 1994). No entanto, estes autores também referem que enquanto factor determinante, o espaço não deve ser tomado isoladamente, sendo necessário procurar as suas articulações com outros factores explicativos, inserindo-o em modelos plurais ou pluridimensionais.

Como tal a estrutura espacial é inseparável da estrutura social, por apresentar a marca da acção humana. O espaço não se limita a conter os sistemas de relações sociais, é a base territorial das práticas sociais, mas também é um elemento que constitui e influencia essas relações, dependendo da organização e morfologia do edificado. Então, o espaço influencia o Homem assim como o Homem influencia o próprio espaço.

Castells (1999) afirma que *“o espaço não é o reflexo da sociedade, é a sua expressão. As formas e os processos espaciais são constituídos pela dinâmica de toda a estrutura*

social.” (pp.435). Também Lefebvre (1998) argumenta que “*A cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com a sua composição e o seu funcionamento, com os seus elementos constituintes (campo e agricultura, poder ofensivo e defensivo, poderes políticos, Estados, etc.), com a sua história. Portanto, ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto.*” (pp.46)

Assim, pode dizer-se que o espaço é uma associação de espaços – físico e relacional/social, no sentido em que “*o que tem importância social não é o espaço, mas as vivências sociais que nele decorrem e que o convertem de um vazio em algo com significado sociológico.*” (Pais, 2009, pp.91-92).

De entre os espaços surge o espaço público que é considerado como aquele espaço que, dentro do território urbano, é acessível a todos os cidadãos. A cidade é um espaço constituído por espaços públicos, abertos a todos e por espaços privados, de acessibilidade limitada. O espaço público é o lugar que é de uso comum, acessível a todos os cidadãos e de posse de todos, caracteriza-se pelos usos que nele se desenrolam. A principal característica que distingue o espaço público do espaço privado é a facilidade de acesso. Francesco Indovina (2002) descreve o espaço público como espaço de acesso ilimitado onde não são impostas condicionantes. É nele que se desenvolvem actividades colectivas, como o convívio entre os diversos grupos que compõem a sociedade. E é entendido também como espaço de circulação, de visibilidade pública.

Os espaços públicos compreendem os lugares físicos com as infraestruturas e os equipamentos coletivos que dão suporte à vida quotidiana comum, assim como o conjunto de significados coletivamente atribuídos. O espaço público tem uma configuração, uma morfologia que o caracteriza e define, transformando-o num lugar único. No entanto, um espaço não é só a sua morfologia, o seu desenho físico, mas é caracterizado também pelo conjunto dos seus usos e atribuição colectiva de significados. Rémy e Voyé (1981) caracterizam os espaços públicos como sendo o palco das interacções sociais e como tendo um papel integrador na consolidação de laços entre os indivíduos. Uma vez que os espaços públicos permitem o encontro de diferentes pessoas num lugar onde podem interagir uns com os outros, ao facilitar esses contactos os espaços públicos podem contribuir para a coesão das comunidades.

Os espaços públicos constituem-se como elementos estruturantes, decisivos na produção e construção da cidade na medida em que é nestes espaços que se manifestam e se observam os usos, as práticas quotidianas. O espaço público é um espaço social, um espaço de representação, no qual a sociedade se torna visível. Assim, ao percorrermos esses espaços e através da observação e análise dos usos que se realizam nos espaços públicos podemos conhecer os significados coletivamente atribuídos a esses espaços e assim conhecer a cidade. Borja (2003) refere que o espaço público é importante para a coesão social.

Os diferentes usos do espaço público permitem identificar as funções desses espaços. Os espaços públicos podem -se definir como espaços de circulação, espaços de lazer e recreação, como a rua ou a praça. O espaço público é o local de encontro, de estar e local de passagem. Os espaços públicos, como refere Carlos Fortuna (1998/1999) *“apesar de serem lugares de passagem, de distração e de sociabilidades efêmeras e fugazes, são territórios onde se materializa uma parcela substancial dos encontros e das interações entre os sujeitos, assim como da sua relação simbólica com a cidade.”* (pp.112)

O espaço público não deve ter apenas a função de passagem, próprio da lógica da deslocação com o automóvel particular, com o objetivo de somente atravessar o local no menor tempo possível, mas o de permitir o encontro de diferentes pessoas num lugar onde podem interagir com os outros. Ao facilitar esses contactos, os espaços públicos podem contribuir para a coesão das comunidades.

De entre os vários espaços públicos urbanos, a rua é um elemento estruturante do desenho, morfologia urbana. A rua assenta num lugar físico e regula a disposição dos equipamentos urbanos (edifícios) e tem a função de unir, ligar ou realizar a transição entre os vários espaços (praças, serviços...) de forma mais coesa e equilibrada.

A rua como espaço público é um espaço de deslocação mas também de convivência e de relacionamento, onde as pessoas se encontram e contactam. Herman Hertzberger (2006) realça o papel da rua como um lugar onde o contacto social entre moradores pode ser estabelecido. A rua é observada e analisada através do desenrolar de atividades quotidianas, como as deslocações, as brincadeiras infantis e os encontros de vizinhos.

Espaços públicos urbanos construídos com uma morfologia uniforme e homogénea com uma só função ou para um único grupo social tornam-se espaços monótonos e pouco atractivos. No entanto, os espaços públicos com maior diversidade de funções e maior utilização para contactos sociais tornam-se espaços atrativos que fomentam contactos entre indivíduos.

Sendo o espaço público um elemento articulador do tecido urbano, a falta de lugares para se proporcionarem momentos de encontro e de relacionamento, de manifestação dos grupos sociais, tornam um lugar num espaço que perde o seu carácter funcional de espaço social integrador, de encontro e partilha. Por isso, o espaço público deverá estar adaptado a todas estas exigências, pois quando assim não acontece torna-se um simples local de passagem.

O espaço público é como um palco, um cenário da vida urbana, onde os actores sociais interagem e constroem representações face aos outros. Entre os papéis do espaço público na cidade salientam-se os de lugar potenciador de encontro social, de comércio e de circulação dos seus utilizadores.

Os espaços públicos, enquanto *“lugares de passagem, de distração e de sociabilidades efémeras e fugazes, são territórios onde se materializa uma parcela substancial dos encontros e das interações entre os sujeitos, assim como da sua relação simbólica com a cidade.”* (Carlos Fortuna, 1998/1999, pp.112) devem ser capazes de acumular outras funcionalidades com o objectivo de proporcionar maiores contactos entre as pessoas na cidade.

A ideia de vivência de rua baseia-se no facto de os moradores partilharem estilos de vida e ambições semelhantes quanto ao uso do espaço da rua, o sentimento de comunidade. A rua é por isso o ponto de encontro e sala de estar para a convivência entre membros de uma família que é a comunidade onde cada um vive.

Tim Sieber (2008) refere que *“(…) as pessoas usufruem e ocupam plenamente as ruas junto às suas residências privadas, às suas casa da cidade. A rua opera a ligação espacial mais imediata com o domínio público e, de facto permite albergar*

temporariamente extensões criativas do espaço privado, doméstico, constituindo o palco para a expressão de identidades de grupo, especialmente culturais”. (pp. 61)

A rua é caracterizada como um elemento essencial para a constituição da morfologia urbana que permite a ligação entre os elementos físicos, como praças e edifícios, e sociais. É um lugar com multifuncionalidades, tais como de passagem, de apropriação e extensão dos edifícios.

As ruas, praças, parques, enfim, todos os tipos de espaços públicos, sofrem tipos de apropriação diferentes, sendo que essas apropriações se relacionam com as localizações dos espaços, com a hora em que ocorrem, com as características dos actores sociais e com as faixas etárias que utilizam os diferentes espaços ao longo do dia.

Todos e cada um transportam consigo tradições, hábitos e usos mais ou menos consolidados, que se repercutem no modo como circulam ou ocupam o espaço público, que por sua vez também não é utilizado de igual modo nos diversos bairros que compõem a estrutura urbana da cidade.

Assim, são as actividades quotidianas, as práticas, que caracterizam o espaço social. Estes espaços são determinados pelas características da população que o utiliza e pelos diferentes modos de vida na cidade. Mela (1999) considera o espaço urbanizado, a cidade, como uma expressão no espaço físico, local, da acção do homem, da sociedade.

1.2 – Espaços urbanos, formas de apropriação e identidade

Todos os habitantes contribuem com as suas práticas para a construção do espaço social com as suas percepções, significações e as suas representações. Pode-se verificar as percepções e a atribuição de significado diferenciadas que cada indivíduo ou grupo dá através da análise e observação das práticas da vida quotidiana dos actores sociais, a que chamamos de apropriação do espaço.

A apropriação de espaço depende, por um lado, da avaliação que os actores fazem desse espaço, tendo em conta as reacções imediatas dos actores sociais, da qual depende a sua identificação com o espaço. No fundo, apropriação significa tomar para si, tendo por base uma ideia de pertença e identidade com esse espaço.

O espaço é a representação de uma determinada forma de organização e localização do habitat, e age sobre os modos de vida, estruturas familiares e as formas de pensar. O espaço físico, é o suporte das significações que cada um atribui e que são partilhadas, acabando por formar zonas de significados escolhidos pelo mesmo grupo social, como refere António Arantes (2001): *“nesse espaço comum, quotidianamente trilhado, vão sendo construídas colectivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam, ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais nas suas múltiplas relações. Por esse processo, ruas praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações compartilhadas”* (pp.259 e 260). O sentimento de pertença a um determinado espaço provém fundamentalmente da imagem que se cria desse espaço e da forma como o indivíduo o assimila e avalia.

Os próprios actores sociais criam símbolos de identidade, diferenciadores entre grupos mas também entre universos residenciais. Gilbert Clavel (2004) acentua esta ideia ao afirmar que *“os indivíduos ou os grupos sociais identificam-se distinguindo-se; esta actividade de distinção pode fazer-se ora pela aquisição ou usufruto de bens, sinais de pertença ao grupo social de referência, ora sob a forma de rejeição de um outro grupo cuja posição social é considerada indesejável.”* (pp.62)

Cada território tem uma identidade própria, que resulta do modo como os indivíduos e os grupos sociais vivem, identificam e apreendem os seus diferentes espaços, o que pressupõe o envolvimento de todos os actores sociais.

Na cidade actual os espaços são funcionalmente especializados (trabalho, lazer, residência...) em que as várias actividades profissionais e sociais se distribuem pelos vários espaços. Este efeito de dissociação espacial das actividades é acompanhada por uma tendência para a sua concentração em locais especializados, próprios para o efeito, adquirindo, assim, cada espaço uma determinada função dominante, com tendência para a monofuncionalidade. Ao nível residencial existe, igualmente, a tendência para uma

certa especialização. Neste sentido, os espaços com a função residencial, correspondem a reagrupamentos da população com o objectivo de o habitar segundo a sua categoria social.

A construção e reconstrução das identidades, passa, como nos explica Fortuna, (1995), por um processo de “... *acção de contínua re-elaboração (...) de acordo com a multiplicidade de situações sociais do quotidiano (...) e que proporcionam um contínuo reajustamento das matrizes identitárias dos sujeitos*” (pp.3).

As características que moldam as identidades sociais dos indivíduos ajudam, também, à formação da identidade de grupo. A posse de certas qualidades levam o indivíduo a sentir-se como parte de uma comunidade juntamente com os restantes possuidores dessas mesmas qualidades. Os não possuidores desses atributos agrupam-se, conscientemente ou inconscientemente, com os outros que julgam ser possuidores desses mesmos atributos formando outras comunidades sociais.

Os espaços físicos dos bairros são transformados em espaços sociais através da atribuição e da apropriação de símbolos e significados da sua identidade. Os actores sociais criam símbolos de identidade, diferenciadores entre habitantes de outros espaços, entre universos residenciais, “*sendo as identificações acompanhadas por complexos e subtis processos de diferenciação. O vestuário, em particular, aparece entre os jovens como um instrumento de integração grupal, um poder simbólico*”. J. Machado Pais (2003, pp.121) A aparência é causa e efeito de actividades de comunicação, onde se revelam territórios de pertença, estéticas inclusivas ou exclusivas de determinado grupo.

Assim, os indivíduos possuidores de uma determinada forma de agir e pensar tendem a juntar-se com outros indivíduos possuidores dessas mesmas características, formando grupos sociais, dotados de uma organização própria.

Goffman (1988) considera que são os próprios “*ambientes sociais*” que definem as tipologias dos indivíduos que encontramos num determinado espaço, pois, de acordo com Goffman “*A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas*” (pp.5). É nesses espaços que encontramos um determinado grupo social com características

comuns e com significações compartilhadas. Formando comunidades sociais com aqueles com quem nos identificamos e passamos a pertencer a esse grupo social.

O espaço condiciona e modifica as vivências e obriga à reformulação constante das identidades. O conjunto de imagens e de representações que o indivíduo recria do seu espaço residencial depende da forma como este o apropria, dependendo do modo como ele é avaliado.

Esta organização social e espacial vai ao encontro da explicação dada por Goffman (1988) para a definição de Estigma. Para este autor, o estigma é uma característica que o indivíduo possui e que faz com que o indivíduo não se integre no quadro de características que o grupo dominante possui, tendo assim um efeito de descrédito. Contudo, o estigma não se refere obrigatoriamente a uma característica má, negativa. Sendo que a mesma a mesma característica que, por um lado é um estigma, por isolar o indivíduo de um determinado grupo, por outro poderá facilitar a inserção desse mesmo indivíduo noutro grupo, que o verá e aceitará como normal. Assim, determinadas características dos indivíduos funcionam como um factor de identidade (Goffman, 1963). O mesmo autor refere-nos, também, que as pessoas com o mesmo estigma têm, normalmente, aprendizagens semelhantes, pois ao contactarem só com os elementos da sua comunidade uma vez que é marginalizado pelos das outras comunidades só realizam as aprendizagens do seu grupo social.

Na fase inicial, os actores sociais começam pela percepção de que a sociedade é composta pelos ditos “normais” e pela incorporação de crenças, da identidade e do que significa ter um estigma. Posteriormente, os estigmatizados apercebem-se de como são vistos pelo resto da sociedade e tentam proteger-se, mantendo-se dentro da comunidade dos iguais de forma a não sofrerem e sentirem o “olhar” que magoa quem possui um estigma (Goffman, 1988).

Pelo que referi, ao examinar a composição espacial e os efeitos na estrutura social, percebemos que para Rémy (1994), as cidades se caracterizam por uma divisão social dos espaços de residência, com uma determinada categoria a dominar a composição social de cada contexto.

Este domínio de um grupo social não é apenas numérico, conforme refere Grafmeyer (1995), mas também a marca que esse grupo imprime à imagem do lugar e do controlo que os seus membros exercem sobre as socializações locais, ou seja, sobre os modos de vida e, às vezes, sobre os próprios processos de organização espacial.

Significa isto, que, embora a opção por uma dada localização seja muitas vezes, influenciada por factores de atracção subjectivamente ponderados (acessibilidade, qualidade de equipamentos, existência de serviços, tranquilidade...), existe, no entanto, a possibilidade de o peso dessas características se modificarem em função de factores económicos com tendência a exacerbar a segregação sócio-espacial, isto é, para a estratificação dos grupos sociais por locais de residência.

Assim, as escolhas são dominadas pelas possibilidades económicas dos actores sociais e pela oferta disponível, ou seja o conjunto de espaços residenciais a que possam aceder. As cidades assemelham-se não pelas funções que exercem, mas pelos equipamentos e diferentes espaços residenciais que possuem e que possibilitam a organização e o seu desenrolar quotidiano (Magnani, 2002).

Os bairros, contextos residenciais com uma homogeneização social tendem a agrupar os indivíduos com as mesmas características, gostos e interesses no mesmo espaço. Na cidade são criados alguns contextos com qualidade de equipamentos que agrupam indivíduos com certo poder económico e social, simultaneamente que são construídos espaços, bairros, com fraca capacidade de atracção devido à precariedade dos seus equipamentos e assim exercerem atracção somente para grupos sociais com fraco poder económico e social. O aparecimento destes bairros diferentes na cidade e quando os seus moradores não contactam com os outros contextos residenciais urbanos tem como consequência a origem de uma cidade fragmentada onde o isolamento de grupos sociais dá origem a bairros “separados” e a uma fragmentação social.

Os contextos residenciais dos bairros carenciados das periferias caracterizam-se por uma identidade negativa, que resulta em parte da assimilação dos caracteres exteriormente atribuídos a esse espaço. A abordagem das práticas sociais dos indivíduos no seu espaço residencial passa, quer pela avaliação que dele faz quem nele reside, quer

de outras proximidades identitárias entre os indivíduos do mesmo contexto residencial e com outros habitantes da cidade.

Esta representação social dos territórios ocupados pelos grupos sociais mais fragilizados está marcada por uma valorização negativa. Pois, ao atribuir às condições do espaço a imagem de espaço com conotação negativa, esta é também alargada aos sujeitos sociais que vivem nesses territórios, onde existe um sentido subjacente que se articula às dinâmicas encontradas nesse espaço.

A percepção da imagem negativa do contexto residencial do bairro carenciado, estende-se a quem o habita, faz com que alguns dos seus habitantes se isolem e sintam uma certa vergonha e, em certas situações, desenvolvam estratégias de encobrimento, por forma a garantir ao máximo uma vida “normal”, dentro das expectativas vulgarmente aceites pela “sociedade” da cidade.

Estas estratégias de encobrimento demonstram que muitos dos residentes nestes espaços reconhecem que vivem em locais problemáticos e desqualificados socialmente e se recusam a ser tratados como marginais. O estatuto inferior e desvalorizado que lhes é conferido pela sociedade marca bastante os sentimentos experimentados por alguns residentes. Muitas vezes reconhecem que vivem com dificuldades económicas, possuem baixos níveis de escolaridade e de formação profissional, por outro lado, contestam e recusam-se a ser vistos como os marginais que habitam ou frequentam o bairro, pelo que por vezes permanecem só pelos espaços do bairro ou fecham-se em casa.

As populações dos bairros periféricos não estando inseridas no desenrolar da vida urbana de apropriação do espaço público, centram o seu quotidiano basicamente na vida social local. Segundo Isabel Guerra (1998), existe uma desvalorização do modo de vida urbano e da cidade, e um autofechamento social e espacial em torno do local de residência em detrimento de uma rede alargada de relações sociais espalhadas no espaço. Ou seja, o espaço residencial associa e articula as várias dimensões e espaços da vida quotidiana, em particular o lazer, o convívio familiar, as redes de relações sociais e, por vezes, o próprio trabalho.

O “tipo de vida” que se desenrola nestes locais de residência, embora desqualificados, seguindo a ideia de Herbert Gans (1962), acaba por ser um exemplo de como o espaço urbano aloja unidades de vizinhança integradas com base em laços sociais do tipo comunitário e pela partilha de valores comuns.

Na cidade actual com a construção de diferentes contextos residenciais surge uma separação física da população, o que dificulta os contactos sociais e ao mesmo tempo intensifica a fragmentação social, mudando a forma de apropriação do espaço e transformando as práticas para cada grupo de indivíduos. O isolamento social do homem, nas cidades, decorre da diminuição de espaços públicos ou da falta de incentivo para o uso desses espaços para os indivíduos interagirem em grupos de vizinhança. Através da análise das inter-relações e dos usos visíveis no espaço público que emergem no quotidiano dos habitantes dos bairros tentei decifrar e interpretar o social.

1.3 – Espaços Urbanos: diversos contextos residenciais urbanos

Com o contínuo crescimento populacional nas cidades, derivado da industrialização e da procura de melhores condições de vida, e como as cidades não estavam preparadas para receber um elevado número populacional, surgem problemas habitacionais. A origem dos diversos bairros, contextos residenciais foi diferente nas diversas cidades, pois cada cidade tem uma história e crescimento diferente consoante o que está na origem da cidade.

Assim, na cidade surgiram diferentes contextos residenciais, que são passíveis de diferenciação de acordo com determinadas características que estão na sua origem: os bairros operários, criados perto de e em função de um pólo industrial; os bairros de origem clandestina; os bairros de cariz social construídos pelo Estado.

De acordo com Luís Capucha e Teresa Barata Salgueiro podemos constatar a existência de alguns tipos de contextos residenciais com características particulares. A diferença entre os bairros baseia-se principalmente na morfologia arquitectónica e na qualidade dos materiais utilizados na construção do conjunto habitacional: enquanto que nos

bairros de origem ilegal temos loteamentos clandestinos e espalhados pelo espaço e de construção horizontal de fraca qualidade, nos bairros construídos pelo Estado o parque habitacional é normalmente de construção vertical ou em altura.

Os bairros de origem ilegal construídos nas cidades porque havia uma enorme procura de alojamentos e os preços existentes das casas já existentes na cidade eram demasiado altos. O que fez com que procurassem alternativas nas periferias das cidades, onde os terrenos eram mais baratos, para colmatar a sua necessidade de habitação.

Estes contextos são caracterizados pela dupla funcionalidade do usos do solo, como residencial e agrícola. Os materiais de construção das casas são muito fracos e precários. As casas possuem um aspecto inacabado, por vezes de barracas, têm pouca acessibilidade, e existem traços de ruralidade misturados com diversos elementos poluentes, fábricas, sucatas, depósitos de lixo.

O desejo pela casa com espaço exterior “*para cultivar ou apenas manter-se em contacto com a terra*” (Ana Santos 2008, pp.28), demonstra o imaginário rural que persiste nas origens dos moradores e simboliza esse desejo mais íntimo pela ruralização do urbano.

Os bairros populares antigos das cidades são situados perto das zonas centrais das cidades. Nestes bairros verificam-se contrastes sociais fortes porque são constituídos por pensionistas idosos, desempregados, trabalhadores pouco qualificados, comerciantes, empregados e quadros dos serviços e da indústria, profissionais intelectuais e científicos.

A imagem e a realidade destes bairros é por vezes a de um bairro pobre, mas dotado de uma auto-estima e de um sentido de capacidade de competência social, uma vez que são bairros antigos e na zona histórica da cidade possuem uma heterogeneidade social e uma necessidade de demonstrar iniciativas, culturais e desportivas em grupo e união de grupo do social sem problemas de forma a atrair mais população para fixar-se nesse local demonstrando o orgulho de morar nesse bairro.

Este sentimento de pertencer à mesma comunidade, de participar nas mesmas actividades quotidianas, é o elemento básico para delimitar a configuração de um bairro, no espaço físico e social.

Nos bairros de origem ilegal verifica-se um forte crescimento populacional e urbano que veio traduzir uma desordem urbanística, em que as obras são feitas sem a competente licença. As construções são muito simples, porque tinham de ser construídas, normalmente, num fim-de-semana. As casas tinham um só piso, de construção e aspecto simples e acompanhadas de hortas que serviam de sustento. São construções que se desenvolveram à margem do processo normal de urbanização e arrastam consigo várias deficiências nas condições de habitabilidade e de infraestruturas.

Outro tipo de bairros são os designados de bairros de “habitação social” sugerem que a construção das habitações teve uma intervenção com preocupações de origem social, por parte do Estado. Assim, como refere Andreia Ribeiro (2015) *“Com o intuito de diminuir esses problemas, começam a surgir, a partir de 1930, os programas habitacionais do estado novo por meio a resolver os problemas de insalubridade e de habitação, através de alojamento das famílias mais carenciadas, para os quais as rendas eram adaptadas ao seu rendimento”* (pp. 61). São construções ligadas a indivíduos economicamente fragilizados que não possuem possibilidades de acederem ao mercado de habitação e que por isso, necessitam do apoio do Estado. A formação desses bairros sociais caracteriza-se por ser constituída por construções em altura, capazes de realojar o maior número possível de famílias.

Nestes bairros, como refere Ferreira (1994), verifica-se igualmente a fraca qualidade dos espaços e habitações assim como dos equipamentos sociais colectivos, como os espaços de lazer, de desporto e de ocupação de tempos livres, facto também mencionado pela autora Teresa Pinto (1994), ou como ainda refere Isabel Guerra (1994), a existência deficiente da construção e arranjo dos espaços exteriores aos fogos. Andreia Ribeiro (2015) refere também outra característica negativa destes contextos residenciais como *“A construção destes imóveis desarticulados entre si, isolados de vias públicas e situados em locais desprovidos de transportes públicos e de equipamentos básicos, originou situações complicadas”* (pp. 61).

Grafmeyer (1995) refere que nos contextos de habitação social podemos falar de uma tripla segregação. Esta tripla segregação afecta quem reside neste local e assenta na localização, na qualidade do alojamento, nos equipamentos colectivos e nas distâncias existentes entre o domicílio e o local de trabalho.

Nestes contextos residenciais de habitações sociais a imagem dos bairros, como espaço dos operários e pessoas carenciadas, consolidou - se nas cidades, o que pode contribuir para o acentuar da homogeneização social e assim a marginalização de certas áreas. A concentração de indivíduos ou de grupos excluídos, permite a atribuição de conotações negativas aos territórios, afectando o seu valor na escala de prestígio.

1.4 – A morfologia do Bairro e a sua influência nos usos e vivências quotidianas

Interessa debruçar-nos sobre o estudo dos contextos residenciais e o relacionamento entre os indivíduos resultante da sua vida em grupo. Estudar a vida quotidiana dos grupos em sociedade partindo da análise dos usos do espaço urbano. Os contextos residenciais com morfologias diferentes são um espaço onde as práticas sociais se desenvolvem através da interação dos indivíduos que o constroem socialmente.

A morfologia, a disposição das habitações, limitam a fronteira identitária dos contextos residenciais, o bairro com outros bairros, afirmando-se como um espaço específico, quer em termos sociais, arquitectónicos e paisagísticos como ao nível das práticas.

Cada espaço tem a sua morfologia e os seus usos, o que origina práticas diferentes para cada um dos territórios, necessitando de se estudar cada território de forma diferenciada. Karina Kuschner (1999) citando Park afirma que a “*cidade apresenta divisões espaciais bem demarcadas de acordo com uma certa «organização moral», baseada nos hábitos, costumes e estilos de vida de seus habitantes.*” (pp.94). Para Park (1987), a cidade é algo mais do que um conjunto de indivíduos, de uma série de ruas, edifícios, lojas, instituições, luzes, telefones. A cidade é principalmente um estado de espírito, um

conjunto de costumes e tradições, com sentimentos e atitudes inerentes aos costumes, que se transmitem pela tradição.

A hierarquização espacial que integra determinadas áreas e segmentos da população enquanto exclui outros, parece ter contribuído para a ocupação de áreas distintas pelas populações, resultando em uma separação física e simbólica da população da cidade, o que dificulta a interacção social mas intensifica a fragmentação das identidades colectivas, inferiorizando determinados segmentos sociais e mudando a apropriação do espaço público.

As transformações espaciais associadas aos reagrupamentos sociais e à nova organização social fizeram emergir um processo de expansão territorial por aglutinação que incorpora várias áreas distintas entre si e lhes atribui novos usos e significados.

A política de divisão da cidade em zonas específicas de acordo com funções próprias (residencial, comercial, industrial...) não teve só efeitos na morfologia do habitat através de uma segregação espacial funcional, mas condicionou também a segregação entre as próprias áreas residenciais. Surgem novas formas de urbanização, caracterizadas pelas funções sociais do urbanismo, de concepção utilitária e económica.

O aparecimento dos diferentes contextos residenciais, em particular dos bairros sociais na cidade industrial, verifica-se aquando das migrações rurais para a cidade de indivíduos das classes populares. Os contextos residenciais dos bairros sociais são distintos de todos os outros espaços da cidade, quer em termos sociais, quer arquitectónicos ou de espacialização no tecido urbano, que representam situações de segregação urbana.

Luis Baptista e Joan J. Pujadas (2000) mencionam que estes espaços se constituem em *“...enclaves possuem formas de identificação colectiva variável, assim como mecanismos de articulação interna muito distintos entre si: formas específicas de sociabilidade e de controlo social, formas de associação e de cooperação, determinados mecanismos de integração e de mobilização, lugares de encontro específicos para cada subgrupo.”* (pp.296)

Os bairros sociais, para além de espaços segregados e estigmatizados, são lugares caracterizados por uma escassez de espaços de lazer e de convívio. Possuem uma monofuncionalidade espacial e social, construindo-se longe dos centros económicos, sociais e culturais da cidade. É um espaço carenciado de estruturas colectivas, que contribui para a sua estigmatização (Guerra, 1994; Pinto, 1994). A estigmatização a que estes bairros estão sujeitos - “bairro dos pobres”, “bairro operário”, “bairro social”, contribuiu para uma segregação simbólica dos espaços, dificultando a inserção dos seus actores no espaço urbano e a apropriação do seu espaço em particular.

O princípio do funcionalismo baseia-se na construção dos bairros sociais e foi motivada pela criação de espaços para um homem-tipo. Nos bairros sociais, pensava-se que as necessidades dos alojados eram habitacionais e desvalorizava-se a componente relacional. A requalificação das condições habitacionais parecia suficiente para o bem-estar social das populações. No entanto, a carência de espaços públicos de convivência e de lazer, o fraco tratamento dos espaços exteriores, “zonas de convívio”, e a colocação do acento tónico simplesmente no realojamento familiar, teve consequências na dificuldade da acção colectiva.

Os habitantes destes espaços têm uma homogeneidade de características, visto ser o resultado de uma agregação no mesmo espaço de pessoas com vivências e condições muito semelhantes de existência. Tal como refere Graça Cordeiro (1997) que “*é sobretudo esta coroa mais periférica, sugerida pela proliferação deste tipo de habitação operária, que cresce intensamente durante algumas décadas, caracterizando-se por uma população urbana com marcas de uma certa homogeneidade profissional e habitacional*” (pp.63).

Nestes espaços físicos dos bairros sociais, o espaço social é o território de um grupo específico, cujos limites reais ou simbólicos são estruturados, ao longo do desenvolvimento urbano da cidade. Criam um modo de vida muito próprio, com características sociais e práticas específicas, devidas à coexistência no espaço, da relação residencial e da actividade económica.

A diferença entre os bairros que aparecem numa cidade e a sua imagem social cria a existência de escolhas na escala da cidade, permitindo a expressão através da

localização residencial de uma mobilidade social. Esta possibilidade de escolha não é idêntica, para todos, mas existe para a maioria da população como forma importante de expressão de integração e de ascensão social.

Os espaços considerados de qualidade são vistos, pelos indivíduos que habitam no espaço urbano como um meio de alcançar uma mobilidade social ascendente, pois verifica-se uma promoção quanto ao alojamento e como sinal de pertença social. O bairro é, antes de mais, um modo de se dar a conhecer a sua posição na hierarquia social. Verifica-se que as expectativas em relação à vida nos bairros diferem de indivíduo para indivíduo.

A cidade foi transformando-se, crescendo e especializando-se, na medida em que conquista espaços, com habitações de fraca qualidade assim como espaços com habitações e equipamentos com qualidade, aumentando o seu perímetro urbano e integrando os bairros periféricos.

Tratar da articulação entre espaço e vivências sociais implica atribuir relevância à capacidade que as práticas sociais têm de constituírem sentimentos de pertença e relações de pertença que se configuram espacialmente.

A relação do indivíduo com o espaço e a significação atribuída por cada um ao bairro varia de um meio social para outro. Para uns o bairro é como uma unidade de vizinhança, um meio de entreatajuda, apoio, no interior do qual se organiza a identidade e o sentimento de segurança e se percebe o exterior do bairro como negativo. Para outros é um ponto referência para inserção em organizações sociais e ainda constitui uma forma de inserção num meio residencial e não de relações sociais.

Cada uma das denominações (social, operário) expressa diferentes modos de organização espacial, formação e de agregação das populações, de sua organização social, suas instituições, e sua normatividade traduzida em valores e códigos de conduta que moldam hábitos e atitudes. Os habitantes destes espaços têm uma homogeneidade de características sendo o resultado de uma agregação no mesmo espaço de pessoas com vivências e condições muito semelhantes de existência.

Ao identificar um espaço como bairro, atribui-lhe uma carga simbólica que o identifica com um espaço identificável, caracterizável e delimitado quer pela morfologia quer pelas práticas sociais vividas no espaço público que gera internamente e pela distinção e separação em relação a outros espaços.

Paula Almeida (1994) refere que “*O bairro e a identidade colectiva, são assim o estabelecer de todo um complexo de relações imaginárias do homem com o espaço que diariamente percorre*” (pp.114).

Durante o processo de construção do sentimento de pertença, os espaços físicos do bairro são transformados em espaços sociais pela apropriação do espaço que cada um faz e pela atribuição de símbolos e significados comuns a cada grupo social. Os actores sociais criam símbolos, de igual significado para o grupo, e diferenciadores, não só entre grupos sociais mas também entre contextos residenciais.

O bairro pode possuir uma carga identitária ao constituir-se como referência na construção das relações de pertença, de significações partilhadas, de usos e práticas comuns. O sentimento de territorialidade surge impulsionado pelas vivências quotidianas nos locais públicos do bairro onde se perpetuam os valores, as práticas, sentimentos e atitudes reconhecidas pelo grupo.

Dulce Moura (2003) refere também que o espaço residencial, por ser o centro da vida social, pode constituir-se como um referente identitário. O sentimento de pertença e de identidade com um espaço surge impulsionado pelas vivências quotidianas, sociabilidades do bairro em que vive. Através da identificação por semelhança com os outros desse mesmo espaço, o indivíduo perpetua os valores, práticas, sentimentos e atitudes reconhecidas pelo grupo.

Os grupos sociais ordenam e hierarquizam os diversos lugares do espaço (casa, rua, local de trabalho, clube, igreja) de acordo com diversos patamares da sua existência e do seu quotidiano. Os indivíduos, enquanto actores nas interacções sociais, geram diversos papéis e combinam atitudes e comportamentos tendo em conta a sua personalidade.

A homogeneidade social proporciona um apoio mútuo através da partilha de símbolos, da linguagem, de rituais e de modelos familiares e educacionais semelhantes, o que permitirá não só a sobrevivência do grupo mas facilitará a integração de novos elementos. A homogeneidade proporciona a personalização de cada espaço. Os grupos e os indivíduos vêem a manifestação da sua identidade através do espaço.

Relativamente a este assunto, António Firmino da Costa (2008) menciona que “*os habitantes do bairro elaboram representações sociais, memórias partilhadas e referências identitárias a partir das suas próprias experiências de vida quotidiana e do seu quadro de existência social*” (pp.47). Os habitantes dos bairros desenvolvem um sentimento de pertença e de unidade uma vez que este espaço físico é um lugar de experiências, práticas sociais comuns e relações afectivas que são partilhadas por todos os moradores o que faz surgir sentimentos de pertença e de identidade colectiva nos actores sociais do bairro.

A morfologia do espaço é o resultado das intervenções sociais que visam responder às necessidades do grupo que nele habita. A promoção de alojamentos tem criado contextos residenciais diferenciados, quer pela sua localização, como pela qualidade dos alojamentos, arquitectura, ou existência de infraestruturas, que segmentam os grupos sociais segundo o consumo deste bem.

Assim, os agentes imobiliários influenciam o espaço, tornando-o, desde logo, num produto da actividade humana, quando através da escolha da morfologia, dos materiais para as suas construções e da qualidade dos equipamentos determinam que grupo social irá escolher aquele espaço para habitar. Ou seja, a produção e distribuição dos alojamentos são um modo importante de influenciar o espaço, dotando-o de um valor “simbólico” associado a questões como a qualidade, as formas arquitectónicas, localizações socialmente valorizadas e desejáveis ou socialmente desvalorizadas e indesejáveis.

A distribuição dos vários tipos de alojamento e o acesso diferenciado dos grupos sociais aos diferentes produtos residenciais constituem, segundo Teresa Barata Salgueiro (2001), a base da segregação socioespacial, onde a hierarquia social encontra um

paralelo nos vários tipos de alojamentos que o mercado disponibiliza a preços diferentes com localizações diversas.

De um modo mais lato, seguindo a ideia do autor Grafmeyer (1995), as “*maneiras de habitar*” envolvem sistemas de atitudes e de práticas sociais que se relacionam por sua vez com o alojamento, a vizinhança, o bairro e a cidade, sendo que estas práticas e a interdependência entre estas unidades variam de acordo com as categorias socioprofissionais, as idades, os sexos e as trajetórias de vida.

Nas cidades actuais os diferentes contextos residenciais apontam para que “*algumas experiências urbanas contemporâneas demonstram uma deterioração dos espaços e equipamentos públicos com a conseqüente privatização da vida colectiva, segregação, evitação de contatos, confinamento em ambientes e redes sociais restritas, situações de violência etc.*” (Magnani, 2002, pp.12).

Cada contexto residencial possui, assim, as suas especificidades. Os bairros são diferentes entre si, pois apresentam características próprias, que se relacionam quer com a morfologia e a qualidade do edificado ou dos equipamentos, quer com o tipo de práticas sociais e apropriação do espaço.

Capítulo II

METODOLOGIA

Neste capítulo vou descrever e reflectir sobre a forma como foi efectuada a segunda parte do trabalho, a ida ao campo em estudo, de pesquisa, quais as estratégias e técnicas de recolha e tratamento da informação. Primeiro explico e descrevo as características da metodologia de investigação utilizada e os respectivos instrumentos de recolha e tratamento dos dados. Por último, apresentarei as diferentes técnicas para recolha e análise dos dados.

Adoptei uma análise qualitativa, que respondesse aos objectivos delineados, com uma estratégia metodológica de observação directa dos contextos e das interacções sociais. Ao longo do trabalho estão presentes informações e reflexões com base na observação, fotografia e diálogo com os indivíduos da pesquisa. O trabalho de campo caracteriza-se por uma análise da morfologia do espaço, das práticas sociais e das relações quotidianas dos sujeitos da pesquisa que muitas vezes passam despercebidas quotidianamente.

Além de estar no lugar onde as pessoas que interessam estudar vivem ou exercem as suas actividades quotidianas, é preciso inserir-nos, “entrarmos e saber ouvirmos” os seus temas de conversa, a lógica da construção dos seus saberes, conhecermos as opções específicas do grupo que fazem emergir modos de vida, convivência, trabalho e interrelações sociais.

2.1 - Objectivos do trabalho

Através do estudo do papel que a morfologia do espaço detém na acção e nas relações sociais, passarei aos elementos que ajudam a interpretar o significado das interacções quotidianas no local de residência. O trabalho parte da análise da morfologia do espaço residencial e a influência que este tem no quotidiano das populações.

A pesquisa incide especificamente sobre dois bairros da cidade das Caldas da Rainha, a sua origem, o seu desenvolvimento. Tem como objectivos a análise das relações sociais que se estabelecem nos dois bairros da cidade, nomeadamente ao nível da relação entre organização espacial e os comportamentos/práticas dos actores sociais. Ou seja o estudo não incidirá somente na realização de uma evolução histórica da cidade e dos dois bairros e da delimitação do espaço, mas também em verificar o impacto dessa evolução nas relações sociais que se estabeleceram nesses territórios.

Tal como refere António Firmino da Costa (2008), “*a finalidade principal é conseguir captar a diversidade constitutiva de um determinado fenómeno social, à partida apenas conhecido de maneira vaga e diferenciada. Os resultados mais importantes a que se chega condensam-se, na maioria das vezes, em torno de uma tipologia, a das principais modalidades que tal fenómeno assume.*” (pp.9).

Com a metodologia escolhida e os objectivos traçados, pretendo realizar uma análise e perceber o objecto de estudo, a relação entre a morfologia do espaço e as práticas que se desenrolam nos dois bairros da cidade das Caldas da Rainha.

2.2 - Estratégia metodológica: Razões da Escolha do Método

Durante a realização deste estudo e para ficar com uma perspectiva sobre as relações sociais e os diferentes usos e apropriações do espaço, optei por uma metodologia qualitativa: pela observação directa e alguns elementos do método etnográfico capazes de compreender os interlocutores inseridos nesses espaços nos quais as suas relações acontecem.

A escolha de metodologia qualitativa relaciona-se com os objectivos da pesquisa. Por considerar que os métodos de orientação qualitativa são os mais adequados e que mais se ajustam ao objecto de estudo, observar as práticas e interações dos actores, optei pela investigação qualitativa.

Enquanto a investigação quantitativa utiliza dados de natureza numérica que lhe permitem provar relações entre as variáveis em estudo, a investigação qualitativa utiliza principalmente metodologias que possam criar dados descritivos, o que permitirá ao investigador “ver” o modo de pensar dos participantes numa investigação. As metodologias qualitativas privilegiam a análise do estudo das acções sociais individuais ou grupais.

A investigação qualitativa parte, nas palavras de Bogdan & Biklen (1994), de tudo o que faz parte da vida quotidiana das pessoas, tudo tem potencial para constituir-se como algo que nos permita compreender melhor o nosso objecto de estudo. A investigação qualitativa, nas palavras de Bogdan & Biklen (1994), “*é rica em relatos realizados pelos próprios sujeitos*”, ou seja é “*a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação*” (pp.16).

Os dados de natureza qualitativa são obtidos num contexto natural ao contrário dos dados de cariz quantitativo, que são elaborados a partir de situações organizadas. Taylor e Bogdan (1986) referem que o investigador deve estar envolvido no campo de acção dos actores sociais investigados, uma vez que, na sua essência, este método de investigação baseia-se principalmente em conversar, ouvir e permitir a expressão livre dos participantes.

A diferença entre uma metodologia qualitativa e quantitativa de investigação está essencialmente relacionada com o tipo de dados necessários para responder aos objectivos da investigação e na forma como esses dados são recolhidos e analisados. Os dispositivos ou os instrumentos mais frequentes na metodologia qualitativa são a observação directa, a entrevista, a fotografia e a análise de variados tipos de documentos.

Uwe Flick (2005) menciona que: “*A investigação qualitativa é particularmente importante para o estudo das relações sociais, dada a pluralidade dos universos de vida. (...) Esta pluralidade exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões. A acelerada mudança social e a conseqüente diversidade de universos de vida confrontam os cientistas com novos contextos sociais e novas perspectivas.*”

Uma vez que a investigação qualitativa ao utilizar principalmente metodologias que estão mais vocacionadas para a análise de casos concretos e das suas particularidades, partindo das práticas dos indivíduos nos seus contextos próprios permitirá ao investigador obter dados através de diálogos e conversas informais, de expressão livre, o modo de pensar dos habitantes de um contexto social.

Segundo Farr (2001), o investigador social para compreender um aspecto particular da vida de um grupo social, precisa adoptar uma postura metodológica adequada. Só assim o investigador pode ter acesso a aspectos da vida privada dos indivíduos ao disponibilizar-se a partilhar o seu quotidiano, o mundo que se propõe estudar e simultaneamente for aceite por esse grupo social.

Tendo como princípio que são as pessoas que constroem quotidianamente a vida social, a partir das suas interacções sociais e que através delas formam também a sua identidade a partir dessa interacção social. Então o pesquisador deve sair das suas referências sociais para poder integrar-se nos padrões do outro, numa tentativa de aproximação, partindo do princípio de que cada sociedade desenvolve maneiras próprias e particulares de conceber e lidar com a vida de todos os dias.

A investigação, de cariz qualitativo, está vocacionada para a análise de casos concretos, nas suas particularidades de tempo e espaço, partindo das manifestações e actividades das pessoas nos seus contextos próprios, os espaços públicos do bairro. Procurei descrever e compreender as práticas quotidianas em determinados contextos residenciais.

Então, utilizei como estratégias de recolha de dados principalmente a observação directa, o conversar, o ouvir e permitir a expressão livre dos participantes, para conhecer o seu modo de pensar, o que me permitiu uma análise das acções sociais e verificar de que modo a morfologia do espaço influenciava as práticas dos seus habitantes.

2.3 – Método Adoptado: Estudo de Caso

Esta pesquisa incide sobre o estudo dos usos do espaço público em dois bairros específicos da cidade das Caldas da Rainha, o que pressupõe uma análise orientada para contextos particulares pelo que foi adoptada a metodologia de estudo de caso.

A metodologia de estudo de caso visa a investigação de um caso complexo mas delimitado, contextualizado, e pretende estudar estando dentro do contexto. Segundo António Firmino da Costa (2008) numa metodologia de estudo de caso “(...) *Visa-se, assim, contribuir para a elucidação daquilo em que consiste a singularidade do caso em especial do que nela decorre daquela articulação específica (...) para o esclarecimento (...), ele se relaciona com domínios sociais mais vastos.*” (p. 10).

No desenvolvimento da pesquisa são realizadas recolhas de dados através de várias técnicas como a análise de documentos, observações directas e entrevistas. Tal como afirma António Firmino da Costa (2008) “... *tomando como terreno de pesquisa uma unidade social singular (...) ou eventualmente, um pequeno número delas [há que recorrer] sobretudo à observação direta, (...) em interação continuada e informal com as pessoas integrantes dessa unidade social,*” (pp.10)

O trabalho de pesquisa tem como objectivo analisar e explicitar fenómenos que passam “despercebidos” invisíveis. Então recorre-se, como referem António Firmino da Costa e Graça Cordeiro (2001), à “...*observação direta dos locais e das pessoas, dos seus contextos de vida e das suas práticas quotidianas, das relações sociais e configurações culturais que protagonizam, permite obter evidências mais informadas no plano do conhecimento descritivo e sugerir possibilidades mais interessantes no plano da teorização.*” (pp. 215). A observação directa proporciona a observação em profundidade das relações interpessoais, do quotidiano das pessoas dentro do contexto local e ainda como refere Machado Pais (2007), “*dar conta do sentido que as pessoas dão aos seus afazeres quotidianos e por que é que se comportam segundo modos socialmente aceitáveis.*” (pp.72).

Ao observar o quotidiano das pessoas do contexto em análise procura-se, como refere Margarida Rézio (2012), “*compreender as estratégias dos atores coletivos e individuais, (...) resulta da capacidade que (...) os atores sociais detêm em (re) definir linhas ou regras de ação coletiva, simbolicamente resultantes de fatores contingenciais com marcas de imprevisibilidade*” (pp. 51).

O método de investigação de estudo de caso permite retratar a realidade de forma mais profunda e completa, assentando num equilíbrio entre o investigador e os informantes. O investigador deve, como refere Margarida Rézio (2012), “*conquistar a confiança e contactar com personalidades e grupos sócio institucionais representativos que garantam a verdade e fidelidade da informação útil ao trabalho, que aqui designamos por informantes privilegiados.*” (pp. 52). Assim, pode-se afirmar que o investigador observa o quotidiano das pessoas, as suas interacções no contexto local em estudo.

Considero que o estudo de caso pode fornecer contributos essenciais para o conhecimento da realidade relativamente à temática dos usos do espaço público, por permitir a descrição das características morfológicas e dos usos verificados em dois bairros da cidade das Caldas da Rainha.

Na recolha de dados foram adotadas técnicas metodológicas de pesquisa diversificadas. Análise documental que incidiu sobre documentos relativos a locais específicos. Registo fotográfico que facilitou a compreensão do quotidiano. Entrevistas informais que permitiram diversificar as fontes de informação, por possibilitarem recolher dados em profundidade. Foram realizadas entrevistas a moradores dos bairros em diferentes situações e também aos comerciantes. As entrevistas incidiram sobre a organização e vida do bairro.

Todas as entrevistas decorreram num ambiente de confiança, tendo sido as mesmas conduzidas conforme os objetivos traçados. A forma de entrevista informal permitiu que durante o diálogo pudesse repetir perguntas, expressões, ou seja, maior flexibilidade e possibilitar o registo do modo e da forma como o entrevistado sentia e transmitia a informação.

2.4 – Instrumentos de Recolha de Informação

Foram usados vários procedimentos para recolher informações para obter maior quantidade e variedade de dados: observação, conversas informais, fotografias, diário de campo. E para atingirmos os objectivos delineados para o trabalho verifica-se que as práticas sociais são acessíveis pela observação directa o que permite ao investigador descobrir como as práticas realmente acontecem, enquanto as entrevistas dão acesso à descrição das práticas por parte dos participantes delas. E, tal como refere António Firmino da Costa (1986), por vezes, “às técnicas principais da pesquisa de terreno se associem, complementarmente, outras técnicas, (...) entrevistas estruturadas, (...) e doutros documentos”. (pp.132)

Um dos procedimentos, estratégias na recolha de informação consiste na consulta de documentos de diferente natureza: documentos oficiais, documentos relativos à cidade, PDM, actas da Câmara, mapas; fotografias que fornecem informação complementar às observações directas e descrições das práticas por parte dos habitantes dos bairros. Foi possível recolher material fornecido pelas Juntas de Freguesia locais, Nossa Senhora do Pópulo e Santo Onofre.

Através da observação directa é dada ao investigador a possibilidade de recolher informação considerada pertinente e passível de posterior significação contextualizada. É por meio da presença repetida no espaço seleccionado que é possível apreender as vivências, os comportamentos, e interacções, que se pretende estudar e compreender.

Como observador participante tentei ser discreta, não assumindo claramente a posição de investigador, antes interagindo com os sujeitos de forma equilibrada, tendo sempre em mente o objectivo da investigação.

A observação directa procura compreender as práticas, as interacções, a perspectiva dos actores sociais e os acontecimentos de um contexto específico, a partir do interior, ou do exterior, como simples observador.

A observação consistiu: na observação directa, esta é a técnica mais adequada para a captação de acontecimentos, práticas observáveis e narrativas. A observação constitui um instrumento valioso, na medida em que permite enriquecer a informação recolhida.

Um dos procedimentos, estratégias utilizados na recolha de informação foi a entrevista que se destina a *“recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”* Bogdan & Biklen (1994). Existem três tipos de entrevista em termos de grau de estruturação: as estruturadas, as semi-estruturadas e as não estruturadas ou informais.

Na entrevista, conversa informal convém não esquecer que a informação que chega ao investigador é o pensamento da pessoa entrevistada através de uma narrativa própria. O ideal será fazer com que o entrevistado se exprima o mais livremente possível, seguindo o curso do seu pensamento, e que forneça informações pertinentes sobre o assunto tratado. As percepções do indivíduo relativamente ao assunto tratado estão na maior parte das vezes, segundo Ghiglione e Matalon (1997), relacionadas com o seu quadro de referência, que ele desenvolveu e continua a desenvolver ao longo da sua existência.

Piedade Lalanda (1998) afirma que *“A relação do sociólogo com o entrevistado deverá transformar-se, durante a entrevista, numa relação de confiança, o que pressupõe uma certa familiaridade com a população em estudo. Mas não se trata de criar intimidade com a pessoa em causa, o que em muitos casos provoca efeitos negativos, limitando quer a espontaneidade do entrevistado, quer a própria capacidade do entrevistador de se deixar surpreender”* (pp.874).

A entrevista, conversa informal, é adequada para obter informações a respeito do que as pessoas sabem, acreditam, desejam. Esta técnica possui vantagens como: poder ser utilizada em todos os segmentos da população; existência de maior flexibilidade, podendo o entrevistador repetir ou esclarecer dúvidas, formular de maneira diferente as perguntas; oferece maior oportunidade para avaliar atitudes, condutas, podendo o entrevistado ser observado no que diz e como diz e dá oportunidade para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais.

Assim, numa metodologia qualitativa o número de sujeitos que virão a compor o quadro das entrevistas, conversas informais, dificilmente pode ser determinado à priori. Tudo depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, como da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações.

Ao longo da investigação fui realizando algumas entrevistas, conversas informais, a pessoas que se mostraram disponíveis para a recolha das informações, alguns destes são actores que sempre viveram no bairro e têm algum conhecimento sobre as vidas de quem habita permanentemente no bairro, outros os comerciantes que se deslocam ao bairro só para trabalhar mas que através da interacção quotidiana com os habitantes do bairro conhecem bem os moradores, os seus gostos, as suas histórias de vida familiar e as suas práticas quotidianas.

Na realização da pesquisa, fui ao terreno, durante meses, não sequenciais, em vários momentos do dia, manhã, tarde e noite. Apontei as relações observadas entre os diferentes actores sociais, os seus diferentes comportamentos em locais públicos, ruas, cafés e mercearias do bairro. Os percursos traçados pelo grupo de habitantes, os locais onde este grupo se aproximavam, e quais os que os afastavam, quais os locais que evitavam ou se apropriavam. Procurei aproximar-me dos diferentes grupos de modo a manter conversas informais sobre a vida na cidade e nos bairros, e frequentei os diversos locais que elegi como importantes para o estudo.

Ao adoptar tal comportamento baseei-me na experiência da autora Piedade Lalanda (1998) quando esta refere «*Não me lembro de escrever um diário senão quando passei por esse tempo a que chamamos adolescência. Voltar a fazê-lo, sob a forma de um 'diário de bordo', para registar as impressões de um 'percurso' que ia trilhando no trabalho de campo, os ambientes em que decorriam as entrevistas e os primeiros sentimentos que me provocavam, foi para mim uma experiência de amadurecimento científico, talvez uma 'adolescência', maturação do meu percurso de investigadora...!*» (pp.881 e 882). Também registei as observações e descrições/narrações efectuados pelos intervenientes no estudo (habitantes e comerciantes) num diário de campo.

Este instrumento de recolha de informação propiciou uma riqueza de informação. Foi um instrumento fundamental para esta investigação, porque permitiu uma aproximação

ao universo em estudo. Com ele foi possível perceber como se realizavam as práticas sociais e constatar as incoerências entre estas e os discursos proferidos.

Os dados recolhidos foram registados no diário de campo, as notas de campo. Nele foram descritos os acontecimentos do dia, bem como sentimentos e opiniões relativas ao que foi visto e vivido em cada uma das visitas realizadas aos bairros. As notas de campo vieram a afirmar-se como ferramentas privilegiadas de registo das observações e reflexões decorrentes do processo de pesquisa empírica.

Outro procedimento, estratégia utilizada na recolha de informação foi a fotografia considerada como ferramenta de apoio. A este propósito Asti Vera (1989) elucida quando afirma *“a tecnologia moderna possibilita o emprego de diversos recursos complementares que aperfeiçoam a observação sociológica”* (pp. 38).

Também Margarida Rézio (2012) refere que *“o investigador, torna-se interferente e veículo de conhecimento, no encontro com informantes privilegiados, coadjuvado pela tecnologia moderna que lhe permite complementar a observação sociológica”* (pp. 50).

Harper, citado por Lee (2003), menciona que *“muitas categorias sociológicas são baseadas em fenómenos observáveis e, na verdade, muitos destes fenómenos podem ser mais bem compreendidos se forem fixados em imagens fotográficas do que apresentados por escrito num caderno de campo”* (pp.87).

Machado Pais (2007) esclarece que *“...a fotografia (...) torna clara (...) ao mesmo tempo que suspende o ver e oferece o visual vestido de prefigurações e desejos secundários, onde realidades e virtualidades clarificam a fronteira do visível”* (pp.70).

Através das fotografias pretendi descrever as condições do património edificado, a situação dos espaços públicos, e descrever as vivências quotidianas dos habitantes desses espaços captados pelas imagens das fotografias.

O trabalho visa analisar e explicitar práticas quotidianas permitindo retratar a realidade de forma profunda, procurando como refere Machado Pais (2007) *“dar conta do sentido*

que as pessoas dão aos seus afazeres quotidianos e por que é que se comportam segundo modos socialmente aceitáveis” (pp.72).

As fotografias serviram como suporte para a reflexão desenvolvida posteriormente aos factos ocorridos. As fotografias ajudaram a documentar os factos e, principalmente, ajudaram a reflectir e a recordar o que foi vivido durante as deslocações ao campo sendo que algumas lembranças surgiram após a observação atenta das fotografias.

O investigador social interessado em enriquecer a sua pesquisa com o recurso à fotografia deve ter sempre presente, de acordo com Emmison e Smith (2000), que *“o que deve ser considerado é a forma através da qual as características do mundo social acessíveis ao olhar – e não a sua representação em imagens fotográficas – constituem elementos para investigação” (pp.4).*

As fotografias foram tiradas como forma de complementar a informação recolhida em documentos escritos e apoiar a descrição e caracterização do edificado dos bairros resultante da observação directa. Os elementos fotográficos permitiram uma visão dos lugares, uma percepção das formas exteriores e interiores de cada aglomerado, assim como das suas práticas e estabelecer comparações entre esses contextos sociais.

Outro procedimento, estratégia utilizada na recolha de informação, foi a elaboração de um diário de campo. Este instrumento não foi apenas tido como um registo diário das atitudes, factos, acontecimento, comportamentos, gestos, usos e expressões que observava e que envolviam o universo em estudo, mas serviu para o registo das minhas impressões sobre o que observava.

Procurei elaborar notas mentais para mais tarde redigir o diário de campo o mais breve possível antes que a memória falhe num pequeno bloco de notas. O registo das notas no diário de campo tiveram como objectivo descrever os comportamentos e caracterizar os cenários físicos investigados como as idas ao café, restaurantes, algumas lojas e supermercados de bairro, assim como a narração de algumas conversas tidas com pessoas nos locais.

Neste contexto, abordei as práticas sociais em dois bairros da cidade das Caldas da Rainha: Bairro dos Arneiros e Bairro Social N^a Sra do Monte.

A selecção destes bairros prende-se com algumas das suas características, como a sua localização na cidade, em lados opostos da linha de caminho-de-ferro, também pelo facto de cada um deles se situar em freguesias diferentes, pela morfologia diferente e resultarem do crescimento urbano sendo que ambos os bairros foram destinados a populações carenciadas. Um bairro – Bairro dos Arneiros – de origem operária e o outro bairro – Bairro Social N^a Sra do Monte – para habitação social.

2.5 – Procedimentos na Recolha de Informação

Em termos metodológicos, a pesquisa de terreno foi iniciada através da análise de documentos, seguida da observação directa ao percorrer os locais dos bairros assistindo e partilhando as suas vivências, sendo estas registadas tanto em fotografia como em notas no diário de campo. As práticas sociais dos bairros são aprendidas quer pela assistência, quer pela descrição dos interlocutores, assim como pela análise das fotografias.

A análise documental, a observação directa e a redacção de notas de campo, bem como o recurso à fotografia, constituíram-se elementos essenciais à pesquisa. A utilização das técnicas como a redacção de notas de campo e a fotografia constituíram-se como importantes elementos de apoio.

Como refere Burguess (2001) “... *o mundo social não é objectivo e envolve significados subjectivos e experiências que são construídas pelos participantes nas situações sociais. Consequentemente, é tarefa dos Cientistas Sociais interpretar os significados e experiências dos actores sociais, uma tarefa que apenas pode ser levada a cabo através da participação dos indivíduos envolvidos*” (pp.85-86).

A Fotografia é uma técnica de recolha de dados, de análise do quotidiano, para analisar as práticas e os contextos em que elas ocorrem. É um instrumento de observação que permite reanalisar o que foi observado.

No presente estudo, a utilização da fotografia visou documentar os contextos em estudo com registos da realidade observada. Foram tiradas fotografias nos diversos espaços físicos dos bairros visitados, com o objectivo de apoiar a caracterização resultante da observação directa. O objectivo foi sobretudo o de documentar a situação visual do território, características do património particularmente edificado, dos espaços públicos, das práticas e ocupação dos espaços pelos actores.

A Entrevista informal a informantes privilegiados é uma técnica de recolha de informação que adopta a forma de uma conversa informal com o objectivo de obter informação segundo o ponto de vista dos interlocutores. A qualidade da informação depende do à vontade que se sinta ao falar com o informante, do conhecimento que tenhamos do informante e do grau de confiança estabelecido. Devemos usar vários tipos de informantes como forma de contrastar e verificar de forma fidedigna a informação recolhida, mas também com o objectivo de obter diferentes pontos de vista, que podem ou não ser coincidentes.

Cada um dos entrevistados são conhecedores do espaço dos bairros por mim visitados e observados directamente, sendo a observação complementada por registos sistemáticos num diário de campo.

Como técnica de recolha de dados, as notas registadas no diário de campo acabam por revelar-se como um óptimo “*arquivo de ideias*”, segundo Robert Burgess (2001), é uma base de apoio na redacção do relatório final (pp.182).

O Diário de campo é um registo diário da observação, no qual se relata a experiência do investigador sobre o que observa no campo: o que dizem, fazem e o que pensam. É uma forma de ordenação da informação recolhida e um instrumento orientador e de apoio. Trata-se de um caderno em que o investigador anotarás as suas percepções, vivências, encaminhamentos, avaliação a respeito de sua vivência no campo. Estas anotações

visam precisamente reconstituir uma descrição dos cenários físicos e da organização social, para descrever os actores e os seus comportamentos.

A observação directa dos contextos físicos decorreu de forma contínua durante 3 anos, desenvolvendo-se ao longo de um contínuo temporal que foi o do “vadiar sociológico”, segundo a expressão de José Machado Pais.

As observações foram feitas em diversos momentos do dia, inserindo-se numa temporalidade específica, previamente delimitada, dada a existência de ritmos e usos diferenciados de vivência no bairro ao longo do dia, para o qual contribuirá a “multiplicidade de agentes em circulação”. As abordagens foram realizadas em diversos tempos: de manhã quando as crianças e jovens estavam na escola, no período do almoço, à tarde quando as crianças e jovens saíam das escolas e os adultos saíam do emprego; no tempo de aulas e no período do verão, nas férias escolares. Com o intuito de registar as observações feitas foi constituído um diário de campo, que era escrito após a saída do campo.

A observação directa dá ao investigador a possibilidade de recolher informação considerada pertinente e passível de posterior significação contextualizada. É por meio da presença repetida no espaço seleccionado que será possível apreender vivências quotidianas, lógicas comportamentais, interacções, enfim, as práticas sociais que se pretende estudar e compreender.

2.6. – Análise dos resultados

Para o tratamento da informação considerei os dados obtidos através de diferentes instrumentos de recolha de dados. Assim, o objecto de estudo empiricamente definido é descrito e interpretado através dos dados obtidos através dos instrumentos de recolha dos dados seleccionados.

Os dados obtidos foram analisados através da técnica de análise de conteúdo, esta é definida como uma das diversas técnicas para descrever e analisar o conteúdo do que é

escrito no diário de campo, falado nas entrevistas informais ou pictoria, nas fotografias. As fotografias recolhidas foram analisadas, tendo sido elaborada uma legenda para cada fotografia.

Segundo Bardin (1977) existe *“por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissémico, esconde-se um sentido que convém desvendar”* (pp.14). O mesmo autor refere ainda que em análise de conteúdo existem apenas algumas normas essenciais, mas que *“a técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objectivo pretendido tem que ser reinventada a cada momento”* (pp. 31).

Após um contacto inicial, com todo os dados disponíveis, é realizada uma segunda leitura e reflexão para elaborar as descrições e interpretações do objecto de estudo.

2ª Parte

A segunda parte do trabalho sobre as “Práticas Sociais em Espaços Públicos: o Bairro dos Arneiros e o Bairro Social Nª Sra do Monte nas Caldas da Rainha” encontra-se organizada em quatro capítulos.

No primeiro capítulo desta parte, o terceiro capítulo do trabalho, realizo uma apresentação e descrição da Cidade das Caldas da Rainha e particularmente dos dois bairros seleccionados para este estudo. Tecerei considerações de ordem histórica relacionadas com a sua localização, origem, forma de povoamento, organização espacial e funcional, bem como com os principais momentos em que ocorrem alterações significativas na sua forma urbana relevantes para o seu desenvolvimento urbano, processo social de sua expansão e modificação das suas áreas e bairros.

O quarto capítulo é destinado a uma apresentação e caracterização geral do Bairro dos Arneiros, quer física quer socialmente através das práticas sociais aí vividas.

O quinto capítulo é destinado a uma apresentação e caracterização geral do Bairro Social Nª Sra do Monte, quer física quer socialmente através das práticas sociais aí vividas.

No sexto capítulo são desenvolvidos, analisados e interpretados alguns aspectos relativos ao quotidiano e práticas dos bairros em estudo, a partir dos seus moradores, e as inter-relações e usos, configuradas no quotidiano dos moradores. Segue-se a apresentação e discussão dos resultados obtidos. Compararei e interpretarei as práticas sociais dos bairros em estudo, tendo em conta os dados recolhidos e a análise teórica realizada. Serão ainda identificados e caracterizados os principais elementos morfológicos que estruturam cada bairro e as principais modificações que estes elementos introduzem nos usos quotidianos e nas interacções.

O espaço público da rua é entendido como lugar de referência na cidade, que estabelece relações entre o edificado e a vivência urbana. A rua com um espaço público assume o papel de espaço de passagem, espaço de convivência e espaço para a realização de actividades para os seus utilizadores, pois é um lugar onde são postas em prática as vivências do quotidiano urbano. A rua é o espaço onde se desenvolvem interacções e actividades entre os seus diferentes utilizadores, proporcionando uma vida social colectiva, proporcionando o contacto com os outros.

Este trabalho desenvolve-se no âmbito das relações entre morfologia espacial e usos do espaço público. Para o desenvolvimento do trabalho seleccionou-se como área de estudo o Bairro dos Arneiros e o Bairro Social N^a Sra do Monte nas Caldas da Rainha.

O estudo de caso foi desenvolvido com base numa recolha de dados a partir de várias técnicas: análise documental, fotografias e entrevistas informais para conhecer a história dos bairros, um mapeamento do edificado e dos lugares que se constituem como espaços de uso público. Esta recolha de dados teve como objectivo o de conhecer os bairros e os lugares pertencentes ao espaço público e identificar os usos e práticas específicas de cada espaço nos dois bairros.

A pesquisa consiste num estudo caso dos usos quotidianos dos habitantes de dois bairros da cidade das Caldas da Rainha. Os dois bairros localizam-se na periferia, na zona norte da cidade e situados em freguesias distintas separadas pela linha de comboio da cidade das Caldas da Rainha. O aparecimento destes bairros deve-se ao crescimento da cidade, com a vinda de migrantes, trabalhadores em várias áreas profissionais para a cidade.

As deslocações aos dois bairros foram escolhidas de forma a abarcar diferentes momentos do dia, diferentes dias da semana e diferentes meses, procurando apreender de forma mais aprofundada os diversos usos praticados pelos seus moradores. O percurso nos bairros foi realizado maioritariamente a pé para um maior contacto com o espaço e as pessoas, tendo tomado anotações que foram registadas no diário de campo.

As incursões nos bairros proporcionaram-me o registo fotográfico do edificado e dos espaços públicos, nomeadamente das ruas, dos lugares. Permitiram-me o contacto com

os moradores e “habitantes temporários” (comerciantes, estudantes...), o deambular pelas ruas e frequentar alguns estabelecimentos comerciais para capturar o cotidiano dos bairros, nas suas diferentes temporalidades e apreender o sentido de alguns usos, práticas cotidianas vividas nos bairros.

No decorrer do trabalho de campo, a metodologia preconizada, partindo das observações e relatos dos moradores sobre suas experiências, procurou identificar as vivências cotidianas. Para isto, utilizaram-se como instrumentos metodológicos, as observações, visitas sistemáticas ao bairro e o subsequente relato da experiência em diários de campo. Isto tudo permitiu analisar, no espaço público do bairro, detalhes, práticas, apropriações do território.

As entrevistas informais foram realizadas na sua maioria aos moradores e comerciantes, tendo como ponto de partida os contatos os encontros espontâneos nas ruas, cafés e comércio local do bairro. O ambiente criado nos encontros favoreceu o estabelecimento de relações, criando uma aproximação inicial que depois foi reforçada através das visitas continuadas aos bairros, passando a ser vista como “conhecida” e já não como um elemento estranho. Isso foi fundamental para o estabelecimento de uma confiança, que permitiu maior profundidade. Optei por realizar entrevistas informais, o que permitiu a inclusão de outras perguntas durante no decorrer da entrevista, dando liberdade para as pessoas contarem a sua história de vida e darem a sua opinião sobre os usos e hábitos, o que nem sempre segue uma cronologia linear.

Capítulo III

A cidade das Caldas da Rainha

Neste capítulo faço uma apresentação da cidade das Caldas da Rainha, o seu processo de desenvolvimento urbano, focando a sua história e os processos sócio-espaciais por qual passou esta cidade, e os seus aspectos relevantes mostrando o processo da sua expansão e modificação das suas áreas e bairros.

Inicialmente, os aglomerados populacionais procuravam a maximização, o aproveitamento dos recursos locais como motor de desenvolvimento. De entre essas variáveis encontram-se elementos tais como caminhos pedestres ou outras vias de comunicação já existentes; a presença de água; recursos naturais; a abundância de matérias-primas; as condições do relevo, proximidade de terrenos férteis para a produção agrícola, muitas vezes numa perspectiva de auto-subsistência, mas que permitiam a fixação das populações.

O crescimento da cidade, num ritmo mais acelerado ou mais lento, é consequência do poder e capacidade de atracção populacional por parte de alguns territórios. A cidade não é uma construção permanente, ela altera-se segundo um conjunto de circunstâncias que a fazem modificar tais como: aumento populacional; construção de novas infraestruturas económicas e equipamentos; construção, alargamento ou ampliação de acessibilidades, que facilitam a circulação de bens e pessoas; e a construção ou reconstrução de novos equipamentos e de novo património edificado, bairros.

Actualmente é como produto que as cidades se concebem e, por isso, tendem a fazer uma gestão estratégica da sua imagem. É importante a divulgação de imagens sólidas e firmes, num momento em que todas as cidades andam à procura de consolidar imagens que lhes permitam definir e cumprir objectivos estratégicos de forma a obter maiores lucros. Daí que a projecção da imagem de uma cidade esteja dependente do seu poder de atracção populacional, da capacidade de acção comunicacional e do relacionamento conseguido pelos actores sociais da cidade e da capacidade de atrair novos públicos.

No caso da cidade das Caldas da Rainha, pode-se considerar que esta teve que reflectir sobre as actividades económicas que poderia explorar para atrair investimento e novos públicos para a cidade. Ao constatar-se que esta possuía um recurso natural que era aproveitado desde tempos antigos, então decidiu investir e a apetrechar-se de serviços e equipamentos adequados á exploração desse recurso natural – água termal - para continuar a ser competitiva e alcançar um desenvolvimento urbano que tivesse impacto na região.

A cidade de Caldas da Rainha tem uma origem remota e situa-se numa planície fértil. A cidade foi crescendo e diversificando as suas funções tendo acabado por suplantar a importância da antiga povoação que controlava este território, a vila de Óbidos. A edificação da cidade ficou a dever-se à qualidade das suas águas, função que aliás o topónimo evoca – Caldas da Rainha. As nascentes de água termal designadas de “*olhos de água*”, desempenharam inicialmente um papel estruturador na ocupação espacial e na organização social da cidade. Sendo esta ordem posteriormente alterada com a implantação do caminho-de-ferro que, a nível espacial, constrói fronteiras, limites, que separam e ordenam os grupos sociais.

A vila termal prospera e a paisagem agrária de vinhas e pomares foi-se modificando. Com a vinda dos banhistas para as termas, a vila desenvolve-se implicando uma série de melhoramentos tais como: a habitação urbana, construção de chafarizes implantados em lugares estratégicos e acessíveis para a população e animais, melhorando os acessos e o fornecimento de água potável. Estas obras repercutiram-se no desenvolvimento urbano e social. O progresso da vila impulsionou o crescimento do comércio, nomeadamente o ligado à restauração, ao fabrico de doces regionais, cerâmica e olaria.

O desenvolvimento e expansão da cidade tiveram o seu expoente máximo com a construção da linha e estação de caminho de ferro em 1887/1888, originando novas construções e arruamentos. A linha de caminho de ferro servia prioritariamente para transportar passageiros, especialmente os que viajavam para fazerem os seus tratamentos termais no balneário das “Águas Santas” em Caldas da Rainha.

A principal questão a que se pretende dar resposta relaciona-se com as particularidades físicas e sociais de cada espaço seleccionado e, por outro lado, conhecer a natureza das interacções e representações desenvolvidas no interior dos espaços físico e social de dois dos bairros existentes na cidade de Caldas da Rainha.

3.1 Caracterização geral do Concelho

A caracterização geral do concelho a que pertencem os dois contextos residenciais em estudo parece-me importante como ponto de partida para a sua compreensão. Nos pontos seguintes procederei a uma breve descrição dos elementos que a esse respeito entendi serem mais relevantes.

Caldas da Rainha inclui-se numa região denominada “Oeste”, que se estende por um espaço com condições físico geográficas semelhantes. O concelho de Caldas da Rainha localiza-se na região centro de Portugal continental e integra a parte sul do distrito de Leiria, circunscrito a sul pelo concelho de Óbidos, Bombarral e pela Serra do Montejunto. A Norte faz fronteira com o Concelho de Alcobaça e Nazaré, a Este com o concelho de Santarém e a Oeste pelo Oceano Atlântico que fica à distância de 8Km.

A proximidade do mar a Oeste – Oceano Atlântico – a Serra dos Candeeiros a Nordeste e a Serra do Montejunto a Sudeste impõem – se como uma importante barreira para o interior. Estas Serras são marcadas por maciços calcários, área planáltica delimitada por vales encaixados, destacando-se o Vale Tifónico das Caldas da Rainha ao qual estão associadas as formações mais antigas da região.

A sua localização define as características do clima que se encontra neste concelho, com temperatura média entre os 15 e 18 graus.

Nesta Região a actividade industrial está fortemente ligada à exploração de recursos naturais: agro-indústrias, cerâmicas e vidro no Oeste. O Oeste oferece uma forte produção agrícola, sobretudo de frutas e produtos hortícolas.

Ao nível das acessibilidades, este território é estruturado por dois grandes eixos viários que convergem em Lisboa, A8 e A1, e pelo eixo ferroviário denominado de *Linha do Oeste*. Houve também uma melhoria nas acessibilidades entre o interior da região e a zona litoral, com as novas acessibilidades transversais, diminuindo a tradicional separação dos municípios pelo sistema Montanhoso Montejunto/Aires/Candeeiros.



Mapa 1 – Principais vias de acesso

Fonte : Câmara Municipal das Caldas da Rainha

É uma Cidade Termal, fundada nos finais do século XV e que ascende a sede de concelho em 1821, centro de uma região depositária de um valioso património arquitectónico e natural - termal. A cidade das Caldas da Rainha, como cidade termal, possui muitos cursos de água, poços e lençóis de água.

O concelho das Caldas da Rainha possui uma área de 256,0 Km², conta com 48.846 habitantes é constituído por 16 freguesias: A-dos-Francos, Alvorninha, Carvalhal Benfeito, Coto, Foz do Arelho, Landal, Nadadouro, Nossa Senhora do Pópulo, Salir de Matos, Salir do Porto, Santa Catarina, Santo Onofre, São Gregório, Serra do Bouro, Tornada e Vidais.

Relativamente à população das Caldas da Rainha pode afirmar-se que esta se caracteriza por um crescimento da população concelhia como resultado do incremento das condições de acessibilidade; e do desenvolvimento sustentado do aproveitamento das potencialidades e recursos locais e na sua gestão estratégica, na qual o concelho assume-se com um papel de cidade atractiva para a fixação de novas actividades e para a consolidação da actividade económica existente e do seu papel de pólo sub-regional.

As análises relativas ao estudo da população foram desenvolvidas tendo por suporte os elementos estatísticos constantes dos Recenseamentos Gerais da População realizados até 2001, elementos estatísticos disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística (O País em Números – Informação Estatística 1991- 2006), assumindo-se por objectivo a obtenção de um conhecimento sumário relativo às características da estrutura populacional que o concelho das Caldas da Rainha e as freguesias que dele fazem parte integrante apresentam.

Na cidade das Caldas da Rainha verifica-se que o crescimento da população é um processo contínuo, começando com as referidas 30 famílias em 1488. Este crescimento ganha ainda mais fôlego com a construção da linha de comboio e com o incremento do termalismo, estabelecendo-se desde muito cedo como um nó no eixo urbano que se estabelece entre Lisboa e Leiria.

De uma forma geral, durante todo o século XX ocorreu um crescimento populacional. A massificação do termalismo começa a notar-se e a cidade das Caldas da Rainha começa a receber população externa.

De facto, a proximidade a Leiria e a Lisboa torna este centro urbano bastante atractivo, quer pela quantidade de comércio e serviços encontrados na própria cidade, quer pela facilidade de resposta encontrada nestes centros vizinhos. A proximidade da capital reflecte-se sobretudo na tendência de migração para a cidade das Caldas da Rainha, que começa actualmente a procurar centros mais calmos.

Na tabela N°1 está contida informação relativa à realidade demográfica do concelho das Caldas da Rainha e de cada uma das suas freguesias. Estes valores reportam-se aos censos de 2001 e 2011, correspondendo aos últimos inquéritos censitários.

Freguesias das Caldas da Rainha	2001	2011
A – dos - Francos	93.1	89.9
Alvorninha	82.6	79.4
Caldas da Rainha – Nª Sra do Pópulo	1208.6	1342.9
Caldas da Rainha – Santo Onofre	1168,7	1218.2
Carvalho Benfeito	95.9	91.7
Coto	201,3	238.4
Foz do Arelho	130.3	139.1
Landal	110.5	103
Nadadouro	146.6	178.6
Salir de Matos	99.1	105
Salir do Porto	78.1	80.9
Santa Catarina	163,8	151.6
São Gregório	64,7	68.5
Serra do Bouro	39,5	38.6
Tornada	161,6	180.8
Vidais	52,3	53.7

Tabela 1 - Densidade Populacional (2001/2011) - por freguesias das Caldas da Rainha

Fonte: INE (Censos 2001/2011)

Da análise da tabela 1 pode-se verificar que houve um aumento da densidade populacional na maioria das freguesias e uma tendência acentuada para a concentração da população nas freguesias urbanas da cidade – Nossa Senhora do Pópulo e Santo Onofre. As freguesias da sede do concelho são aquelas que registam a maior densidade populacional.

A maior densidade populacional que se observa na sede de concelho decorre essencialmente de dois aspectos que podem ser entendidos como fundamentais em termos de atractividade à fixação da população, designadamente as acessibilidades que a freguesia sede de concelho manifesta relativamente às restantes freguesias e ao exterior

do Concelho. O segundo aspecto deve-se ao facto de ser na cidade das Caldas da Rainha e na sua envolvente próxima que se observa uma maior concentração de actividades potencialmente geradoras de emprego, traduzindo-se, num crescimento da cidade superior ao crescimento que tem vindo a ser registadas ao nível da totalidade do território concelhio.

A análise da tabela demonstra ainda que a freguesia de Santo Onofre teve um aumento da densidade populacional apesar de ser a freguesia mais jovem de todo o concelho, em oposição às freguesias rurais, nomeadamente: A – dos – Francos, Alvorninha, Carvalhal Benfeito e Santa Catarina. Constatam-se também que as freguesias próximas do litoral, Foz do Arelho e Nadadouro, são as que têm maior densidade populacional, enquanto as freguesias do interior e ruralizadas, Serra do Bouro, Vidais e São Gregório, detêm menor densidade populacional.

3.2 - Caldas da Rainha – Origem e evolução espacial e social da cidade

Caldas da Rainha nasceu como cidade termal e beneficiou com a fundação do Hospital Rainha D. Leonor que deteve um papel estruturador na ocupação e organização espacial e social. As primeiras construções habitacionais, o núcleo inicial teve origem no espaço físico localizado em redor do edifício do Hospital Termal. Este edifício foi o motor que promoveu o desenvolvimento do povoamento das Caldas, tendo-se verificado um crescimento rápido com a vinda massiva de gente para as termas.

A origem da cidade das Caldas da Rainha está associada a uma lenda que começa por relatar que durante a passagem da Rainha D. Leonor por esta localidade reparou que algumas pessoas de aspecto pobre se banhavam em pequenos charcos de lamas e águas sulfurosas, ao ar livre. Com pena dessas pessoas que sofriam de enfermidades a Rainha mandou construir um edifício para os pobres poderem tratar-se com alguma comodidade, que denominou de hospital. Após o interesse demonstrado por D. Leonor pela localidade e pelas suas nascentes, é traçado o plano de construção de um equipamento hospitalar de apoio aos banhistas, o Hospital Termal.

Após o interesse despertado pela rainha D. Leonor por estas nascentes, é traçado o plano de construção de um equipamento hospitalar de apoio aos banhistas e será dada autorização pelo rei, em 1488, a estabelecerem-se 30 moradores, de forma a consolidarem a malha social e profissional do pequeno aglomerado que rodeava as nascentes. Estava lançado o desenvolvimento de uma vila termal, disto nos dá conta Jorge de S. Paulo ao afirmar que *“logo novas leis a seus Vassallos com penas graves de perdimento de fazendas pera sustentação de pobres que nelles se curavão”* (pp.62).

João Saavedra Machado (1993), reforça a importância do Hospital Termal como local de origem da cidade afirmando que *“O próprio local das nascentes foi centro polarizador de povoamento, a que as infraestruturas davam a possível resposta na medida das exigências dos que as procuravam”* (pp.47).

Outro autor, Luís Nuno Rodrigues (1993), também salienta a importância do Hospital Termal para o desenvolvimento da cidade das Caldas da Rainha quando afirma que o *“Hospital Termal dera origem à própria vila no final do século XV e era ainda, em pleno século XVIII, o centro das Caldas da Rainha. (...) Tendo a vila nascido em função do Hospital, criado num sítio praticamente ermo, é óbvio que tivesse sido em torno da instituição hospitalar que o tecido urbano caldense se fosse organizando e desenvolvendo. As primeiras habitações da vila acabam por formar pequenos arruamentos que, na sua maioria, convergem para o Hospital e para a chamada Praça Velha. As zonas para onde a vila cresce em seguida continuam a obedecer a esta espécie de força centrípeta exercida pelo Hospital”* (pp.109-111).

O processo de construção da cidade teve início com a iniciativa, por parte da rainha D. Leonor, de fixar 30 famílias junto ao balneário. Daqui parte a ocupação urbana em volta do recém-criado hospital termal que posteriormente se foi ramificando, primeiramente delineando ruas e depois abrindo avenidas sobre as quais se foi construindo a cidade.

O povoamento das Caldas da Rainha acelera-se com a vinda de pessoas para as termas, o que origina a construção de mais casas, realização de obras de melhoramento, construção de novos equipamentos e serviços, a plantação de vinhas e pomares, o que promoveu o desenvolvimento da região, então conhecida pelo Hospital da Rainha.

O próprio rei D. João V começou a frequentar com regularidade estes banhos nestas termas o que implicou uma série de melhoramentos, não só no próprio Hospital assim como na própria povoação. Inserido no conjunto de melhoramentos regista-se a construção de chafarizes, colocados em lugares estratégicos e acessíveis para a população, vindo a melhorar o acesso a água potável. Estas obras repercutiram-se no desenvolvimento da urbe.

No séc. XVIII, o Hospital, correntemente chamado de Hospital Real, começa a ser procurado pela aristocracia de Corte, que se junta para o mesmo efeito com os mais pobres que frequentavam as termas.

Aquando das invasões francesas o Hospital Real conhece uma procura diferente. Várias centenas de militares franceses e alguns portugueses afluíram à vila. O Hospital adquire uma nova função ao ser convertido em Hospital Militar, o que veio originar perturbações sociais e económicas devido ao avultado e inesperado número de homens que gerariam tensões incontroláveis.

Nesta época começam a formar-se pequenos arruamentos que convergiam para o Hospital e a então Praça Velha, continuando a crescer sempre à volta do primitivo núcleo do Hospital – centro urbano em torno do qual a vila se foi desenvolvendo.

O redimensionamento do espaço físico e a separação física do edifício da Câmara Municipal com o Hospital Termal marca a separação da luta de interesses entre os dois poderes, tendo ficado em anexo ao edifício da Câmara a cadeia e o açougue (matadouro municipal).

Nas Caldas da Rainha subsistiam dois poderes em simultâneo: o da administração do hospital e o da Câmara. A partir do séc. XIX as administrações do hospital e a Câmara colocaram em prática um conjunto de obras de melhoramento que tentaram aproximar esta estância do que de melhor se fazia na Europa.

A modernização das termas tornou-se um ideal para as sucessivas administrações hospitalares, tendo em vista qualificar a estância e os serviços, de forma a garantir uma frequência termal heterogénea através da captação de classes sociais mais elevadas. Para

tal, em meados deste século, iniciou-se a discussão acerca da separação física entre classes e a construção de um equipamento complementar ao Hospital, de forma a agradar a essas classes.

Na distribuição de funções dos poderes foi atribuído à Câmara a função de realizar melhoramentos urbanos, mandando executar obras em ruas, calçadas, prédios, agueiros, fontes, chafarizes, e em especial melhorias na periferia urbana ao nível das estradas e caminhos de acesso à vila. Fica também sob a sua jurisdição a ocupação de baldios, de terras concelhias e da progressiva ocupação dos terrenos conforme o destino a cultivar ou para construção. Além destas atribuições passou também a decidir sobre questões de higiene e de limpeza, como por exemplo conforme afirma Luís Rodrigues (1993) “...através de sucessivos acórdãos proibindo a presença de animais soltos na rua ou a utilização de novos chafarizes da vila por “gado ou bestas” mandando fazer fogueiras, alertando para o derramamento de águas para as ruas” (pp.123).

Estas alterações e melhoramentos urbanos culminam com o início daquilo que as Caldas da Rainha viriam a ser no séc. XIX como elemento polarizador de atracção das classes abastadas e ricas, que viria a originar uma rede de comércio regional.

Com o objectivo de captação das classes mais abastadas, as sucessivas administrações do Hospital Termal apetrecharam o mesmo e a Vila de equipamentos que foram um pouco dispendiosos, vocacionados para este novo público-alvo, e que levaram a que as sucessivas administrações esquecessem o motivo inicial que levou a Rainha, no séc. XIV, a construir estas instalações – assistência aos mais pobres.

O autor Mário Tavares (1993), relativamente às melhorias na cidade, afirma que “*Em consequência da melhoria dos acessos, resultantes da modernização das vias de comunicação, e porque as Termas Caldenses constituíam, ao tempo, o limite norte dos contactos frequentes da sociedade lisboeta, foi inaugurado nas Caldas da Rainha, em 21 de Julho de 1854, o correio diário*” (pp.293).

No entanto, o desenvolvimento e expansão da cidade tiveram o seu expoente máximo com a construção da linha e estação de caminho – de- ferro, ao permitir uma maior afluência de pessoas, o que deu origem a novas construções e novos arruamentos.

Inicialmente, a linha de caminho-de-ferro servia prioritariamente para transportar passageiros, especialmente os que viajavam para fazerem os seus tratamentos termais nas Caldas da Rainha. A organização social da cidade é alterada com a implantação do caminho-de-ferro que constrói fronteiras, limites que separam, aproximam e ordenam os grupos sociais.

Em meados do século XIX, iniciou-se a discussão acerca da separação física entre o público-alvo inicial, pobres, e as classes mais abastadas, o que originou a construção de um equipamento complementar ao Hospital Termal, o balneário das Águas Santas, afastado do centro da localidade de forma a prestar assistência às classes mais pobres, longe dos “olhares” dos mais ricos.

As transformações operadas nos equipamentos assistenciais – Hospital Real e Águas Santas – decorrentes da política das várias administrações vieram alterar e hierarquizar as classes sociais e o quadro geral das relações sociais, numa cidade dominada por uma cultura assistencial transformando-a em lucrativa, com preocupação económica. Ficou decidido que o Hospital Real se destinaria para as pessoas de maiores recursos e o Balneário das Águas Santas para os mais carenciados.

O plano traçado pelo administrador Rodrigo Berquó em 1888, tinha como objectivos dotar as termas de infra-estruturas, criou o Parque arborizado com um lago e com áreas envolventes aptas para a prática dos desportos em voga. Esta remodelação operada por Berquó consistiu na separação física entre o balneário e o hospital propriamente dito, e a separação entre os doentes externos e os internos, sendo os doentes internos os de menores posses económicas, porque não podiam pagar a sua estadia em hotéis da Vila.

O equipamento hoteleiro atingiu, a partir do séc. XIX, um grande desenvolvimento, localizando-se a maior parte dos equipamentos em torno do hospital. A hotelaria fornece aos termalistas um leque de equipamentos, os quais assumem especial importância pelo seu significado económico e por garantirem uma estadia repousante aos banhistas, embora com diferentes níveis de conforto.

O progresso da Vila, em finais do séc. XIX, impulsionou o crescimento do comércio, nomeadamente o ligado à restauração e à doçaria. O seu carácter de estância termal e de

veraneio deu origem, a partir desta época, ao desenvolvimento de produtos locais com forte repercussão no comércio da Vila, com destaque para o fabrico de doces regionais, cerâmica e olaria.

Uma indústria se destacou quanto ao apreço demonstrado pelos veraneantes, funcionando como atractivo turístico. Trata-se da indústria de cerâmica das Caldas, que em paralelo com o desenvolvimento termal, também sofreu um grande desenvolvimento. O principal produto desta indústria é a conhecida louça das caldas que é um tipo de faiança fundamentalmente decorativa.

A primeira fábrica de faianças é criada nos finais do séc. XIX, em 1884, altura em que na vila é construído um dos primeiros estabelecimentos de ensino técnico criados no País, com o fim de ministrar Formação Profissional aos operários. Esta nova modalidade de escola foi promovida pelo Ministério das Obras Públicas e Comércio. Em 1884 cria-se a Escola de Desenho, mais tarde elevada a Escola Industrial, constituindo um prestigiado equipamento entre as classes urbanas.

Disto nos dá conta Serra (1993) quando se refere a este propósito dos professores que ali leccionavam *“entre os professores da escola, na viragem do século contaram-se nomes como os de Rafael Bordalo Pinheiro e diversos estrangeiros como o austríaco Karl von Bonhorst, o alemão Karl Holthoff, o suíço Emile Possoz (que se ocuparam da Química Aplicada às Artes e especialmente à Cerâmica, entre 1887 e 1890), o alemão Hugo Richeter e, mais tarde, o austríaco Joseph Fuller (que trataram de matérias de desenho e Pintura)”* (pp.51).

A partir de então, a produção de cerâmica é redimensionada, passando por diferentes níveis: produção popular, produção artística e sofisticada. Assistiu-se então a uma viragem na produção menos apurada e imaginativa destinada ao consumo popular, escoada através de feiras e mercados paralelamente com uma produção mais cuidada e sofisticada que se adaptava às exigências e posses das classes abastadas e que era vendida em lojas. Além desta produção sofisticada e popular, a artística, produção de pequenas peças complexas em que ressalta e é dominante o aspecto artístico da representação de motivos da natureza, atribui-se o exclusivo ao artista reconhecido que foi Rafael Bordalo Pinheiro.

Nos primeiros anos do séc. XX, foram realizadas mais obras de melhoramentos para os termalistas, nomeadamente o Parque preencheu-se com um conjunto de equipamentos de recreação, muito próprios da época: velódromo, ringue de patinagem, campos de ténis e de tiro, um restaurante com esplanada e um lago para passeio de barco. A vila das Caldas da Rainha conhece um processo acelerado de desenvolvimento. A imagem externa das Caldas é reconhecida pela qualidade das suas termas e da sua louça e o comércio impulsionou-se e implantou-se. A Vila é elevada a cidade em 1927, com cerca de 7 000 habitantes.

Neste processo de ascensão, Bonifácio Serra (1995) reconhece a grande evolução afirmando *“culminando um longo processo de ascensão social, politicamente apoiada, a vila de Caldas da Rainha recebeu, em Setembro de 1927, o estatuto de cidade de certo modo este estatuto legal consagrava Caldas da Rainha como um pólo regional, a cuja agressividade concedia reconhecimento. O concelho teria então uns 28.000 mil habitantes e a sua capital cerca de 7500”* (pp.53).

O início do séc. XX foi um período áureo para as Caldas da Rainha, destacando-se a sua utilização como cidade termal e de cura associando-se a função de lazer, marcada por um estilo de vida ocioso dos veraneantes burgueses e das elites locais, que viveram à margem dos utentes do Balneário das Águas Santas, de mais baixa condição social.

A utilização terapêutica da vila, por parte das classes populares manteve-se activa. No entanto, certos equipamentos da Vila não eram destinados para esta população, como por exemplo: o Clube de recreio ou os melhores hotéis ou os equipamentos culturais e sociais.

No início da década de vinte do séc. XX, Caldas da Rainha já se constituía como um dos principais centros hoteleiros do País. Todavia, as convulsões políticas por que a Europa passou durante as décadas de 30 e 40 tiveram os seus efeitos nas Caldas, designadamente pelo afastamento de certo público que ajudava a indústria hoteleira local. A presença de refugiados judeus de guerra nas Caldas fez encher todos os seus hotéis de judeus de origem Austríaca, Inglesa, Francesa, Belga, Holandesa e de Americanos, o que veio complicar mais a situação hoteleira local.

Com a II Guerra na Europa, Portugal recebeu muitos judeus refugiados que fugiam da guerra. A cidade das Caldas da Rainha tornou-se num pólo importante de acolhimento de refugiados da II Guerra, provenientes da Europa ocupada. Margarida Rézio (2012) refere o impacto e a alteração social que este acontecimento teve na cidade ao afirmar que “*com a chegada e presença de refugiados de guerra judeus nas Caldas o que fez encher todos os seus hotéis de Austríacos, Ingleses, Franceses, Belgas, Holandeses e Americanos*”.

A alteração da situação hoteleira local, com a presença de refugiados judeus de guerra nas Caldas fez encher todas as unidades hoteleiras existentes na cidade de pessoas de diferentes nacionalidades, miscigenando com a população local originando novas práticas sociais motivadas pelos seus diferentes costumes.

As autoras Soure e Ximenes (1995/1998) referem ainda que “*A ociosidade forçada atirou, nesses locais, a vaga de refugiados para os espaços públicos onde a sua presença introduziu novos hábitos. As esplanadas e a atitude mais liberta das refugiadas parecem ter sido os fenómenos que mais marcaram os portugueses.*” (pp.10)

Algumas das mudanças ao nível das práticas quotidianas e da maneira de encarar a vida verificaram-se com a presença dos refugiados judeus, especialmente “*... as mulheres as grandes introdutoras de alterações na vida e mentalidade dos caldenses. Imitando o comportamento das estrangeiras, as mulheres portuguesas saíram de casa, foram para os cafés e esplanadas, tiraram as meias e os chapéus e fumavam nas ruas.*” (Soure e Ximenes, 1995/1998, pp.29)

O Dr. Ernesto Moreira, citado por Soure e Ximenes (1995/1998), refere que: “*Por aqui passou a nata cultural e financeira da Europa. «Lembro-me do que foi a modificação do ambiente social da cidade em relação aquela gente educada, que era gente com uma vivência grande numa Europa modernizada»*”(pp.29).

Estas transformações sociais trouxeram modificações à cidade das Caldas da Rainha.

Como cidade termal que dependia da vinda de outras pessoas para consumirem, a população autóctene esperava e contava com os meses de Verão em que as termas

abriam para tirarem o seu sustento para o ano inteiro. Segundo Mário Tavares (1993), *“Os meses de Verão eram ansiosamente aguardados: traziam os bens e o brilho a uma população que vivia do, e para o, Hospital. O Verão trazia os rendimentos necessários para a passagem de largos meses de obscuridade e, simultaneamente, a ilusão de ver e servir uma aristocracia que, ela sim, se divertia”* (pp.241).

Costa (1993) afirma também que *“Deste modo, durante a estação balnear, a cidade pulula de actividade, fornecendo os serviços indispensáveis ao acolhimento dos banhistas”* (pp.320).

Entretanto a cidade continuou a crescer e a ser alvo de obras de melhoramentos. Com a construção da Praça da República, “Praça da Fruta”, onde actualmente se realiza o mercado diário, relegou para segundo plano o espaço que compreende o largo do Hospital Termal, a Igreja N^a Sra. do Pópulo e o Largo João de Deus. Posteriormente foi construída a Praça 25 de Abril onde se localizam os edifícios da Câmara Municipal, o Tribunal e a igreja de N^a Sra da Conceição. No entanto, a Praça da Fruta, continua a ser o centro das actividades mais importantes da cidade das Caldas da Rainha. Mantendo estes espaços (Praça da Fruta, Rua das Montras, e a sua área envolvente) a tradição de serem o ponto de encontro social de idosos, reformados, turistas, pessoas locais.

A permanente vizinhança entre doentes mais pobres e o cosmopolitismo mundano de uma sociedade veraneante, entre uma população residente de origem rural e uma burguesia local proveniente de proprietários abastados, profissionais liberais e comerciantes, criam uma sociedade caldense com características próprias. O modelo de organização espacial da cidade e a distribuição espacial das pessoas influenciaram as formas de percepção e uso do espaço.

Entretanto o seu núcleo urbano continua a expandir-se principalmente para Norte e para Oeste do caminho-de-ferro, originando um bairro de características populares – o de Além Ponte.

3.3 - Caminho-de-ferro – a importância na organização Espacial e Social

Caldas da Rainha nasceu espacial e socialmente dividido, com um modelo de organização espacial de cidade que persiste até à actualidade, reforçado pelas políticas económicas de desenvolvimento turístico, industrial e comercial.

Neste contexto, os terrenos circundantes ao edifício do “*Hospital Real*” tornaram-se alvo de crescente atracção, fazendo com que a pobreza se instalasse preferencialmente nas áreas mais afastadas, como é exemplo a área de implantação do balneário das Águas Santas e que integra a Freguesia de Santo Onofre. Este local destinava-se aos banhos curativos para pessoas mais carenciadas – criados da rainha e pobres. É de salientar que a construção do caminho – de – ferro veio reforçar ainda mais a segregação social e as diferentes formas de apropriação do espaço pelos diversos grupos sociais.

Até ao séc. XIX, a maioria da população deslocava-se a pé ou com o auxílio de animais, implicando deslocações obrigatoriamente lentas e demoradas, o que limitava a frequência da população para as termas. Em finais do séc. XVIII, princípios do séc. XIX, surgiram as carruagens de aluguer especialmente para uma população de maiores posses. Há a construção de infra-estruturas, vias de comunicação que vieram alterar e beneficiar consideravelmente a vida social e económica da vila: Estrada Real, Mala-Posta. Estas importantes vias de comunicação foram essenciais para o desenvolvimento da vila que passaram a trazer novos públicos, uns de passagem, outros que se fixaram.

Mário Tavares (1993), citando Godofredo Ferreira, relata como se viajava até às Caldas da Rainha, referindo que “*Os passageiros e o correio embarcavam em Lisboa às sete e meia da manhã, num dos vapores da Companhia dos Barcos a Vapor do Tejo e iam rio acima até ao Carregado, donde partia a Mala-Posta, ao meio-dia em ponto. Tanto num como noutro sentido, as carruagens faziam a mais longa paragem em Caldas da Rainha e Leiria para que os passageiros pudessem tomar as suas refeições. Eram necessárias 23 horas para transpor a distância de 130 km (...) quinta estação de percurso – Caldas da Rainha – onde devia chegar-se às duas horas da madrugada.*”

Aqui tinham os passageiros 30 minutos de paragem para tomarem a sua primeira refeição da viagem – a ceia.

Supomos que se comia na própria Casa da Posta, em edifício particular, que já não existe, próximo da Igreja de S. Sebastião” (pp. 285).

Em 2 de Novembro de 1888 é inaugurada a linha de caminho de ferro, designada por “Linha do Oeste”, que realiza a ligação de Lisboa à Figueira da Foz. O facto de passar nas Caldas da Rainha foi visto como um factor de grande importância para o crescimento das termas e da povoação e uma boa forma de aumentar a procura das termas, designadamente por pessoas de províncias vizinhas. O Hospital das Caldas era, à época, o mais importante estabelecimento termal da Península Ibérica e por isso bastante procurado por famílias oriundas do país vizinho.

O progresso registado nos meios de transporte aproximou Caldas da Rainha de Lisboa e do resto do País. A mobilidade de produtos e de pessoas teve efeitos sobre a capacidade de influência caldensa no plano regional. O Concelho cresceu em riqueza e em população.

A linha férrea atraiu um crescente número de população veraneante e população activa à Vila. A localidade das Caldas da Rainha atraiu à Vila um grande número de pessoas que procuravam trabalho, população activa. Este grande aumento de trabalhadores, agricultores, oleiros e operários, originou a construção de bairros situados entre a estação de comboios e o centro histórico, dividindo a cidade. O caminho-de-ferro foi um eixo muito importante que favoreceu a circulação de mercadorias no mercado regional, e através dele teceram-se novas articulações económicas, sociais e culturais entre os pequenos centros urbanos marcados por uma forte ruralidade, que se encontravam em redor da cidade – os concelhos limítrofes.

A instalação do caminho – de – ferro teve um papel determinante como elemento seleccionador e separador dos grupos sociais, estruturando uma rede onde os vários lugares têm graus de atracção distintos.



Escala 1:25.000

Mapa 2 – Carta Militar de Caldas da Rainha - Detalhe da Linha de comboio

Fonte: tese de mestrado de Margarida Rézio

Legenda:

— Linha do Caminho-de-ferro

A nova organização espacial originada pela implantação da linha-férrea dividiu o espaço físico, demarcando dois territórios distintos, rural e urbano. O espaço rural designado de Além Ponte atraiu grande parte da população activa e produtora da Vila, dando origem à construção de bairros. A ponte sobre a linha de caminho de ferro marca a fronteira entre os dois espaços. A instalação do caminho – de – ferro teve, pois, um papel determinante como elemento seleccionador e separador das classes sociais, estruturando uma rede onde os vários lugares têm graus de atracção distintos.

A estação de caminho de ferro ficou à margem do núcleo em torno do Hospital, devido ao espaço necessário para as linhas, pelo que se tornou necessário construir uma via que ligasse o centro da povoação ao novo transporte – Avenida da Independência Nacional. Após este evento, a própria expansão da Vila fez-se em direcção da circular constituída pelo caminho – de – ferro, com novos arruamentos e construções. No entanto, as zonas para onde a Vila cresce continuam a obedecer a uma espécie de força centrípeta exercida pelo Hospital Termal.

O caminho de ligação da estação ao centro foi, desde logo denominado de avenida. Esta foi arborizada e escolhida pelas classes sociais economicamente dominantes para

edificarem as suas casas e para que as actividades terciárias se estendessem, nomeadamente os equipamentos hoteleiros. A área de ligação das termas à estação passou a ser o espaço mais procurado e funcionou como o eixo principal de desenvolvimento da Vila.

Os terrenos circundantes às termas tornaram-se alvo de crescente atracção por parte da população com maiores posses económicas. O espaço para além da linha-férrea passou a ser procurado pelas classes com menos possibilidades económicas, sendo até, neste local, o preço das terras mais baixo. Assim, as populações mais carenciadas foram-se instalando preferencialmente nas áreas mais afastadas, formando bairros.

Coincidindo com a chegada do comboio é criada, nos finais do séc. XIX, a primeira fábrica de faianças. Simultaneamente verifica-se o desenvolvimento da indústria de cerâmica das Caldas, em paralelo com o desenvolvimento termal. Esta indústria necessita de mão-de-obra as pessoas que migram das zonas rurais para a cidade e que se fixam nos locais acessíveis de acordo com as suas posses, bairro operário de Além Ponte. Esta população desenvolveu actividades artesanais como as do barro e da olaria.

Em finais do séc. XIX surge uma nova organização espacial originada pela implantação da linha férrea que dividiu o espaço físico demarcando dois territórios distintos: O espaço a Este com a estação do caminho-de-ferro, onde se localiza o edifício do Hospital Termal onde fixaram resideância os mais abastados, e o espaço a Oeste onde se localiza o balneário das Àguas Santas onde se fixou a população mais pobre, trabalhadora, activa, da Vila dando origem à construção de bairros de origem ilegal, bairros operários.

A nova organização espacial originada pela implantação da linha férrea dividiu o espaço físico em dois territórios distintos. Os dois espaços encontram-se separados por uma fronteira física e simultaneamente simbólica. São, no entanto, ligados por uma ponte aérea sobre a linha de caminho-de-ferro.

A ponte pedonal aérea estabelece a ligação e permite a circulação de pessoas e bens, entre a zona Este do Hospital Termal, onde a Vila cresceu continuamente, e a zona Oeste, periférica dos bairros. Ou seja, podemos constatar que a linha de caminho de

ferro marca a fronteira entre dois espaços – de maior e menor protagonismo dentro da mesma freguesia urbana de Nossa Senhora do Pópulo.

Com o aumento de população houve uma maior procura de terras, originando outros locais para habitação, outros bairros. O espaço para além da linha férrea, passou a ser procurado pelas classes com menos possibilidades económicas, porque neste local o preço das terras era mais baixo. Estas áreas de pouco interesse económico devido à fraca qualidade dos terrenos arenosos, e por serem de difícil acesso ao centro foram ocupados pelos grupos sociais de menores recursos.

Esta distribuição espacial das pessoas determinou diferentes condições de percepção e apropriação do espaço da cidade influenciando a construção do diferente parque habitacional, morfologia espacial e de formas de uso diversificadas.

A cidade das Caldas da Rainha desenvolveu-se espacialmente, ficando socialmente dividida. Este modelo de organização espacial da cidade persiste até hoje, apesar de actualmente se encontrarem algumas diluições. No entanto, continuam a haver diferentes usos do espaço, quer nas zonas a *Oeste* da linha férrea, quer no lado do espaço termal, zona *Este*.

3.4 As freguesias urbanas e alguns dos seus Bairros

A organização e a composição do actual espaço da cidade das Caldas da Rainha apresenta-se configurada como um espaço construído de forma segmentada, diferenciada e complexa, marcada por contrastes e desigualdades urbanas, nomeadamente ao nível das diferentes condições de habitabilidade, infra-estruturas, transportes, equipamentos e serviços, que vão afectar a qualidade de vida da população e as práticas quotidianas.

O lugar das Caldas foi separado do Concelho de Óbidos no séc. XV, e elevada a cidade em 1927, sendo “N^a Sra. do Pópulo” constituída como única freguesia urbana. Só em meados dos anos 80 do séc. XX irá surgir uma nova freguesia urbana, a freguesia de

Santo Onofre, que coincide espacialmente com a área a Oeste da linha de caminho de ferro.

A população da freguesia de Nossa Senhora do Pópulo vive essencialmente dos serviços, comércio da cerâmica e madeiras e da pequena indústria, da venda e comercialização dos produtos agrícolas.

Em virtude do alargamento do perímetro urbano, nasce nos anos 80, a 31 de Dezembro de 1984, uma segunda freguesia, a freguesia de Santo Onofre com uma população aproximadamente de 12 500 habitantes, contando actualmente com 17 000 habitantes.

A freguesia de Santo Onofre, a *Oeste* da linha férrea, é habitada pelo grupo de pessoas com menos possibilidades económicas, o que originou um bairro de características populares – o de Além Ponte.

Tal como afirma João Bonifácio Serra, (1993) *“Do outro lado da ponte sobre o caminho-de-ferro, esboça-se entretanto uma periferia de habitação de camadas populares que o centro histórico já não absorve e a alta dos preços dos solos expulsa. A designação dada a esse novo bairro – e ainda mantida – será, significativamente, de “Bairro Além da Ponte” (pp.388).*

Numa fase inicial da expansão demográfica da Vila de Caldas da Rainha, os primeiros bairros, no lado Oeste da linha de caminho-de-ferro, formaram-se através de um processo desencadeado por alguns habitantes oriundos de diversos pontos do país que encontravam trabalho na vila, onde vendiam os produtos que produziam.



Escala 1:25.000

Mapa 3 - Localização dos 3 principais bairros da freguesia nde Sto Onofre

Fonte: Tese de mestrado de Margarida Rézio

Legenda:

— Linha do Caminho-de-ferro

● Bairro dos Arneiros

● Bairro da Ponte

● Bairro das Morenas

Nos bairros que se desenvolveram na freguesia de Santo Onofre destacam-se algumas características particulares, tais como: a existência de colectividades que nasceram graças ao empenho e espírito associativo dos seus moradores, nomeadamente a Sociedade de Instrução e Recreio “Os Pimpões”, a Associação Cultural Desportiva e Recreativa Arneirense e o Futebol Clube das Caldas. Nestes espaços subsistem relações fortes de tipo comunitário, relações de vizinhança mais fortes, clubes ou associações em

torno de determinados interesses comuns, que permitem uma comunhão de interesses entre os seus membros.

A freguesia apresenta, nos três principais bairros, vestígios de segregação de classes que chegam à actualidade, materializados: na tipologia e qualidade de materiais das casas, térreas, pequenas e baixas; na falta ou na fraca qualidade dos equipamentos existentes; nos vestígios ainda existentes de antigas e pequenas olarias; e no que resta do Balneário das Águas Santas para aí se tratar gente pobre. Estes condicionalismos indiciam também, segregação de território que tentava rivalizar com a freguesia de N^a de Sra. do Pópulo por esta receber no Hospital Termal Rainha D. Leonor, as classes sociais mais abastadas.



Fotografia 1 - Casas do bairro: térreas e unifamiliares ao abandono
Fonte: Sara Camacho



Fotografia 2 - Casas do bairro: térreas e unifamiliares ao abandono
Fonte: Sara Camacho



Fotografia 3 - Casas do bairro

Fonte: Sara Camacho



Fotografia 4 - Casas do bairro

Fonte: Sara Camacho

A população encontra-se relativamente isolada, física e socialmente, em relação à população da outra freguesia urbana. Ao nível físico só existem três pontos de passagem entre as duas freguesias: uma estrada asfaltada mais afastada do centro da cidade; uma estrada que passa pela linha de caminho-de-ferro e que encerra depois do horário de trabalho do empregado da estação de caminho-de-ferro; e uma ponte aérea pedonal.

Ao nível social deparamo-nos com alguns problemas, dos quais se destacam: famílias com baixos recursos económicos e com pouca escolarização, fraco acesso ao mercado

de trabalho e incidência de problemas familiares (toxicodependência, alcoolismo, famílias disfuncionais...).

Ao nível dos equipamentos, a freguesia apresenta escassez de equipamentos e serviços. Os poucos que existem apresentam uma qualidade deficiente, não cobrindo todas as necessidades da população ao nível das acessibilidades, acesso aos serviços de saúde, transportes e serviços gerais.

Actualmente, verifica-se uma crescente valorização desta freguesia com a passagem do antigo liceu – Escola Secundária Raul Proença – para esta freguesia, com a ideia de “uma escola de elite” que trouxe novos públicos para frequentarem esta freguesia. Foi também construído o parque industrial da cidade com o objectivo de dinamizar e abrir este espaço de bairro.

Através destes acontecimentos, a freguesia foi-se desenvolvendo e aumentando o pequeno comércio local, cafés e mercearias. A implantação das áreas comerciais assim como da indústria que foi transferida para esta área territorial, ajudaram a desenvolver socialmente os espaços e a diminuir um pouco a segregação desta freguesia.



Fotografia 5 - Escola Secundária Raul Proença

Fonte: Sara Camacho

Nesta freguesia encontramos essencialmente pequeno comércio, indústrias de: cerâmica, madeira, construção civil, produtos alimentares, metalomecânica, confecção, latoaria, perfumaria, pecuária, estufas de plantas, comércio e agricultura.

Nesta freguesia localiza-se uma fábrica de sabões e produtos de beleza (shampoos, desodorizantes, cremes...) “A Sagilda” que aproveitava a qualidade das águas termais do balneário das “Águas Santas” para produção dos seus produtos: shampoos, sabonetes, desodorizantes, cremes corporais. Actualmente a mesma fábrica labora em moldes diferentes, tendo abandonado o uso das águas termais por força da higienização dos serviços e das exigências da saúde pública.



Fotografia 6 - Fábrica “A Sagilda”

Fonte: Sara Camacho



Fotografia 7 e 8 – Alguns dos produtos produzidos pela fábrica “A Sagilda”

Fonte: Fábrica da Sagilda



Fotografia 9 e 10 – Alguns dos produtos produzidos pela fábrica “A Sagilda”

Fonte: Fábrica da Sagilda

Capítulo IV

O Bairro dos Arneiros

O fenómeno da industrialização em combinação com os movimentos migratórios das populações que abandonam o interior para o litoral, o êxodo rural, e o continuado aumento de população da cidade, leva a uma expansão do espaço urbano.

O forte ritmo da migração populacional para a cidade, não tendo sido acompanhado pelo aumento da oferta de habitação, teve como consequência um problema no campo da habitação. Tendo a solução sido encontrada com a construção dos chamados bairros de origem ilegal, perante a escassez ou o elevado custo da habitação promovida de forma legal.

O Bairro dos Arneiros tem a sua origem num aglomerado de construção rudimentar e de apoio aos oleiros que vieram trabalhar para a cidade, tendo características particulares inerentes a esse facto, que serão seguidamente desenvolvidas.

Ao contexto residencial denominado de Bairro dos Arneiros correspondem vários contextos residenciais, compostos por diferentes tipos de edificado e apropriações do espaço associados à heterogeneidade dos seus habitantes.

4.1 - Localização do território do Bairro dos Arneiros

Em termos da localização, o Bairro dos Arneiros situa-se na freguesia de Santo Onofre, está situado no lado oeste da linha do comboio e é dos bairros que compõem esta freguesia o que se situa mais a norte e afastado do centro da cidade.

O bairro comunica a Sul com o Bairro da Ponte, a Norte faz fronteira com a localidade denominada de Campo e com a freguesia de Tornada, a Oeste com o pinhal de acesso à Foz do Arelho e a Este com a urbanização Cidade Nova.

O acesso ao bairro é realizado principalmente, para quem vem do centro da cidade, a partir da rotunda designada por Fonte Luminosa. Esta rotunda encontra-se ligada à Rua D.JoãoII que é a principal via de entrada do bairro para quem vem do centro da cidade, como se pode constatar pela fotografia nº11.



Fotografia 11 - Entrada no bairro pela Rua D.JoãoII, perspectiva de quem está no bairro

Fonte: Sara Camacho

A principal saída do bairro em direção à cidade é apresentada na fotografia nº12 que mostra a via designada de Rua Cardeal Alpedrinha.



Fotografia 12 - Saída do bairro pela Rua Cardeal Alpedrinha

Fonte: Sara Camacho

Outra forma de acesso ao bairro é realizada através da estrada da Foz do Arelho, passando pelo cemitério novo e pelo novo complexo desportivo que compreende: o edifício do Bowling, piscinas municipais, Badmington e o campo de ténis, como demonstram as perspectivas apresentadas nas fotografias nº13 e 14.



Fotografia 13 - Entrada no bairro pela estrada da Foz

Fonte: Sara Camacho



Fotografia 14 - Entrada no bairro pela estrada da Foz

Fonte: Sara Camacho

A fotografia nº 15 apresenta a estrada que faz a ligação entre o bairro dos Arneiros e a Foz do Arelho, mas através dos campos de agricultura e zona industrial.



Fotografia 15 - Entrada no bairro pela estrada da Zona Industrial

Fonte: Sara Camacho

As duas principais ruas que atravessam o bairro, a Rua D. João II e a Rua Cardeal Alpedrinha, terminam na Rua Rua Manuel de Matos e Sousa. As fotografias nº 16 e 17 apresentam uma perspectiva desta via que contorna todo o bairro pela zona norte e faz a fronteira entre o fim da zona habitada do bairro e a passagem para zona industrial e a Foz do Arelho, através de campos de agricultura e hortas, como se pode verificar pelas fotografias nº 16 e 17.

Nas fotografias nº 16 e 17, também se pode observar os dois lados da rua e as situações diferentes de ocupação do solo.



Fotografia 16 - Rua Manuel de Matos e Sousa

Fonte: Sara Camacho



Fotografia 17 - Rua Manuel de Matos e Sousa

Fonte: Sara Camacho

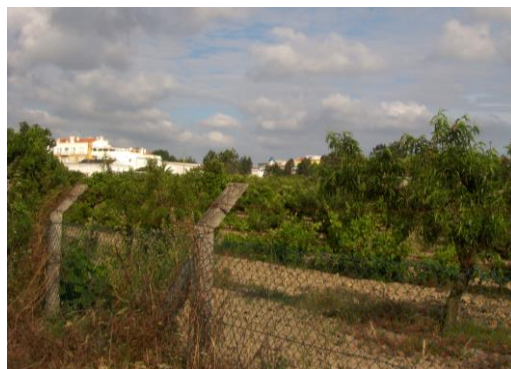
Pela observação das fotografias nº 18, 19 e 20 verifica-se que de um lado da rua encontramos habitações, e do outro lado encontram-se campos de agricultura em situação de abandono.



Fotografias 18 – Rua Manuel de Matos e Sousa - zona dos campos agrícolas

Fonte: Sara Camacho

Como demonstrado pelas fotografias nº19 e 20, alguns dos dos campos agrícolas que se localizam na parte final do bairro encontram-se vedados por cercas de arame farpado.



Fotografias 19 – Rua Manuel de Matos e Sousa - zona dos campos agrícolas protegidas por arame farpado

Fonte: Sara Camacho



Fotografias 20 – Rua Manuel de Matos e Sousa - zona dos campos agrícolas protegidas por arame farpado

Fonte: Sara Camacho

Outra das principais vias de acesso ao bairro é a estrada que liga a cidade à Foz do Arelho, passando pela Zona Industrial, sendo a zona industrial uma área que faz a fronteira entre o bairro e a Foz do Arelho. As fotografias 21, 22 e 23 apresentam algumas das perspectivas desta via de acesso ao bairro.



Fotografias 21- Estrada da zona industrial para a Foz do Arelho

Fonte: Sara Camacho



Fotografias 22 - Estrada da zona industrial para a Foz do Arelho

Fonte: Sara Camacho



Fotografias 23 - Estrada da zona industrial para a Foz do Arelho

Fonte: Sara Camacho

4.3 – Equipamentos e serviços existentes no Bairro dos Arneiros

Este contexto residencial, o Bairro dos Arneiros, é composto por várias instituições como: Jardim de Infância do Bairro dos Arneiros, Escola Básica do 1º Ciclo dos Arneiros; Colégio Rainha D. Leonor; Escola Secundária Raul Proença; INFANCOOP; entidades bancárias; Associação Cultural Desportiva e Recreativa Arneirense; sede do Clube de Futebol das Caldas; Centro de Educação Especial Rainha D. Leonor; Cemitério de Sto. Onofre; Bowling Caldas; Complexo Desportivo Municipal; Piscinas Municipais e o Centro de Exposições – Expoeste.



Fotografia 24 – Sede do clube de futebol da cidade

Fonte: Sara Camacho



Fotografia 25 – Associação “O Arneirense”

Fonte: Sara Camacho



Fotografia 26 – Piscinas Municipais

Fonte: Sara Camacho

Inserido neste espaço, encontramos um edifício de grandes dimensões para exposições – Expoeste, fotografia nº27. Este espaço costuma ser frequentado pelos moradores da cidade e turistas aquando de grandes exposições temáticas (Agricultura, Automóvel...) ou na comemoração de dias festivos - S. Martinho, Semana Infantil em Junho, Tasquinhas dos santos populares, Tasquinhas no 15 de Agosto. As festas do 15 de Agosto são importantes na medida em que são o tempo em que toda a população da cidade, emigrantes e visitantes se encontram no mesmo espaço e convivem.



Fotografia 27 – Edifício da Expoeste
Fonte Sara Camacho

Há também uma série de serviços oferecidos no bairro como: bares, padarias, cafés, mercearias, talhos, papelarias, restaurantes, entre outros, o que denota o aspecto da transformação de certas áreas do bairro como comerciais.

Encontra-se ainda no bairro uma praça – Praceta Arnaldo Fortes – que apresenta alguns equipamentos como um parque infantil e um campo de futebol em bom estado de conservação construídos pela Junta de freguesia, como se pode observar pelas fotografias nº 28, 29 e 30. Estes equipamentos localizam-se ao fundo da Rua D. João II, para quem vem do centro da cidade, após a passagem pelas escolas do Jardim de Infância, a Escola do 1ºciclo e a Escola Secundária Raul Proença.



Fotografia 28 - Campo de jogos
Fonte: Sara Camacho

Da observação das fotografias nº 28, 29 e 30 podemos constatar que estes equipamentos se encontram em bom estado de conservação e de aspecto cuidado. A utilização maioritária deste espaço verifica-se nos períodos em que os jovens não se encontram em tempo escolar, fins de tarde e fins de semana.



Fotografia 29 – Jardim
Fonte: Sara Camacho



Fotografia 30 - Vista do conjunto – Parque infantil e Campo de Jogos
Fonte: Sara Camacho

O bairro é também servido por uma rede de transportes públicos urbanos que o atravessa – o Toma - fornecido pela Câmara Municipal das caldas da Rainha, fotografias nº 31 e 32. Este serviço liga o bairro aos principais pontos da cidade.



Fotografia 31 - Transporte público – O Toma

Fonte: Sara Camacho



Fotografia 32 – Outra perspectiva do Toma

Fonte: Sara Camacho

A linha ferroviária existente na cidade atravessa o bairro dos Arneiros, em toda a sua extensão. No entanto, não existe nenhuma estação no mesmo, nem mesmo protecção de separação/limitação dos carris do caminho de ferro, encontrando-se as casas mesmo ao lado da linha do comboio. Importa ainda referir que os moradores não utilizam este transporte para a sua deslocação diária uma vez que este meio de transporte só possui um local de paragem que se encontra no centro da cidade.

4.4 – Descrição do edificado do Bairro dos Arneiros

O seu nome tem origem na baixa qualidade e produtividade agrícola dos terrenos por serem arenosos. Este bairro de entre os bairros da cidade é o que se localiza mais longe do centro da cidade e mais perto da praia da Foz do Arelho. O mapa 8 mostra a morfologia do Bairro dos Arneiros.



Mapa 5 - Bairro dos Arneiros – vista aérea
Fotografia cedida pela Junta de Freguesia
Digitalizado por Sara Camacho

No início, este bairro era habitado pela população que veio para a localidade das Caldas da Rainha à procura de trabalho. Esta migração era originalmente constituída principalmente por uma população proveniente de zonas rurais ou de outros locais da cidade que migraram também por necessidade, principalmente pelos valores do solo.

O bairro é habitado por operários e por pessoas oriundas dos meios rurais que partiram para a cidade à procura de uma vida melhor. Ana Rodrigues Oliveira (2003) reforça esta ideia quando refere também que “...as dificuldades originaram a saída de muitas pessoas do campo para a cidade, procurando emprego nas fábricas que iam sendo criadas ou, simplesmente atraídos pelo sonho de uma vida mais fácil”. (pp. 80) Este contexto residencial de origem ilegal situa-se afastado do centro urbano, onde os

terrenos são mais baratos também devido às características do solo, arenosos e barrentos.

Nesta zona de terrenos barrentos encontra-se naturalmente o barro que era a matéria – prima para a produção artesanal de peças de olaria para uso doméstico, loiças de utilidade diária: cântaros, pratos, copos, jarros e objectos de uso diverso. Assim, se fixaram os oleiros e artífices do barro.

No seu início este povoado era composto por casas térreas, baixas, e os seus acessos encontravam-se em terra batida, como se pode observar pela fotografia nº 33 cedida pela junta de freguesia. A principal estrada só foi alcatroada em 1975. A partir dos anos 60 e 70 o bairro expande-se com a fixação de algumas famílias recentemente chegadas à localidade.



Fotografia 33 - Início do Bairro dos Arneiros
Fotografia cedida pela Junta de Freguesia de Sto. Onofre
Digitalizado por: Sara Camacho

De acordo com as informações transmitidas por uma funcionária da Junta de freguesia de Santo Onofre e que se encontra registado no diário de campo, Março de 2010, inicialmente, os habitantes dedicavam-se à cerâmica em pequenas olarias, pequenas fábricas e ao estafe – produção de placas de gesso para forrar os tectos das casas - que acabaram por desaparecer. Actualmente, ainda se encontram vestígios no bairro da existência desta actividade de olaria e de pequenas oficinas.

Este bairro conheceu um período de maior crescimento e um franco desenvolvimento inicialmente com a construção da Escola Primária. Posteriormente o bairro revitalizou-se com a abertura da Escola Secundária Raul Proença, a instalação de alguns espaços

comerciais e com a criação de infraestruturas desportivas, com a construção do Centro de Exposições – Expoeste e com nova saída e entrada de tráfego proveniente da A8, trouxeram novos fluxos de pessoas ao bairro.

O início da construção do Bairro dos Arneiros faz-se geralmente com reduzidas condições habitacionais, onde a principal tipologia de construção é a casa térrea e pequena e verificando-se a ausência das principais infraestruturas, como se pode constatar através da observação das fotografias nº 34, 35, 36 e 37.



Fotografias 34 Casas do Bairro

Fonte: Sara Camacho



Fotografias 35 Casas do Bairro

Fonte: Sara Camacho



Fotografias 36 - Casas do Bairro dos Arneiros

Fonte: Sara Camacho



Fotografias 37 - Casas do Bairro dos Arneiros

Fonte: Sara Camacho

Esta situação tende a modificar-se posteriormente, quer nas habitações, quer nas infra-estruturas básicas do bairro (água, luz, esgotos, arruamentos), sendo estas últimas resultado da intervenção camarária. Como foi mencionado por uma funcionária da Junta de freguesia de Santo Onofre e que se encontra registado no diário de campo, Março de 2010, *“só na década de oitenta com a construção do liceu (Escola Secundária Raul Proença) é que as ruas foram asfaltadas e foi construída a rede de saneamento.”*

No entanto, como se pode verificar nas fotografias nº 38 e 39, ainda encontramos actualmente edificações de um piso interpoladas com algumas casas mais recentes de dois ou três pisos.



Fotografias 38 - Casas mais antigas/térreas misturadas com casas mais recentes

Fonte: Sara Camacho



Fotografias 39 - Casas mais antigas/térreas misturadas com casas mais recentes

Fonte: Sara Camacho

Embora toda a extensão do contexto residencial seja chamado de Bairro dos Arneiros, encontram-se inseridos nele dois aglomerados habitacionais com características específicas: o Bairro do Elias, bairro operário delimitado por muros só com uma entrada através de um portão de acesso pedonal; e o Bairro José Natário, um bairro social que actualmente é conhecido por Bairro do IGAPHE, (Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado) e que serve de alojamento para uma população com características particulares, de carência económica, de acordo com informação recolhida junto da Junta de Freguesia de Santo Onofre, das Caldas da Rainha.

Os dois aglomerados habitacionais, Bairro do Elias e Bairro do IGAPHE, encontram - se inseridos no perímetro do Bairro dos Arneiros, e situam-se em paralelo em território próximo mas de tipologia diferente. O Bairro do Elias encontra-se actualmente totalmente absorvido pelo crescimento do edificado do bairro, enquanto o Bairro do IGAPHE permanece na franja do bairro, no limite exterior, realizando a fronteira entre o bairro dos Arneiros e a zona de floresta.

O Bairro do IGAPHE é de construção em altura, é constituído por um conjunto de prédios com fachadas todas iguais, como se pode verificar pela fotografia nº40.



Fotografia 40- Bairro do IGAPHE

Fonte: Sara Camacho

Através da observação da fotografia nº 41 verificamos que o Bairro do Elias é constituído por casas térreas todas de morfologia igual e pintadas da mesma cor, alinhadas num corredor.



Fotografia 41 - Bairro do Elias

Fonte: Sara Camacho

As habitações que compõem o “bairro do Elias” são todas iguais e encontram-se delimitadas por um muro, como apresenta a fotografia nº42, que separa as habitações deste contexto residencial das habitações do outro bairro. O acesso a este contexto residencial é restrito a acessibilidade pedonal e, como podemos observar pela fotografia nº 43, este contexto residencial apresenta-se só acessível através de um portão. Neste conjunto habitacional, as casas são térreas, de um só piso, construídas ao longo de um corredor e encontram-se pintadas de branco.



Fotografia 42 e 43 - Bairro do Elias - pormenor do portão de acesso ao bairro e do muro de delimitação

Fonte: Sara Camacho

Já o Bairro conhecido por Bairro do IGAPHE - Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado, situado na freguesia de Santo Onofre, localiza-se na Rua José Natário.

Está inserido no Bairro de maior dimensão – Bairro dos Arneiros – localizado numa das Freguesias Urbanas das Caldas da Rainha – Santo Onofre.



Fotografia 44 e 45 - Bairro do IGAPHE – vista geral

Fonte: Sara Camacho

É um bairro de habitação social constituído por 6 prédios de 4 pisos, num total de 96 fogos, tendo 16 fogos/habitações por Bloco.

Em 1988, numa primeira fase, foram construídos 3 Blocos (48 fogos) e atribuídos em Regime de Arrendamento, ao abrigo do Decreto Regulamentar N° 50/77, de 11 de Agosto. Numa segunda fase, foram construídos os restantes 3 Blocos (48 fogos), atribuídos em 1991 em Regime de Venda, ao abrigo do Decreto-lei N° 141/88, de 22 de Abril.

Os prédios encontram-se dispostos de forma quadrangular dando origem a um espaço aberto no interior, um espaço público no centro da urbanização que é ocupado pelos habitantes do bairro.

O bairro do IGAPHE encontra-se construído em terrenos arenosos e envolvido por vestígios de antiga floresta de pinheiros que foi deixada a baixo para a construção deste conjunto habitacional, como se pode verificar na fotografia n° 46, denotando-se uma falta de cuidado e preocupação com o meio envolvente deste contexto residencial.



Fotografia 46 - Pormenor da delimitação do bairro do IGAPHE

Fonte: Sara Camacho

Este contexto residencial localiza-se no extremo oeste do bairro dos Arneiros e é circundado por terrenos arenosos com uma vegetação não cuidada. Na fotografia n° 47 podemos verificar que o bairro é visível para quem passa, mas que é de difícil acesso, encontrando-se parcialmente isolado do meio envolvente.



Fotografia 47 - o bairro do IGAPHE visto a partir da Rua Eng. Luís de Paiva e Sousa

Fonte: Sara Camacho

Os acessos ao bairro fazem-se somente através da Rua Eng. Luís de Paiva e Sousa, como se pode observar na fotografia nº 48, do lado sul e da Rua José Tanganho a partir do lado norte do bairro.



Fotografia 48 – Entrada no bairro pela Rua Eng. Luís de Paiva e Sousa

Fonte: Sara Camacho

O Bairro do IGAPHE só possui uma via de acesso através de automóvel, através da Rua Eng. Luís de Paiva e Sousa, sendo a outra via de acesso só pedonal, Rua José Tanganho, apresentada na fotografia nº49, encontrando-se esta em terra batida de aspecto mal cuidado.



Fotografia 49 - Rua José Tanganho -pormenor do caminho de terra batida

Fonte: Sara Camacho

A Rua José Tanganho realiza a fronteira entre o contexto residencial do Bairro do IGAPHE e o Bairro dos Arneiros. Esta fronteira física limita o acesso ao bairro, ao permitir somente o acesso pedonal, dificultando o transporte de mercadorias por este lado ao bairro. Para dificultar mais o acesso ao bairro verifica-se que este se realiza através de uma escada, como se pode verificar na fotografia nº 50.



Fotografia 50 – separação dos dois bairros Arneiros e IGAPHE - pormenor das escadas de acesso

Fonte: Sara Camacho

Todo o espaço envolvente ao bairro encontra - se em terra batida com ervas, existindo uma escadaria que estabelece a separação entre os dois espaços restringindo o acesso a pé, e impedindo a comunicação ao bairro por este lado com automóveis.

4.5. As práticas, os usos do espaço público no Bairro dos Arneiros

De seguida passarei a apresentar as vivências e os usos que se podem encontrar nos espaços públicos do Bairro dos Arneiros, tendo em consideração a origem deste contexto residencial.

No Bairro dos Arneiros encontram-se inseridos dois conjuntos habitacionais, a um deles é dada a denominação de Bairro do Elias e ao outro de Bairro do IGAPHE. Estes contextos residenciais condicionaram a organização social do Bairro dos Arneiros. Pelo que pude observar e ouvir dos relatos dos moradores, a população dos diferentes conjuntos habitacionais convive e não existem situações de conflito registadas.

No entanto, relativamente aos habitantes do Bairro do Igaphe, os moradores do Bairro dos Arneiros fazem questão de se demarcar quanto ao local em que moram, como se pode verificar pelo registo efectuado no Diário de Campo do dia 13 de Julho de 2010, durante a tarde. *“Encontrei uma senhora que conhecia, que era funcionária do Cento de saúde, que me cumprimentou e que fez questão de salientar que “não morava no bairro do IGAPHE, mas no Bairro dos Arneiros” ao qual eu perguntei onde acabava um e começava o outro ao que respondeu: “a partir da Rua José Tanganho já não é bairro do IGAPHE este é o limite”.*

Através das fotografias nº 51 e 52 pode-se verificar a fronteira física existente entre os dois contextos residenciais, a Rua José Tanganho, que se encontra de um lado alcatroada e com passeios delimitados e do outro lado se encontra de terra batida e com marcas de abandono, visíveis pela existência de ervas e algum lixo.



Fotografia 51 e 52 - Bairro do IGAPHE – pormenor da delimitação do Bairro do IGAPHE e o Bairro dos Arneiros

Fonte: Sara Camacho

Apesar da população da cidade referenciar a existência de algum medo face aos habitantes do bairro do IGAPHE, para a população do bairro dos Arneiros o bairro do IGAPHE é sentido como um elemento do quotidiano que não traz problemas ao bairro, a não ser justamente a visão negativa que a cidade transmite ao bairro pela presença dos moradores desse bairro. Na fotografia nº 53 podemos encontrar um homem de etnia cigana nas suas deambulações quotidianas pelo bairro.



Fotografia 53 - Homem de etnia cigana, morador do bairro do IGAPHE

Fonte: Sara Camacho

Este contexto residencial, bairro do IGAPHE, apresenta características próprias, devido à morfologia da sua construção. O conjunto habitacional é composto por vários prédios

de fachada igual, formando um quadrado. No centro desse quadrado encontramos um espaço livre que é utilizado por todos os moradores do bairro, um antigo parque infantil em mau estado de conservação e que é utilizado actualmente como local para secar roupa e como espaço de convívio.



Fotografia 54 e 55 - Bairro do IGAPHE – espaço comum

Fonte: Sara Camacho

Este espaço comum do bairro é um espaço público que é utilizado pelos moradores do bairro para conviverem e para realizarem actividades normalmente consideradas como actividades privadas, domésticas, como secar roupa, trazerem cadeiras de casa para se sentarem a conversar e conviver.



Fotografia 56 - Convívio à sombra, em cadeiras no centro do Bairro do IGAPHE

Fonte: Sara Camacho

Este espaço público é, no entanto, um espaço fechado sobre si próprio, uma vez que não é acessível a todos os habitantes da cidade. Este espaço é frequentado só pelos

moradores deste contexto residencial no qual as redes de vizinhança actuam como meio de controlo e protecção em relação ao exterior, detectando a presença de “estranhos” ao bairro. Como refere Monica Farina (2008) *“espaço, aparentemente público, aberto para o exterior, (...), é um espaço fechado sobre si próprio, no qual as redes de vizinhança actuam como meio de controlo e protecção em relação ao exterior”* (pp.119).

São os residentes do bairro que no seu quotidiano efectuam o controlo e a vigilância, observando quem é ou não do bairro e as movimentações no seu interior. Esta realidade acontece, porque estes espaços para além de se fecharem sobre si não oferecem condições ou locais para quem é de fora dos circuitos de relacionamentos do bairro visitar ou estar neste espaço público.

Nestes casos, os moradores destes contextos desenvolvem estratégias e comportamentos próprios desse espaço com o objectivo de cumprirem a função de controlo. Como também referem Luis Baptista e Joan J. Pujadas (2000), ao afirmarem que em certos espaços as *“(...) formas específicas de sociabilidade e de controlo social, formas de associação e de cooperação, determinados mecanismos de integração e de mobilização, lugares de encontro específicos para cada subgrupo.”* (pp.296).

Algumas dessas formas de vivências e usos que podemos encontrar nesses contextos específicos de vigilância e controlo ao elemento estranho ao bairro, observam-se nas fotografias nº 57 e 58, em que se pode observar alguns moradores do bairro que veem à janela pendurar roupa ou como se estivessem a realizar alguma tarefa doméstica.



Fotografia 57 e 58 - Vigilância efectuada pelos residentes

Fonte: Sara Camacho

Quanto ao Bairro dos Arneiros, enquanto o percorremos, encontramos um ambiente familiar e sereno: vêem-se crianças a jogar, a andar de bicicleta; casais de idosos que passeiam e fazem as suas compras, mulheres em actividades domésticas como despejando água das limpezas na via pública, pessoas às compras, debruçadas às janelas, ou a falarem em grupos na rua vestidas com as batas que utilizam no desempenho das lides domésticas, como se pode verificar pela fotografia nº59 uma senhora a caminho de casa após efectuadas as compras.



Fotografia 59 - Senhora moradora do bairro

Fonte: Sara Camacho

O bairro dos Arneiros apresenta uma morfologia espacial e social influenciada pela associação no espaço de uma função residencial e uma função ligada à agricultura. Algumas das casas possuem hortas para consumo familiar como complemento ao sustento familiar e também como atividade de lazer.

Ao percorrer o bairro assiste-se ao desenrolar quase familiar da vida nos cafés, no comércio local, minimercados e talhos, onde se reúnem sempre as mesmas pessoas, verificando-se que os clientes se conhecem uns aos outros. Os cafés funcionam como o seu principal local de encontro, relacionamento e interconhecimento. As pessoas que permanecem mais tempo no café, são aquelas que moram no bairro.

É nos encontro banais do quotidiano no espaço público que os habitantes estabelecem vínculos afetivos. Assim, é nos cafés, nos supermercados, nas ruas que os diversos atores estabelecem uma relação de proximidade, um contacto com o outro.

Os diferentes estabelecimentos comerciais são um espaço de lazer e de encontro social, muitas vezes considerado como um ponto de encontro dos amigos, incluindo o comerciante. Nestes espaços comerciais encontramos uma rede de conhecimentos, de informações sobre a vida dos indivíduos do bairro.

Os espaços comerciais são um espaço de relações de confiança e amizade mas também de relações económicas. A relação entre o comerciante e o freguês é baseada no grau de confiança e no conhecimento que o comerciante possui.

O comerciante é uma figura importante, uma vez que ele conhece os moradores, os seus gostos e as suas histórias de vida. E ao se aperceber que algum dos seus clientes habituais não aparece ele comenta o sucedido com ou outros clientes habituais.

Verifica-se um uso quotidiano das ruas no bairro: as brincadeiras infantis, as actividades domésticas das mulheres, os passeios dos idosos, o desenrolar familiar das idas aos cafés e ao comércio local.

As mercearias, minimercados e os pequenos cafés, constituem elementos fundamentais no quotidiano dos inquiridos, e funcionam como cenários privilegiados de encontros e de estabelecimento de contactos. A ida à mercearia local é prática corrente, o mesmo se passando com a ida ao café.

As redes de vizinhança e interconhecimento verificam-se e formam-se a partir de pequenas interacções quotidianas, como por exemplo as que se estabelecem entre o vendedor dos supermercados, mercearias, talhos e cafés e os habitantes do bairro. Ou seja, nas idas ao supermercado, talhos e aos cafés verificamos uma prática que passa por cumprimentarem-se, conversas de circunstância, pequenos gestos que suscitam interacções entre habitantes e comerciantes que fortalece e aproxima as pessoas do bairro, ajudando a criar uma rede de vizinhança e de interconhecimento, pertença e de segurança.

Nestes supermercados e minimercados encontramos alguns produtos específicos para o seu público-alvo, de acordo com os donos dos minimercados, como demonstrado pelas

fotografias nº60 e 61. Ao longo da sua narrativa os donos dos minimercados, referem que se adaptaram às necessidades, interesses, hábitos e gostos dos seus clientes, pessoas idosas e que vivem sós. Vendo-se “forçados” a ter nos seus estabelecimento embalagens conhecidas dos seus clientes, mais pequenas e marcas mais baratas. Alguns destes produtos são de produção antiga, o que me fez lembrar a minha infância e o minimercado no meu bairro. Estes produtos e marcas não se encontram à venda nas grandes superfícies comerciais.



Fotografias 60 e 61 - Produtos diferentes em formato e marcas num pequeno minimercado do Bairro dos Arneiros

Fonte: Sara Camacho

As ruas apresentam uma rotina própria e o dia a dia deste espaço agrupa tanto atividades de trabalho como momentos de lazer. Pode dizer-se que há, neste caso, uma apropriação do espaço público das ruas ao verificar-se usos quotidianos de deslocação e de permanência constantes pelos moradores e comerciantes do bairro.

A rua é de facto o espaço de eleição, permitindo encontrar uma multiplicidade de pontos de vista e de acções. É a partir da rua que é possível partir para uma exploração e conhecimento urbano mais directo.

Existem, no entanto, factores que julgo aproximarem as pessoas da rua. Um dos factores é o tipo de habitação. O facto de as casas serem térreas permite uma maior acessibilidade e uma maior interacção entre vizinhos, numa cultura de portas abertas, o que permite uma maior proximidade da rua.

Esta cultura de portas abertas imprime a existência de uma forte rede de vizinhança constatando-se que existem sempre pessoas na rua, sendo um factor importante e que influencia o modo de vida do bairro.

Outro factor tem a ver com o espaço, as casas do bairro estão fisicamente muito próximas e é difícil entrar ou sair de casa sem que um vizinho se aperceba de todos os movimentos do seu vizinho.

Demonstra-se a importância da rua como ponto fundamental para a concretização de redes de conhecimento e relacionamentos, e como a morfologia habitacional no espaço residencial, casas com saída directa para a rua, é um aspecto que permite a esse espaço exterior, a rua, ter grande importância no “moldar” de um estilo de vida comunitário e consequentemente, nas interacções constantes entre vizinhança. Pode-se verificar na fotografia nº62 a morfologia das casas que dão directamente para a rua onde passam e estão todos.



Fotografia 62 - Disposição das casas no Bairro dos Arneiros

Fonte: Sara Camacho

As ruas são também locais de estacionamento dos utentes dos restaurantes, o que por vezes provoca alguns constrangimentos aos moradores, tornando difícil a mobilidade como por exemplo o sair e entrar em casa.

Ao constatar as práticas quotidianas dos moradores deste bairro, verifiquei que devido às características dos edifícios, pisos térreos, por vezes os moradores se apropriam da zona fronteira às casas. Verifica-se uma ocupação e apropriação do espaço público da rua para actividades privadas, quer através da colocação de vasos com flores, estendais

com roupas penduradas a secar como se verifica na fotografia nº63, grelhadores a carvão para grelhar de alimentos como o registado pela fotografia nº64, ou cadeiras para se sentarem à conversa.



Fotografia 63 – Roupas a secar na via pública

Fonte: Sara Camacho



Fotografia 64 - Objectos particulares na rua

Fonte: Sara Camacho

Outras das formas de apropriação do espaço público verifica-se quando algumas pessoas utilizam a rua para a realização de trabalhos domésticos como lavar roupa ou utensílios domésticos, como nos mostra a fotografia nº 65.



Fotografia 65- Senhora a despejar na via pública o balde após fazer as limpezas

Fonte: Sara Camacho

A rua tem importância na estrutura de todo o bairro: quer como espaço privilegiado e estratégico para o encontro e convívio, quer como espaço potenciador da proximidade física e social, permitindo que se desenrolem trocas e transacções de bens e afectos entre a rede de vizinhança. A rua surge como local onde se realizam algumas actividades domésticas como preparação de refeições, cortar legumes ou fazer grelhados, despejo de águas de baldes utilizados nas limpezas e colocação de roupas a secar. Os moradores do bairro dos Arneiros parecem ter nas ruas e nas frentes das suas casas um local de estar, de encontro social e de estabelecimento de laços sociais.

Como Antunes (2001) também refere a existência de laços sociais de vizinhança, os espaços exteriores das habitações contribuem bastante, isto é, a rua ou os pequenos espaços comerciais existentes nestes locais (cafés/tabernas, mercearias, cabeleireiros...) acabam por serem espaços privilegiados para o encontro e o convívio. São pontos de comunicação e de informação onde se conversa e se está. Estes espaços são importantes nestes locais, uma vez que estes espaços criam e reforçam o sentimento de pertença ao lugar.

Enquanto espaço de convivência a rua surge para os jovens como espaço para as suas brincadeiras, enquanto para os mais velhos os espaços de eleição como “espaços de socialização” são os cafés, “tascas” e Minimercados.

Ao permanecer no bairro, verifico que este é constituído por diferentes práticas quotidianas e diferentes indivíduos, conforme o visitamos de manhã ou à tarde, ou ainda se é no período de aulas, inverno, ou tempo de férias, verão.

Segundo constatado em observação in loco, as ruas apresentam um aumento de fluxos de pessoas em determinados horários: no período da manhã, entre as sete e as nove horas, o fluxo é determinado pelo horário em que as pessoas se encaminham para os seus respectivos locais de trabalho e os estudantes que vão para as escolas. Neste momento não há muita presença de pessoas que usam as ruas por outro motivo, apenas estão em deslocação, de passagem.

A partir das dez horas da manhã, o fluxo é reduzido e encontram-se somente as pessoas que fazem as suas vidas quotidianas, pessoas que se deslocam para comprar coisas nas mercearias e cafés, ou trabalhadoras domésticas.

Ao visitarmos o bairro de manhã cruzamo-nos com senhoras a fazerem as limpezas da casa e indivíduos com sacos que vão às compras nas mercearias do bairro, principalmente idosos como apresenta a fotografia nº66 e 67, ou mulheres vestidas com as batas de trabalho circulando pela rua com à-vontade.



Fotografias 66 - Casal de idosos do bairro

Fonte: Sara Camacho

Nas Fotografias nº 66 e 67 pode-se observar a ocupação das ruas pelos idosos nas suas vidas diárias, o deslocar-se para os espaços comerciais para a aquisição de bens necessários para consumo.



Fotografias 67 - Casais de idosos com sacos das compras das mercearias do bairro

Fonte: Sara Camacho

Nas incursões pelo terreno, constatei que estas pequenas mercearias, enquanto espaços de interacção, estão abertas todo o dia e que os clientes são habituais e residentes da área, pois todos se conhecem e conversam animadamente de tudo um pouco.

Constata-se que todas estas pessoas são conhecidas dos donos das mercearias e tratam-se pelo nome próprio, cumprimentam-se em voz alta, falam de um lado para o outro da rua, circulam unicamente de porta-moedas na mão para fazerem as suas compras, como por exemplo a senhora que aparece na fotografia nº 68. Percebi durante minha permanência no bairro, que ainda se verifica a existência da prática social tradicional do “vender fiado”. No dia 24 de Julho de 2010, durante a manhã um dos merceiros do bairro, explicou que vende fiado porque *“conhece todos os seus clientes e sabe que alguns têm reformas pequenas, por isso facilitamos,...tentamos ajudar a eles e a nós, claro...”*



Fotografia 68 - Senhora que vem do supermercado com o saco só com uma fatia de queijo

Fonte: Sara Camacho

Constata-se ainda que alguns dos donos destes espaços de convívio, cafés, minimercados, talhos e mercearias não são moradores do bairro, mas conhecem todas as pessoas, todos os seus problemas e as necessidades do bairro.

A partir das doze horas, o fluxo de pessoas nas ruas volta a aumentar devido à ida de pessoas que trabalham para almoçar, em casa ou em restaurantes, e o retorno dos estudantes para as suas casas ou para almoçar em cafés, este fluxo continua grande até ao regresso das pessoas ao trabalho e dos estudantes à escola.



Fotografia 69 - Pessoas nos cafés e esplanadas do bairro
Fonte: Sara Camacho

À hora de almoço encontram-se indivíduos do bairro que almoçam em alguns cafés/restaurantes de refeições rápidas que se cruzam com “visitantes” de outras zonas da cidade que vêm também comer, ou porque trabalham perto do bairro ou por saberem da qualidade da comida e por saberem que estes fazem alguns petiscos especiais que são afamados e tradicionais, sopa da pedra, feijoada.

Ao visitar estes cafés/restaurantes, constatei que os moradores são conhecidos e conversam utilizando um espaço “marcado” e não se misturam com os clientes de fora, “os estranhos”.

Ao longo da rua D. João II, onde se localiza a Escola Secundária Raul Proença, encontram-se vários cafés de comidas rápidas frequentados pelos alunos dessa escola. Estes estabelecimentos servem comidas dirigidas a esse público: sandes, baguetes, hamburguers, pizzas ou pequenas refeições como sopa.

À tarde, o movimento de pessoas nas ruas é menor. Só a partir das dezoito horas o fluxo de pessoas volta a aumentar e é caracterizado pela ida de estudantes para casa e pelo regresso a casa das pessoas que saíram para trabalhar. Os trabalhadores que regressam

ao bairro após o dia de trabalho encontram-se nos cafés, constituindo-se estes, especialmente para os homens, como espaços de interação quando regressam das suas tarefas. As ruas são apropriadas por crianças e adolescentes que brincam, jogam à bola e outros passeiam de bicicleta e passeiam os seus cães. Encontramos também pessoas que aproveitam para descansar e conversar na frente de suas casas, depois de um dia de trabalho e outras que vêm passear com os bebés que foram buscar aos infantários. A rua aparece como um espaço público de lazer e de grande sociabilidade.

A partir das vinte horas, depois do jantar, o movimento começa a cair e as ruas tornam-se quase desertas, sendo frequentadas por pessoas que saem para se divertir.

No período de férias escolares, o fluxo de pessoas e veículos diminui, e o bairro tem outro tipo de vivência. As ruas encontram-se mais vazias e silênciosas sem os jovens estudantes. Devido a isso, os cafés e outras lojas que se localizam no bairro e que são mais frequentados pelos estudantes e professores das escolas encontram-se vazios.

Verifiquei que estes estabelecimentos comerciais devido à falta de clientes, ou fecham mais cedo ou têm poucos produtos nas suas lojas. Alguns dos comerciantes referiram que ponderam mesmo fechar as suas lojas no tempo das férias escolares.

No dia 27 de Julho de 2010, durante a manhã, ao entrar num dos cafés para lanchar constatei que este tinha pouca escolha de produtos, ao que a dona do café respondeu *“Sabe ... estamos com poucos clientes.... a maior parte encontra-se de férias e nós compramos poucos produtos para estes não se estragarem Só começamos a vender mais no início das aulas..... e até lá os produtos estragavam-se”*.

Depois de sair do café, no dia 27 de Julho de 2010, entrei numa frutaria, na qual reconheci a dona como antiga aluna que mencionou o mesmo e ainda acrescentou *“sabe como vendemos produtos que se estragam com facilidade, e a maior parte da clientela vem de manhã, por vezes fechamos mais cedo. Eu e o meu marido estamos a pensar é se para o próximo ano fechar durante o período de férias mais crítico, finais de Julho e o mês de agosto”*.

Nos fins-de-semana, existem alterações nos ritmos e usos dos espaços públicos. Os espaços públicos são praticamente abandonados pelos usuários da semana, trabalhadores e estudantes e algumas das práticas deixam de se verificar como o deslocar-se para a realização de compras e de trabalhos domésticos, observando-se principalmente usos relativos aos lazer.

O Bairro dos Arneiros possui vários espaços públicos de convívio, parques infantis, estabelecimentos comerciais, mais especificamente: cafés, mercearias, padarias, restaurantes, peixaria, talho e uma colectividade/associação que favorecem a construção e o reforço dos laços de vizinhança e de interconhecimento assim como o sentimento de pertença.

A colectividade existente no bairro - Associação Arneirense – favorece e impulsiona a vida comunitária do Bairro ao organizar e/ou colaborar em actividades. Algumas das actividades promovidas pela associação passam por actividades desportivas ao fim do dia, actividades culturais aos fins de semana como as festas de Natal, Passagem de Ano, Carnaval e dos Santos populares. Também colaboram na realização de actividades de campanhas de rastreio de saúde. O trabalho desenvolvido pela associação tem um carácter benéfico para os moradores do bairro, uma vez que reforça o convívio entre os moradores do bairro, assim como atrai outras pessoas para o espaços do bairro.

Várias práticas pareceram-me significativas nos espaços públicos do Bairro dos Arneiros. Neste contexto temos uma ruralidade que se constata nas práticas verificadas na vida quotidiana (andar na rua de bata de trabalho doméstico, cozinhar na rua...) e pela existência de pequenas hortas e anexos para guardar os utensílios agrícolas, junto da casa.

Da análise das práticas verificadas no bairro constata-se que existem alterações dos ritmos de vida no bairro, os usos modificam-se, em tempos de trabalho, de festas (religiosas ou de cariz cultural/económico), tempos de fins-de-semana ou de férias. Também se verificam essas mudanças durante as diferentes horas do dia: nas manhãs e fins de tarde predominam os usos pelas crianças e seus pais, e trabalhadores que se deslocam para o trabalho; durante o dia verificam-se os usos pelos idosos e domésticas.

O bairro também se caracteriza por uma ligação entre a vida familiar e a que se desenrola nas lojas de comércio e nas ruas. As ruas, ao contrário de inibir o contacto social, promovem a integração dos habitantes, a promoção de vínculos e afectos. Esta ideia é verificada nas práticas quotidianas do bairro quando os comerciantes do bairro referem que conhecem as pessoas moradoras e quando se verifica que as pessoas se cumprimentam ao cruzarem-se nas ruas ou nos espaços comerciais do bairro. Nota-se a forma como se tratam e se dirigem uns aos outros. Percebi também a maneira carinhosa e acolhedora como os donos dos cafés e mercearias recebem todos os clientes moradores do bairro.

Capítulo V

O Bairro Social N^a Sr^a do Monte

Inserido na freguesia de N^a Sra do Pópulo o Bairro Social N^a Sra do Monte, como o próprio nome indica, caracteriza-se por ser um bairro de habitação social.

Bairro Social é uma tipologia de urbanização constituída por edifícios para a habitação social de iniciativa estatal destinada ao realojamento de pessoas sem recursos. Luís Baptista (1999) refere que o Estado ao “*Produzir habitação tem, contudo, outra componente socialmente vantajosa. Ordenando física e socialmente a cidade e os campos vizinhos, pode o Estado dispor socialmente as populações graças à classificação e selecção das áreas de habitação.*” (pp 8).

A periferização dos bairros sociais, conjugada com a sua homogeneidade socioeconómica, garantiu a estes espaços uma condição de isolamento e segregação relativamente ao centro urbano e às próprias actividades da cidade. À sua homogeneidade interna, contrapõe-se uma heterogeneidade relativamente a outros espaços que compõem o tecido urbano. O seu distanciamento relativamente à continuidade do tecido urbano, para além de físico, é igualmente simbólico.

De um modo geral, os bairros sociais são, como referem Guerra e Pinto (1994), para além de espaços segregados e estigmatizados, lugares caracterizados por uma monofuncionalidade residencial, colocando-se longe dos centros económicos e sociais da cidade e com carência de equipamentos e estruturas colectivas.

Esta forma de organização espacial apresenta características próprias ao nível dos equipamentos, tipo de construção, localização e acessos à urbanização. O mesmo é referido por João Pedro Silva Nunes e Luís Vicente Baptista (2008) sobre o “*plano de urbanização, para habitação social, previa a existência de zonas arborizadas, arrelvadas e passeios procurando separar e normalizar dois regimes de mobilidade: o*

automobilístico e o pedonal. A disposição das vias formava regiões isoladas para a implantação de habitação, zonas protegidas do tráfego intenso” (pp. 105).

O bairro social N^a Sra do Monte encontra-se isolado do centro tradicional da cidade, rodeado por zonas verdes e áreas industriais e comerciais. As razões desta classificação como área marginal encontram-se nas grandes distâncias que separam o centro da periferia, na tipologia e equipamentos existentes, e as poucas vias de acesso, o que não favorece a circulação de peões entre esta nova área de expansão e o centro citadino.

A periferização do Bairro Social N^a Sra do Monte e o seu distanciamento, fragmentação, face à continuidade do tecido urbano e do centro da cidade confere-lhe, desde logo, uma condição de isolamento relativamente ao centro da cidade das Caldas da Rainha.

Este distanciamento está também patente no facto de o Bairro se localizar perto de uma das principais vias de entrada da cidade, levando a que quem passe na via rodoviária lateral não faça a menor ideia do que efectivamente aí se passa.

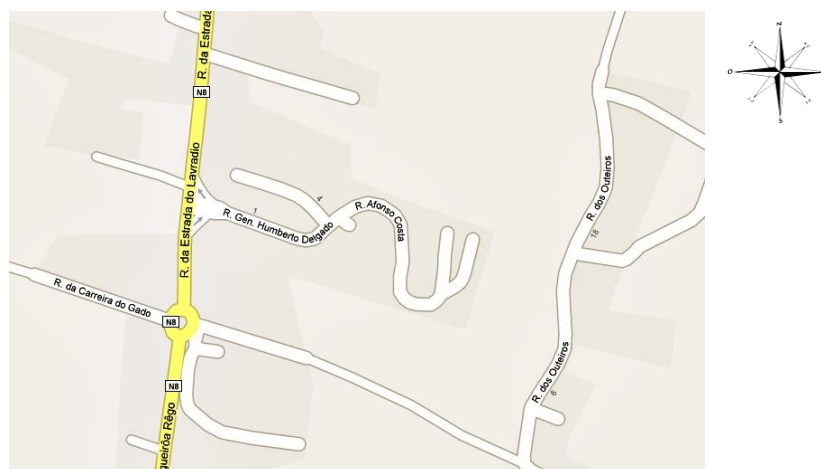
O Bairro Social N. Sra do Monte apresenta algumas das características anteriormente mencionadas. Ao percorrer o bairro constatei algumas dessas especificidades particulares que explanarei de seguida.

5.1. Localização do território do Bairro Social N^a Sra do Monte

O bairro N^a Sr^a do Monte situa-se na freguesia de N^a Sra. do Pópulo, junto da Estrada Nacional n^o 8 de Tornada, que liga esta freguesia urbana com a freguesia rural de Tornada.

Este contexto residencial tem como limites: a norte, na parte das vivendas, a antiga fábrica de malhas e actual loja XIA, propriedade de indivíduos de nacionalidade chinesa. Na zona Este, constituída pelos prédios, encontra-se delimitado por áreas de matas e campos de agricultura. A sul encontra-se a loja “Maxmat” ao nível das

vivendas. Tendo a Oeste a Rua da Estrada do Lavradio, mais conhecida como a Estrada de Tornada.



Mapa 6: Bairro Social Nª Sra do Monte

Fonte: Posto de Turismo das Caldas da Rainha

5.2 – Principais vias de acesso ao Bairro Social Nª Srª do Monte

A via principal de acesso ao bairro, a Rua da Estrada do Lavradio/Estrada de Tornada, possui as características das estradas das cidades modernas que se tornaram em vias transportadoras dos fluxos de circulação automóvel em detrimento dos fluxos mais lentos de peões e bicicletas.



Fotografias 70 - Estrada de Tornada - entrada principal no bairro

Fonte: Sara Camacho

Esta é a principal via de acesso à cidade, pelo lado norte, a qual é larga e asfaltada. Nas Fotografias nº70 e nº71 pode-se observar a Rua da Estrada do Lavradio/Estrada de Tornada com o cruzamento de entrada no bairro.



Fotografias 71 - Estrada de Tornada - entrada principal no bairro

Fonte: Sara Camacho

É pela Rua da Estrada do Lavradio/Estrada de Tornada que se efectua o acesso ao bairro. Logo à entrada no bairro encontra-se um cruzamento de aspecto cuidado bem delineado e ornamentado por pequenas zonas arrelvadas. A fotografia nº 72 mostra o cruzamento e a existência de uma placa em azulejos com o nome do bairro.



Fotografia 72 - Entrada no Bairro Social N.ª S.ª do Monte

Fonte: Sara Camacho

A partir do momento em que se entra no bairro, encontramos a rua principal do bairro com pavimentação em asfalto, os passeios demarcados e envolvidos por uma zona

arborizada, como nos mostra a fotografia nº73. Esta rua central do bairro apresenta-se como uma avenida plana e larga transformando-se numa rampa comprida e inclinada no sentido ascendente em direcção à zona final do bairro composto por construção em altura.



Fotografia 73 – Estrada de Tornada - entrada no bairro, onde se vê as moradias e os prédios

Fonte: Sara Camacho

Inicialmente o acesso à povoação fazia-se apenas por uma única entrada, a Rua da Estrada do Lavradio/Estrada de Tornada. No entanto, recentemente foi construída uma entrada lateral de acesso ao bairro, a partir do Maxmat, proporcionando acesso directo aos prédios sem passar pelas vivendas. Como se pode constatar pela fotografia nº 74, esta via não possui as mesmas características que a outra via de acesso ao bairro. Apesar de ser uma via asfaltada, larga e com os passeios demarcados, não tem uma zona arrelvada e o seu aspecto é de abandono, observando-se o crescimento desordenado de ervas.



Fotografia 74 – Entrada lateral pelo Maxmat de acesso aos prédios

Fonte: Sara Camacho

O bairro possui assim só actualmente duas entradas/saídas distintas, seja pela Rua da Estrada do Lavradio/Estrada de Tornada, passando pelas vivendas, ou o acesso pela lateral, zona rural com acesso directo aos prédios.

5.3 – Equipamentos e serviços existentes no Bairro Social N^a Sra do Monte

Neste contexto de análise, só existe a função residencial, uma vez que no seu interior não existe comércio, apesar de estar rodeado de superfícies comerciais.

Constatei que em tempos existiu uma associação, a qual se encontra actualmente fechada e as suas instalações ao abandono.

Apesar de não ter comércio no seu interior, o bairro possui zonas de lazer como dois jardins e dois parques infantis bem conservados. Cada parque tem localização estratégica, nas extremidades do bairro, um de acesso mais facilitado para as crianças moradoras nos prédios e outro mais próximo das vivendas.

As fotografias nº 75 e 76 mostram as zonas de lazer deste local: o jardim e parque infantil na área das moradias de aspecto cuidado com bancos para as pessoas idosas e público em geral se sentarem, e ainda equipamento para as crianças brincarem, arbustos e zona com fonte de água.



Fotografias 75 - Jardim na entrada do bairro

Fonte: Sara Camacho



Fotografias 76 - Jardim na entrada do bairro

Fonte: Sara Camacho

Existe também um outro jardim e parque infantil, na zona dos prédios, mas com outro tipo de equipamentos. Como nos mostram as fotografias nº77 e 78 nesta zona do bairro não encontramos uma zona de lazer para os adultos, um jardim com bancos. Este local só possui um parque infantil com equipamentos diferentes do outro parque infantil existente no bairro.



Fotografias 77 - Parque infantil na zona dos prédios do bairro

Fonte: Sara Camacho



Fotografias 78 - Parque infantil na zona dos prédios do bairro

Fonte: Sara Camacho

A fotografia nº 79 apresenta uma outra perspectiva do mesmo parque infantil na zona residencial de prédios em altura, visto da encosta cimeira do bairro.



Fotografias 79 - Parque infantil na zona dos prédios do bairro

Fonte: Sara Camacho

As acessibilidades ao Bairro são boas, apesar de possuir apenas uma entrada principal, o que não favorece o contacto com o exterior. O bairro é servido pelos Serviços de Transportes Urbanos de Caldas da Rainha que não passam pelo interior do bairro, encontrando-se uma paragem de autocarro à entrada do mesmo para proporcionar a ligação à cidade.

5.4 – Descrição do edificado do Bairro Social N^a Sra do Monte

Bairro de cariz essencialmente social, construído na década de 70 do séc. XX de construção altura e moradias unifamiliares. Fisicamente, o Bairro Social N^a Sra do Monte é composto por 90 fogos, 68 dos quais distribuídos por 9 prédios e 22 moradias geminadas. Os prédios apresentam características arquitectónicas exteriores muito semelhantes.

Esta urbanização encontra-se ordenada a partir de um terreno plano até uma encosta, envolvida por amplos espaços arborizados em bom estado de conservação, o que o torna muito agradável. A entrada no núcleo residencial é composta por um cruzamento, que é ladeado por um jardim.

O bairro passa despercebido a partir da via de acesso mais próxima, mas a escassa visibilidade deste bairro é, também, caracterizada pela morfologia do terreno como demonstra a fotografia nº80, uma encosta envolvida por amplos espaços arborizados.



Fotografias 80 - Zona verde que envolve o bairro

Fonte: Sara Camacho

O bairro é envolvido por uma vasta zona verde composta por floresta de eucalipto, arbustos e outras árvores, que o limita em relação à zona envolvente.



Fotografias 81 - Zona verde que envolve o bairro

Fonte: Sara Camacho

Envolvendo este espaço, encontramos alguns edifícios de grandes superfícies comerciais e armazéns de exposições. De entre essas entidades comerciais destacam-se Maxmat, armazém Xia, Stands de venda de automóveis novos e usados, armazéns de

material de hotelaria, armazéns de material de decoração, um Call Center, Hipermercado, oficinas de automóveis, vários restaurantes, bombas de gasolina e cafés.

Na fronteira com o bairro encontramos duas grandes superfícies comerciais, uma que se encontra no espaço da antiga fábrica das malhas, que foi reestruturado e é actualmente um armazém explorado por empresários chineses denominado de Armazém Xia apresentado na fotografia nº 82.



Fotografia 82 - Armazém Xia

Fonte: Sara Camacho

Já a outra grande superfície comercial na fronteira do bairro foi construída de raiz como loja e exposição de produtos de bricolage - o Maxmat, na fotografia nº83.



Fotografia 83 - Maxmat

Fonte: Sara Camacho

O Bairro nN^a Sra do Monte é constituído por edificações unifamiliares, vivendas no início do bairro, como apresentado na fotografia nº84 e por edificações multifamiliares, prédios mais ao fundo do bairro, como demonstra a fotografia nº85. A urbanização caracteriza-se por ruas asfaltadas com passeios demarcados e calçetados , sendo que a maior parte das ruas não tem saída, sendo fechadas pelas zonas arborizadas.



Fotografia 84- Vivendas do bairro

Fonte: Sara Camacho



Fotografia 85 - Vivendas e prédios do bairro

Fonte: Sara Camacho

Este Bairro é composto por 90 fogos, 68 dos quais distribuídos por 8 prédios e 22 moradias geminadas. Cinco edifícios possuem 4 andares de habitação, três possuem 5

andares e apenas um deles é composto por 6 andares. Ainda que com diferenças ao nível do número de andares, todos os prédios possuem o mesmo número de fogos por andar - 3 - e apresentam as mesmas estruturas tanto externas, quanto ao nível da planta de cada fogo. As fotografias nº 86 e 87 mostram os prédios do bairro e as suas características arquitectónicas exteriores.



Fotografias 86 - Os prédios do bairro

Fonte: Sara Camacho



Fotografias 87 - Os prédios do bairro

Fonte: Sara Camacho

As casas térreas foram construídas com a morfologia de moradias em banda, com dois andares, jardim frontal e quintal nos fundos, encontrando-se todas as vivendas pintadas de branco com portões em tons de verde., conforme de verifica ao observar as fotografias nº88, 89 e 90.



Fotografia 88 – as vivendas com o jardim frontal

Fonte: Sara Camacho

As fotografias nº 88, 89 e 90 mostram com pormenor o cuidado que os moradores das vivendas têm com as suas casas, não só em manter o edificado em bom estado de conservação, mas em preocupar-se com o aspecto do espaço envolvente. Verificamos o tempo dispendido no cuidado dos seus jardins, em manter o espaço bonito, limpo e sem ervas.



Fotografia 89 – Pormenores das vivendas com os jardins

Fonte: Sara Camacho



Fotografia 90 – Pormenores das vivendas com os jardins

Fonte: Sara Camacho

As vivendas localizam-se numa área plana enquanto os prédios se localizam numa encosta. As duas tipologias de construção encontram-se separadas por um espaço verde. A fotografia nº 91 apresenta a perspectiva a partir das moradias, desse espaço de separação entre as vivendas e a zona dos prédios.



Fotografias 91 - Espaço envolvente que separa as vivendas dos prédios

Fonte: Sara Camacho

Já a fotografia nº 92 mostra a perspectiva desse espaço de separação entre as vivendas e os prédios a partir do espaço lateral do bairro.



Fotografias 92 - Espaço envolvente que separa as vivendas dos prédios

Fonte: Sara Camacho

Um dos factores que caracterizam o bairro é o facto do mesmo se apresentar num terreno irregular com um declive acentuado, o que origina um bairro dividido socialmente em dois: o “do alto dos prédios” e o de “baixo das moradias”, sendo este limite determinado especificamente pelo declive do terreno. Esta divisão encontra-se também ao nível dos equipamentos.

Outra característica que se observa é que a zona envolvente às vivendas encontra-se planeada e cuidada com os passeios calçadados e com jardins, enquanto que a zona dos prédios se encontra ligeiramente abandonada, degradada, o que representa duas características diferentes no mesmo bairro de habitação social.

5.5. As práticas, os usos do espaço público no Bairro Social N^a Sr^a do Monte

Apresentarei as práticas sociais que se podem verificar no Bairro da N. Sra. Do Monte, tendo também em consideração a origem deste contexto residencial. Este bairro é um contexto residencial construído de raiz para a instalação de população de características específicas.

Este bairro como apresenta duas tipologias de construção: propriedade térrea e propriedade em altura, apresenta também tipos de usos do espaço público diferentes. Estas duas morfologias habitacionais apresentam práticas sociais distintas, nas moradias não se encontra ninguém nas ruas e impera o silêncio. Apesar de continuar a haver silêncio podemos encontrar, na zona dos prédios alguns moradores nas ruas, nos espaços públicos do bairro.

Rita d'Ávila Cachado (2008) relativamente a esta característica refere que o *“efeito de fechamento em casa é característico dos realojamentos em bairros sociais. Há uma tendência para a individualização e privatização dos modos de vida, que se manifesta no isolamento das famílias e fechamento dentro dos espaços domésticos, enfraquecendo as relações de vizinhança.”* (pp.136).

Podemos afirmar que é um bairro sossegado, que não se encontra ninguém nas ruas a vaguear, as principais deslocações para saída ou entrada no bairro realizam-se de carro, uma vez que no bairro não se localizam espaços comerciais como mercearias, necessários para a aquisição de produtos, nem espaços de café para conviverem. Como não existem esses espaços comerciais os moradores do bairro necessitam de se deslocar para espaços distantes para adquirirem os produtos de que necessitam.

Os moradores do bairro utilizam frequentemente o automóvel nas suas deslocações diárias, por diversas razões. Em primeiro lugar pela comodidade proporcionada às suas deslocações, pela distância em relação ao centro da cidade e de espaços comerciais, mas principalmente por falta de transportes públicos.

O esvaziamento das ruas do bairro deve-se à falta de espaços comerciais que sirvam de ponto de encontro e à falta de hábito de frequentar os espaços públicos, jardins. Verifica-se que os espaços públicos do bairro permanecem subutilizados, não se verificando o convívio entre vizinhos, o que reduz o sentido comunitário e reforça o isolamento do bairro.

As vivendas encontram-se ocupadas por uma população composta principalmente por idosos, havendo sossego e silêncio. Algumas das vivendas encontram-se desocupadas e

fechadas por serem propriedade de pessoas que emigraram, e encontramos algumas vivendas à venda.

Já a zona dos prédios é ocupada por uma população mais jovem. O ambiente já não é de tanta tranquilidade, pois, por vezes, ouvimos música alta, proveniente de alguns apartamentos e encontramos carros parados à porta de alguns prédios com música alta e portas abertas.

Na observação que efectuei constatei que existe uma hierarquia social, estruturada por códigos de conduta, dentro do bairro, no sentido da diferenciação social, sendo que a parte mais elevada da urbanização, onde se situam os edifícios representa um espaço social mais desvalorizado, enquanto a parte mais baixa do bairro é o espaço social mais valorizado, do qual as habitações do tipo moradia são o símbolo exterior dessa valorização social.

Esta ideia podemos encontrar no pensamento de António Arantes (2001) quando este afirma que *“nesse espaço comum, quotidianamente trilhado, vão sendo construídas colectivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquiza, ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais nas suas múltiplas relações. Por esse processo, ruas praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações compartilhadas”* (pp.259 e 260).

No entanto, constatei neste bairro, na zona dos prédios, algumas práticas sociais no sentido de se apropriarem do espaço público. As ruas no Bairro Social N^a Sra do Monte têm um maior fluxo de pessoas em dias festivos. No entanto, verifica-se que essa ocupação localiza-se em lugares específicos e construídos pelos moradores só para alguns “amigos”, não se estendendo o seu uso a todos os moradores do bairro. Esses locais, passeios ou espaços verdes são construídos por alguns dos moradores que os equipam com mesas para comerem os seus petiscos, debaixo de árvores, como representado na fotografia nº 93.



Fotografias 93 - Mesa construída pelos moradores

Fonte: Sara Camacho

Para estes habitantes, a rua funciona como um espaço de convívio e para preparar refeições e onde se passa algum tempo na conversa. Nestes casos pode-se verificar que a rua assume papel de facilitador do convívio e de interconhecimento.

No bairro, regularmente nos fins-de-semana, encontram-se alguns moradores colocando cadeiras fora das suas casas e ocupando espaços nas calçadas para conversar, entre os habitantes dos prédios.

Levam das suas casas para as ruas, mesas e cadeiras e ali fazem o seu convívio. Alguns ficam horas sentados a apamhar sol e a “tirar” uma pequena sesta na rua. Outros reúnem-se para um momento de confraternização, jogam às cartas e debatem assuntos de interesse comum.



Fotografias 94 – Vista do espaço público de convívio

Fonte: Sara Camacho

Estes comportamentos não se verificam entre os moradores da zona das vivendas, que se fecham em casa e não aprovam estes hábitos de convívio dos outros habitantes do bairro, referindo-se a eles como barulhentos.

Para os moradores do Bairro Social N^a Sra. Do Monte, esses “outros” causadores dos problemas são os moradores do “alto” da zona dos prédios. Os vizinhos do bairro da zona de “baixo” das moradias, como vimos na primeira fala, a de *Dona Rita*, tendem a imputar aos seus vizinhos dos prédios, a fonte de tudo o que é negativo para o bairro.

A visão que nos é dada é de que o bairro é caracterizado por ruas largas e pela inexistência de comércio e serviços. Outra das características que se verifica no bairro é que, apesar de existirem espaços de encontro como parques infantis, jardins e as ruas do bairro, estes, por falta da prática do encontro fora de casa, se encontram vazios.

Da análise das características do bairro verifica-se que nele não existe nenhum espaço comercial que favoreça a saída de casa dos moradores e fomente o encontro e convívio, assim como também não existe nenhuma associação que ofereça actividades para os jovens. E uma forma de impulsionar a vida comunitária do Bairro seria através das associações que estabelecessem a sua sede no Bairro. Poderiam organizar e/ou colaborar em actividades com os moradores do bairro e atrair as pessoas para os espaços do bairro.

É no contexto relacional, do Bairro N^a. Sra. Do Monte, que acaba por se impor uma ética residencial de distanciamento e isolamento muito própria onde a sobrevalorização do espaço privado se contrapõe à maior desvalorização dos espaços exteriores, ruas, largos, quarteirões, que acabam por ser espaços “só para passar”.

Capítulo VI

As práticas sociais nos dois contextos residenciais

Após a caracterização dos bairros, a partir de um ponto de vista descritivo sobre as suas características, neste momento vou analisar de forma comparativa os usos, práticas sociais de cada contexto residencial analisados a partir da observação das relações que se estabelecem e dos usos e vivências que se constata nas ruas.

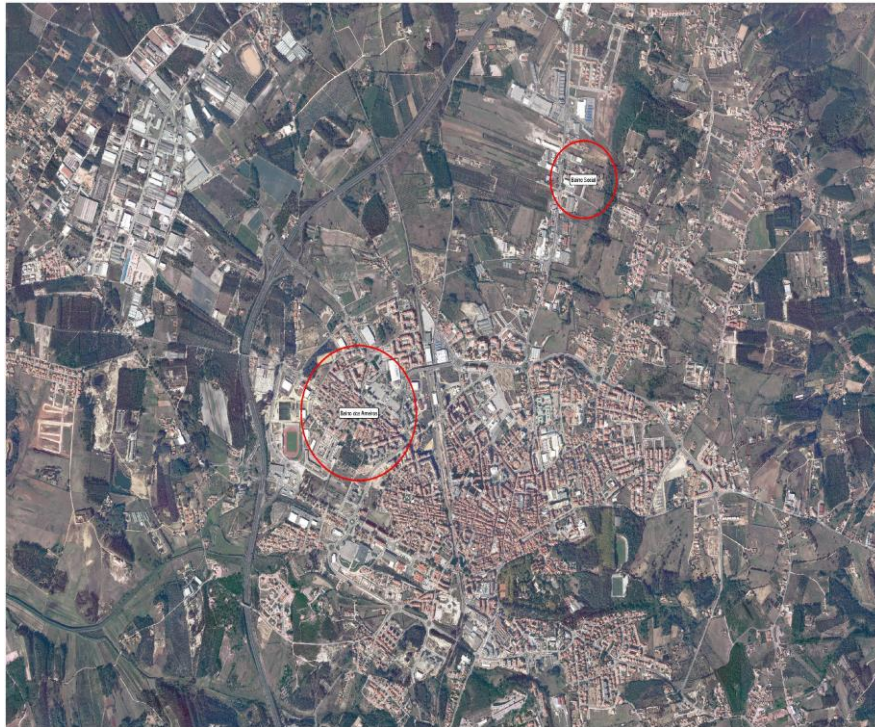
De acordo com Karina Kuschnir (1999), cada espaço, cada bairro, tem os seus usos, o que origina práticas diferentes para cada um dos territórios, necessitando cada território de ser estudado de forma diferenciada. Contextos residenciais diferentes têm como consequência o desenvolvimento de formas diferentes de práticas sociais, de acordo com a apropriação do espaço e de quem o habita.

Assistimos a apropriações físicas e simbólicas diferentes nos diversos espaços públicos existentes num bairro. Desde a apropriação simbólica da propriedade privada que se amplia ocupando uma parte da rua, aos empreendimentos comerciais, cafés que utilizam as calçadas para as esplanadas como continuação do seu negócio, aos centros de lazer privados e centros comerciais.

O espaço urbano é composto por um conjunto de tipologias de espaços públicos com símbolos associados às estruturas físicas, como ruas, esquinas, praças ou monumentos, ou ainda, aos modos de vida. A dimensão simbólica urbana tanto pode condicionar as práticas sociais, assim como as práticas sociais podem adquirir novos significados, ao transformar os símbolos.

Outro dos elementos diferenciadores dos usos e apropriações que se encontram nos espaços públicos e que interferem nas formas de organização dos dois bairros é a configuração geográfica (relevo, fertilidade do solo e recursos hídricos disponíveis).

Assim, seleccionei dois contextos residenciais, bairros com diferentes características geográficas, físicas, origem diferente (origem ilegal e de habitação social) e de localização em diferentes freguesias urbanas da cidade. Os contextos residenciais analisados encontram-se localizados na direcção norte do município de Caldas da Rainha. Estes bairros residenciais, em função da proximidade geográfica, estão interligados por vias secundárias de acesso directo.






escala 1:15 000

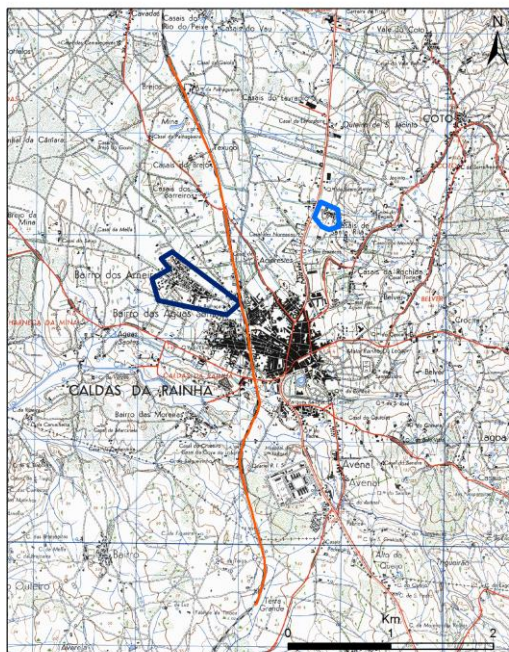
Mapa N.º 7 - Planta do enquadramento dos Bairros no Concelho das Caldas da Rainha
Mapa cedido pela Câmara Municipal das Caldas da Rainha
Digitalizado por Sara Camacho

No que diz respeito aos bairros estudados, constata-se o carácter diferenciado que estes assumem dentro da estrutura da cidade. O Bairro dos Arneiros localiza-se na freguesia de Santo Onofre, do lado Oeste do caminho de ferro; por outro lado, o Bairro Social N^a Sra do Monte localiza-se na freguesia de N^a Sra do Pópulo, a Este do caminho de ferro. Os dois bairros além de se localizarem em freguesias distintas, encontram-se próximos geograficamente, situando-se separados pela linha de comboio e pela estrada Nacional n^o8 – Estrada de Tornada.

Mapa da Cidade das Caldas - Localização dos Bairros em Relação à Linha do Comboio

Legenda

-  Linha férrea
-  Bairro N.ª Senhora do Monte
-  Bairro dos Arneiros



Mapa 8 - Rede Viária Municipal com a localização dos bairros seleccionados

Fonte: Instituto Geográfico Português

A fotografia nº95 apresenta a perspectiva do Bairro Social N.ª Sra do Monte a partir do Bairro dos Arneiros. Observa-se um contexto residencial envolvido por zonas verdes.



Fotografia 95 - O bairro Social visto a partir do Bairro dos Arneiros

Fonte: Sara Camacho

O Bairro Social de N. Sra. Do Monte encontra-se implantado numa enconsta de onde é possível observar o Bairro dos Arneiros, como se pode constatar na fotografia nº96.



Fotografia 96 - O Bairro dos Arneiros visto a partir do Bairro Social

Fonte: Sara Camacho

No que diz respeito aos bairros estudados, constata-se o carácter diferenciado que estes assumem dentro da estrutura da cidade. O Bairro dos Arneiros localiza-se na freguesia de Santo Onofre, do lado Oeste do caminho de ferro; por outro lado, o Bairro Social N^a Sra do Monte localiza-se na freguesia de N^a Sra do Pópulo, a Este do caminho de ferro.

Escolhi estes dois contextos residenciais devido a estarem localizados em freguesias diferentes, com origem diferentes e morfologia espacial também diferente. A pesquisa realizada demonstra como o espaço das ruas é usado e apropriado pela população moradora, que as utilizam como seus espaços de lazer, no Bairro dos Arneiros, ou como espaço de passagem, no Bairro Social N^a Sra do Monte.

A importância de analisarmos a espacialidade da rua reside no facto de a partir dela podermos observar a vida quotidiana, uma vez que ela representa a espacialidade das práticas e relações sociais e é nela que a vida social se manifesta. A rua pode ter vários significados: para alguns a rua é simplesmente passagem, um itinerário, para outros é um local de estar.

Ao compararmos os dois bairros, percebemos que o Bairro dos Arneiros reúne alguns elementos que favorecem a apropriação dos seus espaços públicos, tais como a diversidade de espaços comerciais, a morfologia das vias de comunicação, o acesso

facilitado pelos meios de transporte público e a forma e disposição do edificado. Já o Bairro Social N^a Sra do Monte reúne alguns elementos que dificultam a apropriação dos espaços públicos, tais como a inexistência de espaços comerciais e a não utilização dos equipamentos públicos ali construídos.

A partir do trabalho de campo, de observação, e com os dados recolhidos nas entrevistas informais percebi que o Bairro dos Arneiros foi formado durante o processo de crescimento urbano por pessoas vindas do interior em busca de emprego. Este bairro localiza-se numa zona de terrenos arenosos e barrentos, onde se encontravam pequenas oficinas de oleiros que trabalhavam o barro.

O Bairro dos Arneiros, bairro de características populares, localiza-se numa zona plana, onde se podem encontrar vestígios de antigas fábricas e barreiros, enquanto o Bairro Social N^a Sra do Monte se localiza numa zona com declive, numa encosta de um planalto solarengo, onde só se encontram habitações.

Os bairros apresentam uma disposição em paralelo e estão separados pela linha do caminho ferro e pela Estrada de Tornada, onde se localizam os grandes armazéns e restaurantes que se situam ao longo da mesma Estrada de Tornada, e por campos de agricultura da localidade denominada por Campo, pertencente à freguesia de Tornada.

Situam-se ambos, em linhas de comunicação importantes na cidade, um na via de comunicação de saída no sentido norte, a estrada de Tornada, e o outro numa via dupla de entrada e saída, para a zona marítima e de praia, Foz do Arelho e Zona industrial, e a outra que faz a entrada para os bairros: Arneiros e da Ponte.

As populações dos dois bairros diferem na forma como percebem e vivem o quotidiano do bairro. No Bairro dos Arneiros encontramos a população a circular pelas ruas e que apresenta indivíduos com idades díspares, jovens e idosos, enquanto no outro, o Bairro Social de Nossa Senhora do Monte, se verifica que a população não tem por hábito circular na via pública.

Num dos contextos residenciais, o “Bairros dos Arneiros”, a população circula e permanece na rua, convive e existe um interconhecimento, motivando o diálogo e a

saudação entre eles, moradores. Como se pode constatar pelo registo do Diário de Campo no dia 24 de Julho de 2010, durante a manhã. *“Observei muitas pessoas na rua, que circulam à vontade, mesmo fora dos passeios e passadeiras. Todos se cumprimentam, as mulheres vão às compras com as batas de trabalhar em casa, alguns casais de idosos que também vão às compras, mas todos se cumprimentam pelo seus nomes de um lado da rua para o outro. Circulam só com o porta-moedas na mão e poucos sacos.”*

A mesma informação foi-me transmitida por um dos merceeiros do bairro, este confidenciou-me *“vêm todos os dias comprar os produtos para as refeições do dia, querem sempre frescos aqui todos nos conhecemos e... se algum não vem.... os outros estranham....”* 24 de Julho de 2010, durante a manhã

No caso em estudo do Bairro dos Arneiros verifica-se que os espaços públicos do bairro desempenham um papel de integração por se terem transformado em um espaço de encontro, de convivialidade, de reconhecimento entre os habitantes e de construção de identidades em relação à comunidade. As ruas do Bairro dos Arneiros mais do que um espaço de passagem constituem-se como um lugar de satisfação da necessidade das pessoas interagirem umas com as outras, ao proporcionar o passear, sentar, conversar e relaxar.

As ruas no Bairro dos Arneiros têm usos diferenciados consoante a hora do dia, o dia da semana e os indivíduos que procuram. Existe uma diferença entre os que usam as ruas como zona de passagem, no caminho para o seu trabalho, na circulação urbana, e aqueles que usam as ruas de forma mais permanente, os moradores.

Verifica-se que a prática das idas ao supermercado, talhos e aos cafés suscita interações de conhecimento entre os habitantes, o que aproxima as pessoas do bairro, originando interconhecimento entre os habitantes e criando o sentimento de pertença.

As redes de vizinhança e interconhecimento formam-se a partir de pequenas interações quotidianas, tais como as que se estabelecem entre os vendedores dos supermercados, mercearias, talhos e cafés com os que passam, através de saudações, conversas de

circunstância, pequenos gestos que fortalecem a rede de interconhecimento, pertença e de segurança.

A prática de vivência de rua, que se encontra no Bairro dos Arneiros, baseia-se no facto de os moradores partilharem estilos de vida semelhantes e o sentimento de comunidade. A rua é por isso o ponto de encontro e a “sala de estar” para a convivência entre membros da comunidade onde cada um está inserido.

Já no caso do Bairro Social N^a Sra do Monte constata-se que os espaços públicos existentes não são utilizados. A rua só tem atribuído um uso o de lugar de passagem, não permitindo o encontro, o relacionamento e a convivialidade entre os moradores, a construção de um sentimento de vizinhança.

No Bairro Social Nossa Senhora do Monte nota-se que não existe o hábito de as pessoas permanecerem na rua, verifica-se a falta da prática do encontro fora de casa e de utilizarem os espaços públicos de convivência existentes no bairro.

No Bairro Social N^a Sra do Monte constata-se que as ruas são ocupadas maioritariamente pela circulação automóvel, não apresentando estas a função de elemento potenciador e estruturador da vida em comunidade, limitando-os a espaços de passagem, a espaços residuais entre os prédios.

Os moradores do bairro utilizam frequentemente o automóvel nas suas deslocações diárias por diversas razões, em primeiro lugar pela comodidade proporcionada às suas deslocações pela distância em relação ao centro da cidade e de espaços comerciais mas principalmente por falta de transportes públicos.

Embora este conjunto habitacional se encontre próximo de uma via importante da cidade, Estrada de Tornada, não deixa de ser um bairro fechado sobre si mesmo face à cidade e ao meio envolvente. O seu interior è caracterizado por ruas largas e pela inexistencia de comércio e serviços.

O bairro passa despercebido a partir das vias de acesso mais próximas que o circundam, e por os movimentos dos seus moradores confinam-se à casa. A falta de acessibilidades, a inexistência de comércio e outros serviços são algumas das características do bairro.

Verifica-se uma hierarquia social no sentido da diferenciação social estruturada por códigos de conduta, no bairro solidificada pela construção coletiva de fronteiras simbólicas que separam e nivelam as relações sociais do bairro. Assim, constata-se que a parte mais elevada da urbanização, onde se situam os edifícios representa um espaço social mais desvalorizado, enquanto a parte mais baixa do bairro é o espaço social mais valorizado, do qual as habitações do tipo moradia são o símbolo exterior dessa valorização social.

Nota-se um distanciamento entre os moradores, em especial os moradores das vivendas que apresentam um sentimento de superioridade, por ocuparem a “zona privilegiada” do bairro, em contraste com os moradores dos apartamentos, a quem denominam “os de lá de cima”, percebendo-se falta de convívio entre os dois grupos de moradores de um mesmo bairro.

Esta ideia pode-se encontrar no discurso efectuado por uma moradora do bairro e que se encontra registado no Diário de Campo, no dia *23 de Julho de 2010, durante a tarde*. *“Consta-tei que as pessoas das moradias eram conhecidas de todos. A senhora foi logo falar com quem tinha a chave e trouxe para abrir, falei com os pedereiros, vi a casa. Entretanto chegou o irmão da dona da casa e começou a falar das qualidades do bairro: quanto à localização, sossego e das melhorias que estavam a efectuar na casa. A senhora disse que “se eu quisesse ficar ali não havia problemas mas que lá para cima já é outra história” “aqui é tudo gente sossegada agora lá para cima às vezes há barulho nós não nos misturamos muito cada um tem a sua vida sabe como é.....” O irmão da dona da casa reforçou esta ideia, e fez questão de afirmar que era da GNR, e “não tinha conhecimento de problemas na zona das moradias....” Ele afirmou que “a minha irmã só vende a casa porque o marido foi trabalhar para outra cidade do país”.*

As práticas comuns quotidianas fazem parte de uma sensibilidade comum e provam um sentimento de pertença e afeição com o bairro e os seus moradores O sentimento de

pertença é fundamental como afirmação da identidade do grupo, bem como a institucionalização de algumas práticas e comportamentos que dessa forma caracterizam o bairro e os seus actores.

É nos encontros banais do dia-dia que os habitantes de um bairro estabelecem vínculos afectivos, sentimentos de pertença. Esses vínculos, que transcendem a intimidade da casa, dão-se na esfera pública, precisamente nos locais públicos. Dessa forma, é nos cafés, nas ruas, nas esquinas, que os diversos actores estabelecem uma proximidade com o vizinho, criando redes de vizinhança.

As práticas sociais quotidianas do contexto residencial fazem parte de uma sensibilidade comum, constroem sentimentos de pertença nos seus moradores e de afeição ao bairro. Verifico a construção desses sentimentos de pertença na convivência diária do bairro, quando constato que no Bairro dos Arneiros ainda se mantém o costume de alguns moradores ocuparem as ruas num processo de interacção e de apropriação do espaço público. Este facto de ocupação do espaço público, as ruas, verifica-se especialmente nos horários de fim de tarde e à noite, quando alguns moradores colocam cadeiras na frente das casas para conversar, conviver e controlar as crianças que brincam na rua.

É nos repetitivos encontros banais do dia-dia que os habitantes de um bairro estabelecem vínculos mais afectivos. Esses vínculos, que transcendem a intimidade da casa, dão-se na esfera pública, precisamente, nos locais públicos. Dessa forma, é nos bares, nas ruas, nas esquinas, nas praças, que os diversos actores estabelecem uma proximidade, um contacto singular com o vizinho.

Ao reflectir sobre as narrativas dos moradores dos bairros, constato que o contexto residencial adquire um valor de referência, de pertença na escala de prestígio social. O local de residência evidencia-se como um simbolo de demarcação e um objecto de comparação com o qual se pode superiorizar relativamente aos outros. Na continuação da análise dos depoimentos verifico que o facto de não dizer que se vive num bairro social facilita uma construção identitária positiva, ao mesmo tempo que afasta o estigma de se residir num local com uma imagem socialmente desvalorizada.

O que encontrei nos relatos de alguns moradores vai ao encontro da tese defendida por Castells (2000), quando este afirma que as cidades se caracterizam por uma divisão social dos espaços de residência, ou seja, que o espaço urbano surge de forma estruturada segundo os determinismos de cada grupo social, isto é, o espaço não está organizado ao acaso.

Em relação aos espaços públicos de convívio quotidiano, café, tascas, e minimercados, pode-se afirmar que estes oferecem o espaço ideal para manifestações de práticas de grupo, pois constituem para os frequentadores assíduos o seu principal local de encontro, de interconhecimento e especialmente de vertente de lazer. Nestes espaços de lazer estabelecem-se relações específicas entre as pessoas, afirmam-se identidades, usos, hábitos, comportamentos e regras.

De acordo com Machado Pais (pp.614), é nestes espaços que se forjam as práticas sociais enquanto “*formas lúdicas de socialização*” e enquanto modos de estar socialmente integradores. Estes espaços são determinados pelas características do grupo social que os utiliza e pelos diferentes usos e costumes de cada um.

Na análise dos usos dos espaços públicos, existe outra variável a ter em conta que é a questão da sazonalidade e do tempo, o tempo cíclico do bairro dos Arneiros, dado que é um bairro com várias escolas, o que é um factor importante que modifica o seu quotidiano e as suas práticas de acordo com a abertura e encerramento das escolas, ou a temporalidade diária em observamos as práticas: são de manhã ou ao fim do dia.

Nos diversos cafés do bairro assiste-se à intensificação do movimento de pessoas desde a manhã até ao fim do dia. Na temporalidade diurna de almoço coexistem no bairro, em restaurantes, cafés e tascas, que os moradores, quer os não habitantes do bairro que se encontram de passagem e param só para comer.

No Bairro dos Arneiros verifica-se que às 8h da manhã se regista a correria das pessoas em direção aos seus locais de trabalho que fazem aquele percurso já de forma tão imediata que nem reparam no que os rodeia. Passada uma hora regressa a acalmia e é utilizada por habitantes idosos que passeiam e fazem as suas compras, e ao fim do dia volta àquilo que era de manhã.

Durante certos momentos específicos do dia, entre as principais refeições, é maior a homogeneidade entre as pessoas que frequentam estes espaços, moradores idosos: o tipo de procura, a forma de estar, o tipo de apropriação do espaço, as partilhas efectuadas acentuam as suas semelhanças e reforçam a oposição verificada quanto aos demais.

Como tive oportunidade de observar, com o aproximar da noite os habitantes do bairro que trabalham e que voltam para as suas casas, vão substituindo os que estão de passagem nos espaços de convívio.

Os clientes dos cafés no tempo noturno conhecem-se uns aos outros, dado serem estes espaços locais comuns e quase obrigatórios nas suas rotinas diárias. Neste sentido, os cafés e tascas apresentam-se para os habitantes do bairro como uma espécie de prolongamento da própria casa, na medida em que, ao apropriarem-se destes espaços, imprimem no seu ambiente uma atmosfera familiar de interconhecimento, como um ponto de encontro, quando estes reúnem gentes habituais.

Como se pode constatar pelo registo do Diário de Campo efectuado no dia 20 de Julho de 2010, durante a tarde. *“No café, quando entrei, estavam poucas pessoas. No entanto, estas falavam alto e comunicavam, metiam-se com as pessoas que passavam na rua. Demonstrando que conheciam as pessoas que passavam, também a funcionária do café também contendia com as pessoas no café e com as que passavam...”*

Estes espaços funcionam como locais de passagem entre o emprego e a casa, colegas, amigos e a família. Os espaços sociais fazem a ruptura entre os tempos do trabalho e os tempos do lazer.

É interessante notar que a este respeito, Lefebvre (2002) refere: *“(...) A rua? É o lugar (topia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados (cafés, teatros, salas diversas). (...) Nela efectua-se o movimento, a mistura, sem os quais não há vida urbana, mas separação, segregação estipulada e imobilizada”* (pp.29).

As práticas sociais quotidianas do contexto residencial fazem parte de uma sensibilidade comum, constroem sentimentos de pertença nos seus moradores e de afeição ao bairro. Verifico a construção desses sentimentos de pertença na sociabilidade diária do bairro, quando constato que em certos contextos residenciais ainda se mantém o costume de alguns moradores ocuparem as ruas num processo de interacção social.

Podesse afirmar que a morfologia do espaço e a tipologia do edificado permite uma maior proximidade física, permite que exista um maior estabelecimento de laços sociais entre indivíduos e a partilha de interesses comuns. Os espaços circundantes às habitações, como ruas, largos, cafés ou pequeno comércio, surgem como locais privilegiados para que a rede de vizinhança sejam uma realidade forte.

A análise das apropriações nos espaços públicos dos bairros investigados demonstra que os aspectos da organização do espaço são percebidos pelos moradores dos bairros segundo a facilidade de acesso durante o decorrer das suas atividades quotidianas, e os mesmos dão preferência a locais capazes de lhes transmitir a sensação de conforto e segurança. Verifica-se que a forma do espaço influencia a sua maior ou menor utilização.

Os diferentes usos e práticas sociais nos espaços públicos têm a organização do espaço como base. A morfologia do espaço edificado e dos espaços públicos facilitam ou dificultam as relações entre as pessoas nestes lugares. Assim, pode-se evidenciar as diferentes práticas sociais quotidianas que se estabelecem, tendo em conta a morfologia espacial existente.

No entanto, se existem alguns espaços que têm a capacidade de juntar as pessoas, facilitando a sua interacção, como se verifica no contexto residencial do Bairro dos Arneiros, outros bairros produzem efeitos contrários, como é exemplo de alguns bairros sociais de realojamento, como no caso do Bairro Social N^a sra. Do Monte, que, devido ou à inexistência ou à falta da prática do uso de equipamentos colectivos, recreativos, de serviços ou espaços verdes, dificultam a interacção social dos seus moradores.

Conclusão

Antes de tecer algumas considerações em relação ao futuro, gostaria de destacar alguns aspectos sobre o trabalho e os resultados a que cheguei. O objectivo central deste trabalho consistiu em verificar qual o impacto que a morfologia do espaço tem no quotidiano das populações, nas vivências e relações sociais que se estabelecem no espaço público.

O estudo incide sobre a análise das vivências em dois bairros da cidade das Caldas da Rainha, em particular: um operário de origem clandestina - Bairro dos Arneiros - e outro de cariz social - Bairro Social N^a Sra do Monte.

Neste contexto, abordei as práticas sociais vividas nos bairros, sendo os objectivos direccionados para três vertentes: Constatar a relação entre os actores sociais e os usos do espaço público. Conhecer as particularidades das práticas sociais associadas a cada contexto residencial da cidade, e, por último, identificar as diversas apropriações do espaço que ocorrem no bairro.

O Homem enquanto ser social relaciona-se e interage com outros com os quais partilha o mesmo espaço. As interacções sociais processam-se nos espaços públicos dos contextos residenciais, tornando-os elementos estruturantes das práticas sociais e simultaneamente permitem o fortalecimento das redes de conhecimento e de pertença de todos os habitantes do mesmo espaço.

A realização deste trabalho possibilitou, num primeiro momento, tomar conhecimento das características gerais do concelho das Caldas da Rainha ao nível da sua localização, das condições do seu relevo, da sua História e sua evolução do crescimento urbano.

O crescimento da cidade das Caldas da Rainha desenrolou-se como um processo histórico marcado pelo aparecimento e consolidação de assimetrias na organização espacial com consequências na estrutura social, a segregação sócioespacial, de certos

grupos sociais em zonas menos valorizadas. Esta separação conduz ao aparecimento de fenómenos de fragmentação social, nomeadamente na freguesia de Santo Onofre.

No início da fundação da cidade só havia um Hospital Termal para tratamentos: posteriormente surgiu o Balneário das “Águas Santas”, na freguesia de Santo Onofre, afastado da cidade para as pessoas mais carenciadas. Actualmente temos uma cidade, duas freguesias, cada uma com equipamentos diferentes, separada pela linha do caminho-de-ferro. Uma freguesia, N^a Sra. do Pópulo, ficou com o Hospital Termal para as classes mais abastadas, a outra, Santo Onofre, com o Balneário das “Águas Santas” para as pessoas mais carenciadas. No entanto, a pobreza e a fragmentação social não têm origem no espaço, no bairro, mas sim nas lógicas de apropriação e de funcionamento, no sistema de relações que se formam entre as pessoas.

Para um conhecimento mais aprofundado dos contextos em análise, foi necessário realizar uma descrição de cada bairro, contextualizando-os no âmbito concelhio. Foi também necessário verificar a razão por detrás do aparecimento de cada povoamento e identificar em cada caso a sua morfologia, nomeadamente ao nível da rede viária, a tipologia predominante, equipamentos existentes e a sua qualidade e, finalmente, as principais funções existentes nesses contextos residenciais.

Nesta etapa do trabalho serão apresentadas as principais conclusões sobre esta temática. Da análise e reflexão dos dados provenientes do estudo empírico sobre as observações e as narrativas dos habitantes dos bairros e comerciantes destacam-se algumas conclusões. O trabalho de campo caracteriza - se por uma atitude de descoberta diante das práticas quotidianas que muitas vezes passam despercebidas.

Os contextos residenciais que serviram de base para este trabalho foram dois bairros da cidade das Caldas da rainha: Bairro dos Arneiros de origem ilegal, e o Bairro Social N^a Sra do Monte de origem estatal. Estes dois contextos residenciais são considerados marginalizados e apresentam uma imagem negativa para os restantes habitantes da cidade.

Uma das melhores formas de percebermos as vivências quotidianas, como as pessoas interpretam e apropriam os espaços é através da observação da vida quotidiana que se

desenrola nos espaços públicos. Os diferentes usos e práticas sociais nos espaços públicos têm a organização do espaço como base. Assim, pode-se evidenciar as diferentes práticas sociais quotidianas que se estabelecem tendo em conta a morfologia espacial existente.

A morfologia do espaço edificado e dos espaços públicos pode facilitar ou dificultar as relações entre as pessoas nestes lugares. Os espaços públicos que favorecem os contactos directos, em presença são ainda muito importantes pois estes ajudam a construir relações sociais significativas e a construir uma rede de vizinhança forte. Já os espaços públicos que não favorecem os contactos entre as pessoas levam ao isolamento social e ao esvaziamento dos espaços do bairro.

As apropriações nos bairros investigados demonstram que os aspectos da organização do espaço são percebidos pelos moradores dos bairros segundo a facilidade de acesso durante o decorrer das suas atividades quotidianas, e os mesmos dão preferência a locais capazes de lhes transmitir sensações de conforto e segurança.

Relativamente ao Bairro dos Arneiros, encontro uma vivência centrada no bairro, o que acaba por reforçar e fortalecer a comunidade residencial, bem como os seus laços sociais, tornando-a como uma “família”. Esta expressão familiar, para além de demonstrar um bom relacionamento entre vizinhança e uma aparente ausência de tensões ou conflitos, revela, igualmente, uma ligação afectiva ao bairro.

Durante a realização do levantamento do edificado e da análise dos dados recolhidos, verifiquei que durante o dia a maioria dos transeuntes se insere numa faixa etária superior aos 50 anos de idade, na sua maioria trata-se de pessoas idosas, as quais dão passeios de curta duração com um objetivo ir às compras e simultaneamente com o intuito de dar um passeio em lazer.

Neste contexto residencial encontra-se a prática diária das idas ao supermercado, talhos e aos cafés. Estas deambulações diárias pelas ruas do bairro suscitam interações entre habitantes, o que aproxima as pessoas do bairro, originando interconhecimento entre os habitantes e criando sentimentos de pertença. Verifica-se também que existe uma relação de proximidade entre os habitantes do bairro e os comerciantes que os

conhecem e aos seus gostos e assim adquirem produtos para venderem de acordo com exigência dos seus clientes.

Verifiquei também que em certas horas do dia existia maior fluxo automóvel no bairro e de pessoas nos cafés, consoante se for de manhã à partida para o trabalho, ou à tarde a chegada de alguns habitantes locais às suas habitações. Em alguns dos espaços públicos, como cafés e esplanadas, existentes na área em estudo verifiquei que estes estavam ocupados quer por moradores do bairro assim como por “visitantes” e conhecedores da fama de alguns cozinheiros e dos seus petiscos.

As redes de vizinhança e interconhecimento que encontrei formam-se a partir de pequenas interacções quotidianas, tais como as que se estabelecem entre vendedores dos supermercados, mercearias, talhos e cafés com os que passam através de saudações, conversas de circunstância, pequenos gestos que fortalecem a rede de interconhecimento, pertença e de segurança.

Como tive a possibilidade de observar neste contexto residencial, a “rua” surge como o espaço de convivência e de relacionamento sendo, por isso, importante na estrutura dos bairros, quer como espaço privilegiado para o encontro e o convívio, quer como local onde se realizam algumas actividades do foro doméstico, em prolongamento da casa. Este espaço público favorece o fortalecimento dos relacionamentos sociais entre vizinhos que passa, por estes espaços exteriores, que sendo quase de uso exclusivo de quem lá vive acabam por serem lugares de referência para as interacções sociais.

Se a maior proximidade física permite estabelecer laços sociais entre indivíduos e partilhar interesses comuns, os espaços circundantes às habitações, como ruas, largos, cafés ou pequeno comércio, surgem desde logo como locais privilegiados para que a rede de vizinhança seja uma realidade. No entanto, se alguns espaços têm a capacidade de juntar as pessoas, facilitando a sua interacção, outros espaços produzem efeitos inversos, como é disso exemplo alguns bairros que quer devido à falta de equipamentos colectivos, recreativos, de serviços ou espaços verdes, quer à falta do hábito de frequentar esses espaços públicos, dificultam o estabelecimento de práticas sociais.

Ao mudar para uma morfologia de configuração vertical, como é o caso do Bairro Social N^a Sra do Monte, verifiquei que é quase inexistente o contacto com os outros habitantes do mesmo espaço, e, de alguma forma, estes isolam-se dentro das suas casas. A configuração de habitação vertical e a não existência de comércio e outros serviços afecta a prática de portas abertas de vivência de rua.

No Bairro Social, “Nossa Senhora do Monte”, constatei que não existe o hábito de as pessoas permanecerem na rua, verifica-se a falta da prática do encontro fora de casa e de utilizarem os espaços públicos e equipamentos de convivência existentes no bairro.

Este contexto residencial apresenta duas morfologias: a de moradias e a de prédio. Obervei que na zona das vivendas não se encontra ninguém nas ruas, encontram-se “rodeadas” por um silêncio. Já na zona dos prédios, apesar de não se encontrem pessoas a deambular pelas ruas, ouve-se música proveniente quer dos apartamentos quer dos carros que se encontram parados. Nesta zona encontrei vestígios de mesas improvisadas, o que mostra que alguns moradores costumam comer nos espaços verdes próximos dos seus prédios.

Verifica-se, no bairro, a existência de fronteiras simbólicas que originam uma hierarquia social estruturada por códigos de conduta que nivelam as relações sociais. Assim, nota-se a existência de um distanciamento entre os moradores, em especial os moradores das vivendas que apresentam um sentimento de superioridade, por ocuparem a “zona privilegiada” do bairro, em contraste com os moradores dos apartamentos, que denominam de “os de lá de cima”, percebendo-se falta de convívio entre os dois grupos de moradores do bairro.

Ao constatar a inexistência de uma convivialidade entre vizinhos, posso concluir que a morfologia de alojamento habitação em altura, acaba por fomentar a distância física entre eles. Nos bairros Sociais de construção em altura denota-se que a rua é sentida como um espaço, um local de passagem, sem características que permitam ser um local de interacção social”.

É neste sentido, que se pode dizer que o alojamento, Bairro Social N^a Sra do Monte, acabou por originar uma reestruturação das práticas sociais por parte da população

moradora, tornando-as menos intensas e no qual os comportamentos relacionais se traduzem pela passagem de uma lógica colectiva de entreatajuda e convivialidade para uma lógica mais individualizada de maior distanciamento, onde prevalece sobretudo uma ética de cordialidade.

Por esta razão verifiquei, por parte dos moradores, uma tendência para esconder a sua verdadeira morada. Por exemplo, quando se verifica nas narrativas dos moradores o facto de não dizer que vive num bairro social, pois este facto facilita uma construção identitária negativa ao mesmo tempo que “atrai” o estigma de se residir num local com uma imagem socialmente desvalorizada. Esta reacção de encobrimento, narrada especialmente por uma moradora do bairro, acaba por ser demonstrativa de uma tentativa de auto-promoção social e uma procura nos seus relacionamentos de uma melhor posição, de modo a não se sentir constrangida ou estigmatizada perante os “outros”, em particular aqueles que residem fora deste contexto residencial.

Constato que cada bairro tem os seus costumes, diferentes apropriações sociais do espaço público, o que origina práticas diferentes para cada um dos territórios, implicando modos de convivência e de estruturação da actividade quotidiana, sendo necessário estudar cada território de forma diferenciada.

A Morfologia do bairro influencia as formas de usos do espaço público nomeadamente quando determinados factores coexistem, factores tais como: o tipo de construção térrea/altura. Num contexto residencial no qual a morfologia se caracteriza por habitações térreas, a relação com a rua potencia uma cultura de portas abertas caracterizada por uma maior convivência e interconhecimento entre vizinhos. Já numa morfologia de habitações em altura existe um menor convívio entre os seus habitantes.

As práticas sociais comuns quotidianas fazem parte de uma sensibilidade comum e comprovam um sentimento de pertença dos seus moradores ao bairro. Neste sentido, os cafés e tascas apresentam-se para os habitantes do bairro como uma espécie de prolongamento da própria casa, na medida em que ao apropriarem-se destes espaços imprimem a estes espaços colectivos uma atmosfera familiar. Os moradores que utilizam esses espaços conhecem-se uns aos outros, dado serem estes espaços locais comuns e quase obrigatórios nas suas rotinas diárias.

Esta relação entre o bairro e os residentes faz desenvolver uma rede social forte entre vizinhos, bem como intensas relações no interior dessa rede de vizinhança, que extravasava as “quatro paredes” da casa para os espaços exteriores do bairro (rua, largo,...). Observo que a rua é o local de eleição que potencia a proximidade física e as interacções sociais.

A investigação demonstrou a importância da relação entre a morfologia do espaço e a apropriação do mesmo pelos habitantes desse espaço, pelo que é necessária a realização de mais estudos nesta área. Neste sentido, esta pesquisa pode ser complementada com futuros estudos de outros bairros, com configurações semelhantes ou diferentes, proporcionando comparações e um conhecimento mais alargado sobre a necessidade de construção de espaços públicos.

Concluo com a realização deste trabalho que, mesmo em pequenos aglomerados, como são aqueles que constituíram o estudo, é possível encontrar um conjunto de elementos que os tornam distintivos dos restantes contextos residenciais existentes na cidade.

Com este estudo sugere-se para futuras pesquisas: o desenvolvimento de estudos sobre os usos do espaço público, nomeadamente ao nível das actividades de lazer, desportivas, os hábitos alimentares, tradições culturais como o folclore. E ainda modelos de educação e relações intrafamiliares e sociais.

A oportunidade de levar a cabo este estudo, para além do enriquecimento profissional, proporcionou uma experiência ímpar, a qual permitiu também um crescimento pessoal. Os obstáculos que foram sendo encontrados e superados ao longo do processo aumentaram a minha capacidade de autonomia para levar a bom porto futuros projectos.

No entanto, sei que ainda há muito a estudar nesta área fascinante de estudo. Espero que esta pesquisa contribua para o surgimento de novos estudos neste campo.

Bibliografia

Agier, Michel (2008) – “A “Acampamento”, a cidade e o começo da política”, in “A Rua. Espaço, Tempo, Sociabilidade”, Edições: Livros Horizonte, Lisboa;

Almeida, J. Ferreira e Pinto, J. Madureira (1982) – “A investigação nas Ciências Sociais”, Editorial presença, Lisboa;

Almeida, Paula (1994), «Habitação: a Produção de um Conceito», in: *Sociedade e Território*, nº 20, Ed. Afrontamento, Porto, pp. 110-116

Arantes, António (1997) - *Prefácio, O Espaço da Diferença*, in, António Arantes (org.), *O espaço da diferença*, Campinas: Papirus

Arantes, António, (2001) – “A Guerra dos lugares, fronteiras simbólicas e liminares no espaço urbano de São Paulo”, in Fortuna, Carlos, “Cidade, Cultura e Globalização”, Celta editora, Oeiras, segunda edição;

Ascher, François (1998 (1995) - *Metapolis. Acerca do futuro da cidade*. Celta editora, Oeiras

Balula, L. (Dezembro de 2010). Espaço Público e Criatividade Urbana: A dinâmica dos lugares em Três Bairros Culturais, *Cidades - Comunidades e Territórios nº.20/21* , pp. 43-58.

Baptista, Luís V. (1999) – “Cidade e Habitação Social: O Estado Novo e o Programa das Casas Económicas em Lisboa”, Celta Editora, 1ª edição, Oeiras.

Baptista, Luís V. e Joan J. Pujadas (2000) – “Confronto e Entreposição: os efeitos da metropolização na vida das cidades”, in *Forum Sociológico*, nº3/4 (IIº série), pp. 293-308.

Baptista, Luís (2003) — Territórios, Imagens e Poderes, in Graça Cordeiro, Luís Baptista, António Costa, *Etnografias Urbanas*, Oeiras: celta, 35-41

- Bardin, L.** (1977) - *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70
- Beaujeu-Garnier, Jacqueline,** (1997) – “Geografia Urbana”, Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª edição, Lisboa;
- Becker, H.S.** (1994) - *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 2a ed. São Paulo: HUCITEC.
- Benjamin, Walter** – (1992) *Rua de Sentido Único e Infância em Berlim por volta de 1900*; Relógio D'Água Editores, Lisboa;
- Berger, Peter & Luckman, T.** (2002). *A construção Social da realidade*. Petrópolis. Vozes.
- Blumenfeld, Hans** (1972). *A metrópole moderna*. In *ciudades: a urbanização da humanidade*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Zahar editora.
- Bogdan R., Biklen S.,** (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora
- Borja, Jordi** (1995), *Prefacio - Un modelo de transformación urbana*, in, Borja Jordi (ed.); Barcelona. Quito Programa de Gestión Urbana (PGU-LAC).
- Borja, Jordi** (2005), *La Ciudad Conquistada*. Madrid. Alianza Editorial.
- Bourdieu, P.** (1997) - *Razões Práticas*, Oeiras, Celta Editora
- Burgess, R. G.** (1997) – *A pesquisa de terreno. Uma introdução*, Celta editora, Oeiras.
- Cachado, Rita d'Ávila** (2008) - “Entre as casas e o templo, a rua: A comunidade hindu e interações de bairro” in “A Rua. Espaço, Tempo, Sociabilidade”, Edições: Livros Horizonte, Lisboa.

Capucha, Luís (1998), “Pobreza e Exclusão Social e Modernidades” in José Viegas, *Portugal que Modernidade?*, Celta Editora, Oeiras

Capucha, Luís Manuel Antunes (2000) – “Territórios da pobreza, onde é preciso voltar”, in revista Sociedade e Território, Revista de Estudos Urbanos e Regionais, nº30, pp 8-15, Março, Edições Afrontamento, Porto

Cardoso, Ana e Perista, Heloísa (1994) - “A cidade esquecida: pobreza em bairros degradados”. Sociologia Problemas e práticas. Nº15. pp.99-111.

Castells, M. (1999). A sociedade em rede – a era da informação: economia. Sociedade e cultura. São Paulo. Editora Paz e Terra, vol I. Tradução por Roneide Venância Majer.

Castells, Manuel (2000) [1972], *A Questão Urbana*, Editora Paz e Terra, São Paulo.

Conselho Local de Acção Social das Caldas da Rainha, Núcleo Executivo (2005) “Pré-Diagnóstico Social”, Rede Social das Caldas da Rainha, Município das C. Rainha, Praça 25 de Abril – 2500 – 110 Caldas da Rainha

Cordeiro, Graça Índias (1997) – “ Um Lugar na Cidade – Quotidiano, Memória e Representação no Bairro da Bica”, Publicações D. Quixote, Lisboa.

Cordeiro, Graça Índias, e Frederic Vidal, (2008), “Introdução” in *A Rua: espaço, tempo e sociabilidade*, Lisboa, Livros Horizonte. (pags. 9-15)

Clavel, Gilbert (2004) – “A Sociedade da Exclusão – Compreendê-la para dela sair”, Colecção Educação e Trabalho Social, Porto Editora, Porto.

Costa, António Firmino da (1986) A pesquisa de terreno em Sociologia, in Silva, Augusto Santos e Pinto, José Madureira, “*Metodologia das ciências Sociais*”, Edições Afrontamento, Porto.

Costa, António Firmino da, Fernando L. Machado & João Ferreira de Almeida (1990), “Estudantes e Amigos - Trajectórias de classe e redes de sociabilidade”, *Análise Social*, 105/106, pp.193-221.

Costa, António Firmino da (1994), “Entre o Cais e o Castelo: Identidade Cultural num Tecido Social Inegalitário”, *Revista Critica de Ciências Sociais*, nº14, Coimbra.

Costa, António Firmino da, Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, Fernando L. Machado & João Ferreira de Almeida (2000), “Classe sociais na Europa”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 34, pp. 9-46.

Costa, António Firmino da e Cordeiro, Graça (2001), “«Lugares fractais» no tecido social Metropolitano” , in Pinheiro, Magda e Baptista, Luís Vicente, *Cidade e Metrópole*, Celta Editora, Oeiras.

Costa, António Firmino da (2003), “*Estilos de sociabilidade*”, In: CORDEIRO, Graça Índias; BAPTISTA, Luís Vicente, COSTA, António Firmino (orgs). *Etnografias urbanas*. Oeiras: Celta, p.121-131.

Costa, António Firmino da (2008) *Sociedade de bairro, Dinâmicas sociais da identidade cultural*, Celta Editora, 2ªedição, Lisboa.

Costa, Lucília V. (1993)– “Arquitectura e Urbanismo oitocentistas”, in “Terra de Àguas: Caldas da Rainha, História e Cultura”, edição: Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1ªedição.

Durão, Susana (2008) – “A rua dos polícias. Visão itinerante” in “A Rua. Espaço, Tempo, Sociabilidade”, Edições: Livros Horizonte, Lisboa;

Emmison, Michael e Smith, Philip (2000) - *Researching the Visual*, Londres, Sage Publications.

Esteves, A. J., (1998) - Metodologias qualitativas, perspetivas gerais. In Azevedo, J. (org). Metodologia Qualitativa para as Ciências Sociais. Porto. Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Farina, Monica (2008) – “Espaços, marcas e símbolos num bairro de habitação social, em Lisboa” in “A Rua. Espaço, Tempo, Sociabilidade”, Edições: Livros Horizonte, Lisboa;

Farr, R. M. (2001) - As raízes da Psicologia Social Moderna (1872-1954). 4ª Edição. Petrópolis. Vozes.

Ferreira, António Fonseca (1987) - Por uma Nova Política de Habitação, Porto: Afrontamento.

Ferreira, A. Fonseca (1994) - «Habitação Social: Lições e Prevenções para o PER», in: *Sociedade e Território*, nº 20, Ed. Afrontamento, Porto, pp. 54-62

Ferreira, Vitor Matias (coord), (1997) – “Competitividade, Globalização Económica e polarização Social”, in Lisboa, a Metrópole e o Rio, Bizâncio, Lisboa, Cap 2, pp 49 – 67

Ferreira, Vítor Matias, (2004) – *Fascínio da Cidade: Memória e Projecto da Urbanidade*, Lisboa, ISCTE e Ler Devagar;

Flick, Uwe (2005) - “Métodos qualitativos na investigação Científica” Monitor – Projectos e edições Lda, Lisboa.

Fortuna, Carlos (1995) - Por Entre as Ruínas da Cidade: O Património e a Memória na Construção das Identidades Sociais, Coimbra: Oficina do CES – Centro de Estudos Sociais.

Fortuna, Carlos (org.) (1997) - *Cidade, Cultura e Globalização*, Oeiras: Celta

Fortuna, Carlos (1999) - Identidades, Percursos, Paisagens Culturais: Estudos Sociológicos de Cultura Urbana, Oeiras: Celta.

Fortuna, Carlos, Ferreira, Claudio e Abreu, Paula. (1998/1999) - Espaço público urbano e cultura em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais - 20 anos de teoria social.*

Fortuna, Carlos (2001) - “Introdução”, in Magda Pinheiro, Luís V. Baptista e Maria João Vaz (orgs.), *Cidade e Metrópole: Centralidades e Marginalidades.* Oeiras: Celta, 133 – 135.

Fortuna, Carlos (2002) — Culturas Urbanas e espaços públicos: Sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico *in* *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº63, Outubro, pp. 123-148

Fortuna, Carlos; Leite, Rogério (orgs.), (2009) - *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos,* Coimbra: CES, Almedina.

Frúgoli, Heitor, (2007) - *Sociabilidade Urbana,* Rio de Janeiro: Zahar

Gans, Herbert (1962) - *The Urban Villagers,* New York, The free press.

GAZETA DAS CALDAS DA RAINHA, (2005), “Refugiados nas Caldas da Rainha”, in *Gazeta das Caldas da Rainha*, de 21 de Outubro de 2005, p.4-5, Caldas da Rainha;

Ghiglione, Rodolphe e Benjamin Matalon (1997) - *O Inquérito – Teoria e prática,* Oeiras, Celta Editora.

Goffman, Erving. (1988) - *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.* Rio de Janeiro: Editora Guanabara. Rio de Janeiro, 4ª edição.

Goitia, Fernando Chueca (1982) – “Breve História do Urbanismo”, Editorial Presença, Lisboa;

Graça, M. S. (2007) - *Espaços Públicos e uso colectivo de Espaços Privados.* Lisboa: Cidades 10

Grafmeyer, Yves (1995) – “Sociologia urbana”, Europa-América, Mem Martins.

Gribaudo, Maurizio (2008) - “vestígios de uma modernidade apagada: A Paris popular da primeira metade do séc. XX” in “A Rua. Espaço, Tempo, Sociabilidade”, Edições: Livros Horizonte, Lisboa;

Guerra, Isabel (1994) - “As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas”, in: *Sociedade e Território*, nº20, Edições Afrontamento, Porto, pp. 11-16.

Guerra, Isabel (1997) - “Um olhar sociológico sobre o alojamento”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº24, Celta Editora, Oeiras.

Guerra, Isabel (1998) - “Grupos sociais, formas de habitat e estrutura do modo de vida”, *Sociedade e Território*, nº25, 26, Edições Afrontamento, Porto.

Guerra, Isabel (2000) - “O Planeamento Estratégico das Cidades”, in revista *Cidades: Comunidades e Territórios*, ISCTE-CET, Lisboa, (1): 37-55.

Hertzberger, H. (2006). *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes.

Indovina, F. (2002) - O Espaço Público: Tópicos sobre a sua Mudança. *Cidades - Comunidades e Territórios*, pp. 119-123.

Kaufmann, Jean-Claude (2006) - A Invenção de Si - Uma Teoria da Identidade. Coleção Epistemologia e Sociedade, Lisboa: Instituto Piaget

Kuschnir, Karina, (1999) – “Política, cultura e espaço urbano” in *Antropologia Urbana – Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

Lacaze, J. P. (1995). - *A Cidade e o Urbanismo*. Lisboa: Instituto Piaget,.

Lalanda, Piedade. (1998) - Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa Sociológica. In *Análise Social*, vol. XXXIII (148), 4.ª edição, pp.871-883.

Lamas, José M. Ressano Garcia. (2004) – “Morfologia Urbana e desenho da Cidade”, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Fundação Calouste Gulbenkian, 3º Edição, Porto, Junho.

Latour, Bruno. (2005) - Reagregando o social. Editora EDUFBA/Edusc.

Ledrut, Raymond. (1971) - *Sociologia Urbana*. Ed. Forense, Rio de Janeiro.

Ledrut, Raymond (1977) - *L'Espace en Question*, Anthropos, Paris.

Lee, Raymond M. (2003) - Métodos Não Interferentes em Pesquisa Social, Lisboa, Gradiva.

Lefebvre, Henry. (1998) - *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo, Ática.

Leite, Rogerio Proença (org.) (2008) - *Cultura e Vida Urbana. Ensaios sobre a Cidade*, São Cristóvão: UFS

Lessard-Hébert, M., Goyette, G. e Boutin, G. (1994) - *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*, Lisboa, Instituto Piaget, 1994.

Lynch, Kevin (2007) - *A Boa Forma da Cidade*. Lisboa: Edições 70.

Lynch, Kevin (2008) - *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70.

Lopes, João Teixeira (2000) - *A Cidade e a Cultura: Um Estudo sobre Práticas Culturais Urbanas*. Porto, Edições Afrontamento.

Machado, João Saavedra (1993) - “História e Geografia de Portugal”. 2º vol. Texto Editora. 2ª edição. Lisboa.

Magalhães, Dulce (1996) – “A taberna: usos do espaço e tempo”, in *Sociologia*, revista da Faculdade de Letras do Porto, nº6.

Magnani, José Guilherme Cantor (2002) — De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, nº 49 - São Paulo, Junho.

Magnani, J. Guilherme (2009) - *Etnografia Urbana*, In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério P. (orgs), *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*. Coimbra: Almedina.

Mela, Alfredo (1999) - A cidade, os símbolos, as culturas in *A sociologia das cidades*, Lisboa: Estampa

Moura, Dulce (2003) – “Riscos e Delinquências Juvenis em Contextos de Realojamentos – Identidades, Imagens e expectativas dos Jovens”, in *Revista Cidades: Comunidades e Territórios*, nº7, p19-36, CET/ISCTE, Dezembro, Lisboa.

Nunes, João P. S. e Baptista, Luís Vicente (2008) – “ A rua, lugar físico construído” in “A Rua. Espaço, Tempo, Sociabilidade”, Edições: Livros Horizonte, Lisboa.

Pais, José Machado (1993) - “Nas rotas do quotidiano”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº37.

Pais, José Machado (2003) – “Culturas Juvenis”, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2ª edição, Lisboa.

Pais, José Machado (2007) - “Sociologia da Vida Quotidiana: Teorias, métodos e estudos de caso”, ICS Editora Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa.

Pais, José Machado; Carvalho, Clara; Gusmão, Neusa Mendes (2009) - “O Visual e o Quotidiano”, ICS, Lisboa.

Park, Robert (1987) - “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano” in Velho, O. G. (org.), *O fenómeno urbano*, Rio de Janeiro, Guanabara.

Peixoto, Paulo (2000) - “Gestão estratégica das imagens das cidades”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, (56): 99-122.

Pinto, Teresa C. (1994), «A Apropriação do Espaço em Bairros Sociais: o Gosto Pela Casa e o Desgosto Pelo Bairro», in: *Sociedade e Território*, nº 20. Ed. Afrontamento, Porto, pp. 36-43.

PLANO DIRECTOR MUNICIPAL DO MUNICÍPIO DAS CALDAS DA RAINHA,
PDM de 2001;

PLANO DIRECTOR MUNICIPAL DO MUNICÍPIO DAS CALDAS DA RAINHA,
Relatório, 19 de Março de 2002;

Plano Director Municipal das Caldas da Rainha (2012)

Pujadas, Joan J. (2008) – “A rua como espaço público de sociabilidade: um olhar comparativo” in “A Rua. Espaço, Tempo, Sociabilidade”, Edições: Livros Horizonte, Lisboa.

Quinteiro, Margarida (2005) – “Cidade, espaço Social e Formação Profissional”, Tese de Mestrado, Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa.

Rémy, Jean e Voyé, Liliane (1981) - *Ville, Ordre et Violence. Formes Spatiales et Transaction Social*, PUF, Paris.

Rémy, Jean e Voyé, Liliane (1994) - *A Cidade: Rumo a uma nova Definição?*, Edições Afrontamento, Porto.

Ressano, L. (2010) - *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

REVISTA DA CAMARA MUNICIPAL DAS CALDAS DA RAINHA (2006),
“Descobrir o Município - Caldas Da Rainha”, in REVISTA MUNICIPAL DAS

CALDAS DA RAINHA, Edição da Câmara Municipal Caldas da Rainha, 2.^a Edição, Caldas da Rainha;

Rézio, Margarida (2012) – “TRANSFORMAÇÃO URBANA E VIVÊNCIA TERMAL, O CASO DAS CALDAS DA RAINHA”, Tese de Doutoramento em Sociologia Urbana, Território e Ambiente, Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa.

Ribeiro, Andreia Fernanda Silva (2015) - Possibilidades de reabilitação urbana em bairros sociais. Estudo de caso: Bairro Social de Santa Tecla, Braga. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho.

Ribeiro, Luíz César de Queiroz (2003) – “Segregação Residencial e políticas Públicas – Análise do Espaço Social da Cidade na Gestão do Território”, in Revista Cidades: Comunidades e Territórios, nº6, p33-45, Junho, Lisboa;

Rodrigues, Luís Nuno; Tavares, Mário. (1993) - “Terra de Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura”. Edição da Câmara Municipal das Caldas da Rainha.

Salgueiro, Teresa Barata (1977) - “Bairros clandestinos na periferia de Lisboa”, *Finisterra*, Vol. XII, 23, Lisboa.

Salgueiro, Teresa Barata (1999). A cidade em Portugal, uma geografia urbana. Porto. Edições Afrontamento.

Salgueiro, Teresa Barata, (2000) – “Fragmentação e exclusão nas metrópoles”, in revista Sociedade e Território Revista de Estudos Urbanos e Regionais, nº30, p16-26, Março, Edições Afrontamento, Porto;

Salgueiro, Teresa Barata, (2001) – “Lisboa, Periferia e Centralidades”, Celta Editora, Oeiras.

Santos, Ana (2008) – Construção urbana de origem ilegal – capital social e percepção de problemas, Universidade Técnica de Lisboa Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Tese de Mestrado, UTL/ISCSP, Lisboa.

Serra, João; Machado, J. Saavedra; Tavares, Mário; Costa L. (1993) - “Terra de Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura”, edição: Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1ª edição.

Serra, João B. (1993) - “Caldas da Rainha um século atrás: cronologia do ano Caldense de 1892”, in “Terra de Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura”, edição: Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1ª edição.

Sieber, Tim (2008) - “ Ruas da cidade e sociabilidade pública: um olhar a partir de Lisboa”, in “A Rua. Espaço, Tempo, Sociabilidade”, Edições: Livros Horizonte, Lisboa;

Silvano, Filomena (1997) - “*Territórios da Identidade: : Representações do espaço em Guimarães, Vizela e Santa Eulália* ”, Celta Editora, Oeiras

Silvano, Filomena (2001) – “Antropologia do Espaço”, Celta Editora, Oeiras;

Soure, Dulce e Ximenes, Mariana (1995/1998) – “Marcas da II Guerra em Caldas da Rainha”, Edição do PH – património Histórico, Grupo de Estudos e da Câmara Municipal das Caldas da Rainha, Caldas da Rainha.

Tavares, Mário (1993) - “aspectos do quotidiano caldense no 3º quartel do século XIX”, in “Terra de Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura”, edição: Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1ª edição.

Taylor, S. J. E Bodgan, R. (1986, or. 1984) - Introducción a los métodos cualitativos de investigación. Barcelona: Paidós.

Vala, J. (1986) - A análise de Conteúdo. In A. Santos Silva, & J. Madureira Pinto (Orgs.). Metodologia das Ciências Sociais, Porto. Afrontamento.

Vaz, Domingos (1996) - “Sobre a rede urbana da Beira Interior: coesão e integração do território”, *Actas do IV Encontro Nacional da APDR*, Universidade da Beira Interior, Covilhã.

Velho, Gilberto (1999) – “Antropologia Urbana – Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal”, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro;

Vera, ASTI (1989) - “Metodología de la Investigación”; Editorial Kpelusz S.A, Madrid.

Vidal, Frédéric (2008) – “ A rua como lugar de referência. Identificando domicílios em Lisboa no séc XX” in “A Rua. Espaço, Tempo, Sociabilidade”, Edições: Livros Horizonte, Lisboa;

WEBGRAFIA (ENDEREÇOS ELECTRÓNICOS)

Instituto Geográfico Português. Disponível em:
<http://scri.igeo.pt/2004/mapasGooglepeter.asp> (consultado em 12/12/2010)

www.cm-caldas-rainha.pt

www.jornaldascaldas.com

<http://maps.google.com/maps>

www.portaldahabitacao.pt/pt/ihru/historico/igaphe.html

http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/REDE_SOCIAL

